



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

ANA CLARA ESCÓRCIO XAVIER

***NÓS E A GENTE* NO MODERNISMO BRASILEIRO:
UM CAMINHO DIACRÔNICO**

Brasília

2017

ANA CLARA ESCÓRCIO XAVIER

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

***NÓS E A GENTE* NO MODERNISMO BRASILEIRO:
UM CAMINHO DIACRÔNICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos necessários à obtenção de LICENCIADA EM LETRAS PORTUGUÊS.

Orientador: Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

Brasília

2017

Dedico este trabalho à comunidade acadêmica de
Letras Português da Universidade de Brasília.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar meu caminho e ter me dado saúde e força para superar todas as dificuldades.

À minha querida orientadora Uli, pela paciência, atenção, confiança e por todo o apoio durante a construção deste trabalho. Incluo, também, a incrível oportunidade de nos tornarmos mais próximas.

À Prof.^a Dr.^a Adriana de Fátima Barbosa Araújo pelas dúvidas sanadas sobre o movimento literário do Modernismo brasileiro.

Ao meu admirado e querido Edmílson Caminha, vulgo tio Harry, por sempre atender aos meus questionamentos e por todo o carinho.

À minha amada mãe e meu amado Cabralzito, por todo amor e toda compreensão em casa durante esses anos.

Ao meu amado pai, que, mesmo distante, se faz presente.

Ao meu namorado e melhor amigo Eric, pela incrível paciência, cumplicidade e gentileza.

Aos meus amigos e colegas de curso, que alegraram e alegram os meus dias.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

Pronominais

*Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.*

(Oswald de Andrade, 1971)

RESUMO

Este trabalho visa reunir os campos de estudos da Sociolinguística e da Literatura com o objetivo de analisar o fenômeno de uso variável da primeira pessoa – representado pelas variantes *nós* e *a gente* – no contexto da segunda e da terceira fase do Modernismo brasileiro, escola literária do início do século XX até meados da década de 1970 no País. A finalidade precípua foi traçar um caminho diacrônico para a investigação, dentro da Sociolinguística Variacionista, da evolução do uso de cada uma dessas variantes nos escritos dos autores e das autoras dessas duas fases – Jorge Amado e Rachel de Queiroz para a segunda, e Guimarães Rosa e Clarice Lispector para a terceira –, buscando identificar, nos meandros linguísticos e no seio da sociedade da época, quais os fatores estruturais ou internos e sociais ou extralinguísticos que estariam condicionando a vitória, uso mais acentuado, ou a derrota, uso mais restrito ou nulo de cada uma das variantes em cotejo. O estudo teve por base, no terreno da Sociolinguística, as obras de Cezario e Votre (2008), Alkmim (2003), Tarallo (1994), Preti (1977), dentre outros autores. No terreno da Literatura, as referências foram as obras de Abdala Júnior (1989), Antonio Candido (1999), Dacanal (1982), Castello (2004), Ávila (1975), dentre outras. A conclusão deste estudo foi a de que, tanto o segundo quanto o terceiro período do Modernismo brasileiro, o conjunto de dados analisados retrata o uso variável de *nós* e *a gente* de maneira equilibrada, demonstrando avaliação neutra na escolha de uma ou de outra variante para figurar nas obras literárias selecionadas para representar os dois períodos.

Palavras-chave: Sociolinguística; Literatura; Modernismo brasileiro; nós; a gente.

RESUMEN

Este trabajo busca reunir los campos de estudios de la Sociolingüística y de la Literatura con el objetivo de analizar el fenómeno de uso variable de primera persona – representado por las variantes *nós* y *a gente* – en el contexto de las segunda y tercera fases del Modernismo brasileño, corriente literaria del inicio del siglo XX hasta la década de 1970 desarrollada en Brasil. La finalidad precoz fue trillar un camino diacrónico para la investigación, dentro de la Sociolingüística Variacionista, de la evolución del uso de cada una de esas variantes en las escrituras de autores y autores de esas dos caras – Jorge Amado y Rachel de Queiroz para la segunda, y Guimarães Rosa y Clarice Lispector para la tercera –, buscando identificar, en los meandros lingüísticos y en el pecho de la sociedad de la época, cuales los factores estructurales o internos y sociales o extralingüísticos que estarían condicionando a la victoria, uso más acentuado, o la derrota, uso más restricto o nulo de cada una de las variantes en cotejo. El estudio tuvo como base, el terreno de la Sociolingüística, las obras de Cezario y Votre (2008), Alkmim (2003), Tarallo (1994), Preti (1977), entre otros. En el terreno de la Literatura, las referencias fueron las obras de Abadala Júnior (1989), Antonio Candido (1999), Dacanal (1982), Castello (2004), Ávila (1975), entre otros autores. La conclusión de este estudio fue la de que, tanto en el segundo cuanto el tercero periodo del Modernismo brasileño, el conjunto de datos investigados retrata el uso variable de *nós* y *la gente* de manera equilibrada, demostrando evaluación neutra de elección o de una o de otra variante para figurar en las obras literarias seleccionadas para representar los dos periodos.

Palabras-clave: Sociolingüística; Literatura; Modernismo brasileño; *nós*; *a gente*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1. METODOLOGIA.....	12
2. REVISÃO DA LITERATURA	16
2.1. Elementos da Linguística e da Sociolinguística	16
2.1.1. <i>Língua oral e língua escrita</i>	16
2.1.2. <i>Variação linguística</i>	19
2.1.3. <i>Mudança linguística</i>	22
2.1.4. <i>Norma linguística</i>	24
2.1.5. <i>Preconceito linguístico</i>	25
2.2. Elementos da Literatura	27
2.3. Leituras (re)visitadas sobre o fenômeno em pauta.....	30
2.3.1. <i>Nós e a gente – percurso diacrônico</i>	30
2.3.2. <i>Nós e a gente – a questão do paradigma flexional na gramática</i>	31
2.3.3. <i>Nós e a gente – obras sociolinguísticas</i>	33
3 ANÁLISE DOS DADOS	37
3.1. Condicionamentos Sociais.....	37
3.1.1. <i>Variável tempo (período literário)</i>	37
3.1.2. <i>Variável zona/localidade</i>	44
3.1.3. <i>Variável sexo</i>	50
3.2 Condicionamentos Linguísticos.....	56
3.2.1. <i>Paralelismo formal</i>	56
3.2.2. <i>Preenchimento do sujeito</i>	59
3.2.3. <i>Marca morfêmica</i>	59
3.3. Interação e Avaliação – o que dizem os dados e a sociedade.....	65
3.3.1. <i>Interação das Variáveis Linguísticas e Sociais – visão geral</i>	65
3.3.2. <i>Interação das Variáveis Linguísticas e Sociais – visão específica</i>	69
3.3.3. <i>Os dados e a avaliação da Variável Dependente nós/a gente no contexto social do Modernismo brasileiro</i>	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
BIBLIOGRAFIA	87
ANEXOS	91
APÊNDICES	93

*Cuidado, senhores da camelote, a verdadeira cultura
e a verdadeira arte vencem sempre.*

(Oswald de Andrade, 1920)

APRESENTAÇÃO

Em 1922, cem anos após a Independência do Brasil, artistas, dentre eles escritores, escritoras, pintores, pintoras, reuniram-se para a decisiva Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Embora esses indivíduos já ensaiassem uma revolução na arte brasileira anos antes, foi a partir desse marco cronológico que a literatura do País se modificou.

É notável, porém, que esse novo acontecimento não tenha sido aceito de maneira afável pelo público, como na maioria das inovações artísticas. No Romantismo brasileiro, “quando o instinto de nacionalidade passou a revelar-se com indiscrição maior na pena poderosa de José de Alencar,¹ o fato se revestiu das características de escândalo literário” (CUNHA, 1986, p. 13). Não foi diferente com o Modernismo, já que muitos críticos prezavam a norma padrão e culta em obras literárias. Dessa forma, esse movimento se desfez dos padrões formais da estética literária e, além disso, envolveu a poesia e a prosa com a linguagem coloquial e original que se fazia presente no cotidiano dos brasileiros, defendendo, assim, uma língua nacional.

Nesse sentido, o movimento modernista no Brasil consagrou-se como um importante feito para o Português brasileiro (PB). Por meio do nacionalismo exacerbado, percebem-se mudanças na escrita que se concretizam por representações de formas orais próprias brasileiras, principalmente as de cunho regionalistas, retratadas no segundo período desse importante movimento. Muitos autores, como Celso Cunha e Luiz Carlos Lessa, sabem que “a literatura modernista não criou e consagrou a ‘língua brasileira’” (LESSA, 1976, p. 1), mas compreendem que o Português brasileiro consegue atingir determinada emancipação do Português europeu (PE).

Tais mudanças, gramaticais e lexicais, ocorriam e eram reconhecidas e defendidas por escritores renomados como Mário de Andrade, em uma carta a Manuel Bandeira: “Os portugueses dizem ir à cidade. Os brasileiros: na cidade. Eu sou brasileiro. (...) Brasileiros, chegou a hora de realizar o Brasil” (MORAES, 2000, pp. 146-147). Nessa perspectiva, as

¹ José Martiniano de Alencar (Messejana-CE, 1829 – Rio de Janeiro-RJ, 1877) foi um escritor do Romantismo brasileiro, notável por ter sido o fundador do romance de temática nacional, e por ser o patrono da cadeira de n. 23, por escolha de Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<https://goo.gl/PyvXsF>>. Acesso em: 19 set. 2017.

diferenças gramaticais e lexicais eram utilizadas para aproximar o brasileiro de sua realidade e cabia aos modernistas batalhar contra a correção, o conserto de pronomes e “a revisão do caçanje brasileiro que fere o bom ouvido peninsular”, como afirmou Rachel de Queiroz. (LESSA, 1976, p. 2).

É nesse contexto de modificação linguística durante a fase literária modernista que será focado este estudo. Dentre as realizações gramaticais que migraram da fala para a escrita, no período, será estudado o uso dos pronomes *nós* e *a gente* e suas variações em obras da segunda e terceira fases do Modernismo brasileiro para acompanhar a evolução diacrônica desse fenômeno.

É importante estudar esse objeto dentro da linguística, pois, como se sabe, a língua muda e está em constante variação. Nesse contexto, sabe-se, também, que a língua escrita é mais conservadora que a língua falada “e o contraste entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores em expansão na fala que não encontramos na escrita” (FARACO, 2005, p. 24). Dessa forma, para a literatura, é importante perceber que o intuito da literatura modernista foi o de desconstruir qualquer paradigma existente: esmaecer o uso conservador da língua escrita e priorizar temas brasileiros, diminuir a distância entre escrita e fala, além de utilizar formas culturais próprias na escrita, preferindo palavras e organizações sintáticas próprias do português do Brasil, do que as que compõem as tradicionais gramáticas de herança portuguesa.

A relevância de um estudo dessa natureza justifica-se, essencialmente, na necessária união da linguística e da literatura dentro do curso de Letras Português. Durante todos os períodos cursados, sempre encontrei pessoas que se definiam como sendo apenas de um desses ramos; eu nunca quis separá-los e, sim, agregá-los. Também nunca entendi o real motivo do distanciamento dessas duas áreas, mas o que compreendi é que me senti desafiada em unificá-las neste trabalho de conclusão de curso. Ademais, quis compreender o uso da variante linguística *a gente* em relação ao pronome *nós* – este que faz parte da norma padrão – em um período de transformações na literatura e, conseqüentemente, na escrita. Desse modo, as modificações feitas por esse movimento literário trouxeram, para a sociedade brasileira, determinada liberdade linguística, pois essa comunidade sempre fora influenciada pelas determinações da gramática tradicional.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo geral promover essa reunião das áreas de Letras Português, linguística e literatura, para observar, descrever e analisar o fenômeno *nós* e *a gente* por meio de obras do segundo e do terceiro períodos do Modernismo brasileiro, procurando traçar, por meio de obras selecionadas dos dois períodos, uma linha diacrônica

para descrição e explicação do uso e fixação dessas duas variantes para a terceira pessoa do plural. Dessa forma, pretende-se encontrar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam este fenômeno; além disso, identificar o predomínio de *nós* ou de *a gente* em cada período analisado.

Para efetivar esses objetivos, foram elaboradas algumas questões de pesquisa: como o segundo e o terceiro período do Modernismo brasileiro vão retratar o uso do fenômeno *nós* e *a gente*? Será que, depois das mudanças consideráveis na escrita do primeiro período do Modernismo brasileiro, no segundo momento, de temática mais regionalista, existe ainda uma competição entre esses dois pronomes? E o terceiro período: como estava ocorrendo o uso desse fenômeno? São estas as perguntas que deverão ser respondidas neste trabalho.

Estruturalmente, o trabalho encontra-se organizado em três capítulos. São eles: Metodologia; Pressupostos teóricos; e Análise dos dados. No primeiro capítulo, serão abordadas as áreas de pesquisa: a Sociolinguística e a Literatura. Ademais, a coleta de dados e a escolha das variáveis serão especificadas ainda nesse capítulo. O segundo capítulo trará conceitos elementares da Sociolinguística e o fenômeno da variação de *nós* e *a gente*, além de contextualizar a Literatura. Já o terceiro capítulo será composto de análise dos dados obtidos nas obras escolhidas do segundo e terceiro períodos do Modernismo. Por fim, as conclusões finais trarão respostas e impressões adquiridas por este estudo.

Isto posto, passo para o primeiro capítulo, *Metodologia*, cujo conteúdo situará o leitor deste trabalho quanto à área principal a ser desenvolvida aqui – a Sociolinguística. Além disso, as obras literárias escolhidas serão apresentadas, assim como será explicado de que modo ocorrerá a análise.

*Abaixo os puristas.
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais.
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção.*

(Manuel Bandeira, 1974)

1. METODOLOGIA

Este item tratará da metodologia, observando o surgimento da Sociolinguística e seus aspectos principais, para tanto revisando obras concentradas em autores como Alkmim (2003), Cezario e Votre (2008), e Tarallo (1994). O foco será também descrever a Teoria da Variação, de Labov, e a organização da variação linguística.

O presente estudo está inserido no âmbito da Sociolinguística, área dentro da Linguística que trata das relações entre linguagem e sociedade, de acordo com Alkmim (2003, p. 21). Nesta mesma perspectiva, para Cezario e Votre (2008, p. 141):

a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

A Sociolinguística surgiu em 1964 em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia (UCLA), nos Estados Unidos, e contou com a participação de estudiosos da linguística voltados para a questão central dessa inovadora área: linguagem e sociedade. Entretanto, “a tradição de relacionar [...] língua, cultura e sociedade está presente na reflexão de vários autores do século XX” (ALKMIM, 2003, p. 24), não só de linguistas, mas também de estudiosos formados em campos das ciências sociais, como o da antropologia.²

Nesse congresso, Bright (1974, p. 34 *apud* ALKMIM, 2003, p. 28) propôs para a Sociolinguística “relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade”, ou seja, Bright visou trabalhar sincronicamente a língua, apresentando características estáticas e descritivas, referindo-se à situação linguística naquele determinado momento. Entretanto, a Sociolinguística não separa a sincronia da diacronia; dessa maneira, de acordo com Cezario e Votre (2008, p. 152), “a sociolinguística tanto descreve o que ocorre nas diferentes comunidades de fala, tendo em vista diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos, como dá explicações relativas às tendências de mudanças”.

² O antropólogo Dell Hymes (1977) concebe a sociolinguística como um campo que inclui contribuição de várias disciplinas, como a sociologia, a linguística, a antropologia, a educação, a poética, o folclore e a psicologia. Ver mais em: CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, M. E. (Org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008. p. 146.

Estudiosos como William Labov já desenvolviam trabalhos sobre o tema antes do importante congresso na UCLA. Porém, é em 1963 que Labov publica e fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas. Assim, Labov aponta como fatores sociais – idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude – são decisivos na explicação da variação linguística. Este modelo fica conhecido como Teoria Variacionista.

Nesse sentido, um dos termos dessa teoria – *variante linguística* – é empregado para identificar uma forma que é usada concomitantemente à outra forma na língua sem que ocorra mudança no significado. E o uso de variantes ocorre naturalmente nas línguas, dentre elas no Português brasileiro, posto ser a língua é uma estrutura maleável. De acordo com Cezario e Votre (2008, p. 141), “a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos”, como apontado por Labov (fatores sociais).

Para Tarallo (1994, p. 8), as “‘variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”. Lucchesi e Araújo (2017) dividem essas variáveis linguísticas em dependentes e independentes:

[...] a variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; por exemplo, a aplicação da regra de concordância nominal, as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as *variáveis explanatórias ou independentes*.

É nesse contexto que a pesquisa sociolinguística seleciona o seu objeto de estudo – “a língua falada em situações naturais, espontâneas, em que supostamente o falante se preocupa mais com *o que* dizer do que com *o como* dizer” (CEZARIO e VOTRE, 2008, p. 149) – para então construir seu modelo teórico. Dessa maneira, é de responsabilidade do pesquisador linguista estabelecer, por meio da análise, as variáveis linguísticas que sejam relevantes para uma descrição e uma interpretação daquele fenômeno em estudo.

A variação linguística encontra-se organizada em três parâmetros maiores: região, sociedade e estilo, que convencionou chamar-se de variação regional ou geográfica; variação social; e variação de registro. O primeiro é associado a distâncias territoriais; o segundo, a grupos sociais distintos, envolvendo os fatores sociais – ou extralinguísticos – citados anteriormente. Por fim, o terceiro “tem como variantes o grau de formalidade do contexto

interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta, etc.” (CEZARIO E VOTRE, 2008, p. 145).

De acordo com Cezario e Votre (2008, p. 150), a pesquisa sociolinguística é feita da seguinte forma:

O sociolinguísta procura recolher um grande número de dados através da gravação em fitas magnetofônicas de um número considerável de informantes. Hoje todos os tipos de produção linguística são gravados. Na busca da fala menos monitorada, costuma-se pedir aos informantes para produzirem narrativas de experiência pessoal, para que o envolvimento emocional com o assunto narrado os fizesse produzir um discurso espontâneo, informal.

Tarallo também segue essa linha de pesquisa. De acordo com este autor (1994, p. 33), para ser um bom pesquisador, é imprescindível que, primeiramente, “apresente, defina e caracterize detalhadamente” cada uma dessas variáveis. Este linguista se baseou no método de entrevista sociolinguística, cuja realização é feita pela de narrativas de experiência pessoal. Nesse contexto, Tarallo (1994, p. 21) assegura:

o pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo e deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. [...] Seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem. A palavra "língua" deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar.

Foram aplicados pressupostos desse método de pesquisa variacionista neste trabalho, porém é importante frisar que não foram gravados dados e nem utilizados informantes reais e, sim, foram analisadas obras literárias as quais apresentam personagens fictícios, entretanto que retratam um contexto real.

Para a Sociolinguística, “a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico” (ALKMIM, 2003, p. 42). Nesse contexto, observa-se que “o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social” (ALKMIM, 2003, p. 31). Assim, é nessa perspectiva que este trabalho pretende ser realizado, porém analisando o registro dessa língua falada na escrita, por meio de obras que ficaram conhecidas em todo território nacional – quiçá mundial, levando ao mundo o Português brasileiro.

Foram selecionadas, para a análise deste trabalho, quatro obras literárias da prosa do Modernismo brasileiro, que compõem o ambiente de estudo da presente pesquisa. Mais adiante, os motivos de escolha serão revelados. Assim, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queirós, *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de

João Guimarães Rosa, publicada no livro de estreia na prosa *Sagarana* (1946), e *Perto do coração selvagem* (1943), de Clarice Lispector, foram lidas e estudadas, e o fenômeno do uso de *nós* e *a gente* foi analisado e pesquisado, também, com o auxílio do programa de computador *Adobe Reader*.

Nesse contexto, a análise será feita a partir do modelo quantitativo da Sociolinguística, cujos dados coletados serão organizados em tabelas e gráficos para investigar o fenômeno *nós* e *a gente* na literatura modernista brasileira. Assim, se preestabelece que as variáveis extralinguísticas a serem utilizadas serão as de *região* (rural ou urbana), *sexo* (masculino ou feminino) e *período* (segunda e terceira geração da escola literária modernista). As variáveis linguísticas serão abordadas ao decorrer do estudo.

No próximo capítulo, o da *Revisão da Literatura*, a literatura será ambientada neste estudo sociolinguístico e o objeto de estudo será melhor desenvolvido por meio de embasamento teórico e revisão de conceitos da Sociolinguística.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

(Oswald de Andrade, 1924)

2. REVISÃO DA LITERATURA

Este item é composto das discussões que permeiam a relação Linguística-Literatura que embasarão este trabalho. Assim, nesta parte, serão encontrados os elementos teóricos da Linguística – mais precisamente da área central desta investigação, a Sociolinguística –, elementos da Literatura e algumas abordagens sobre o fenômeno estudado neste trabalho.

2.1. Elementos da Linguística e da Sociolinguística

Serão vistos neste subtítulo alguns elementos teóricos essenciais para o estudo sociolinguístico que, ora, se desenvolve. Tais elementos selecionados subdividem-se em: *2.1.1 Língua oral e língua escrita; 2.1.2 Variação linguística; 2.1.3 Mudança linguística; 2.1.4 Norma linguística; e 2.1.5 Preconceito linguístico*. A exposição será feita de maneira breve, apenas para apresentar o estado de coisas no que se refere aos pressupostos teóricos da Sociolinguística.

2.1.1. Língua oral e língua escrita

De acordo com Ferdinand Saussure, considerado o pai da linguística moderna, “a língua é um sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”. Assim, a língua funciona como um sistema de signos convencionais que propicia aos membros de uma sociedade a possibilidade de comunicação; ademais, segundo Preti (1977, p. 2), ela “funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua”.

Para Marcuschi (2007, p. 14), a língua é “um dos bens sociais mais preciosos e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época, povo e cultura”. Além disso, completa o autor ela é também “uma prática social que produz e organiza as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento”. Todavia, é válido considerar que a língua constitui-se de um sistema de regras existentes e que deve ser obedecido, pois, de maneira contrária, os indivíduos não conseguiriam se comunicar. Dessa maneira, ainda de acordo com Marcuschi (2007, p. 16), “existem, portanto, regras a serem observadas tanto na fala como na

escrita,³ mas essas regras são bastante elásticas e não impedem a criatividade e a liberdade na ação linguística das pessoas”.

Por muito tempo, devido à concepção que se tinha de que a fala se dava no âmbito do uso real da língua, o que impedia um estudo sistemático pela enorme variedade de “falares”, toda a análise da relação entre fala e escrita ficou bastante prejudicada na Linguística. Isso ocorreu porque esta ciência dava preferência à análise dos fenômenos do sistema da língua e não aos usos e ao funcionamento da língua, falada ou escrita (MARCUSCHI, 2007, p. 24). Assim, foi estabelecido com a Sociolinguística, surgida em 1964 no congresso organizado por William Bright, que a fala se organiza diferentemente da escrita; desse modo, pode-se estabelecer, de forma mais clara, que o padrão escrito não é expressão gráfica de nenhuma modalidade oral.

A Sociolinguística se preocupa, em especial, com as variações de fala e sua correspondência com as variações sociológicas. Entretanto, conforme Preti (1977, p. 38), “os sociolinguistas não podem, nem devem ignorar o papel da língua escrita e, particularmente, da língua literária sobre os hábitos linguísticos, modificando-os e contribuindo para sua natural evolução”.

A língua literária, de uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, não perdeu sua ligação com a realidade falada (PRETI, 1977, p. 38). Nesse contexto, é importante ressaltar que a própria Linguística, em considerável parte de sua trajetória, baseou-se em documentos escritos, na falta de materiais gravados, e, dessa maneira, reconstituiu, às vezes, toda uma época de língua falada. Um exemplo disso é o Latim vulgar, falado pelo povo, registrado em documentos escritos que relevavam a influência popular, sobreposta, ao decorrer do uso e do tempo, ao registro gramatical do Latim culto, falado apenas por uma camada menor da sociedade, pessoas cultas e escolarizadas. Assim, de acordo com Preti (1977, p. 42), “a língua escrita sempre se constituiu, em todas as épocas, um fator de unidade linguística, pois suas transformações são bem mais lentas do que as apresentadas continuamente pelo ato de fala no tempo e no espaço”.

É nessa perspectiva que Preti (1997, p. 30) admite serem três os agentes principais que atuam sobre a língua de uma comunidade, corroborando para a sua unidade: a escola, a literatura e os meios de comunicação em massa. A começar, fica como responsabilidade da

³ Para Marcuschi, resume-se em: “a expressão *fala*, designamos as formas orais do ponto de vista do material linguístico e de sua realização textual-discursiva. O mesmo acontece com a expressão *escrita*, que será usada para designar o material linguístico da escrita, ou seja, as formas de textualização na escrita”. MARCUSCHI, L. A. Fala e escrita. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p. Disponível em: <<https://goo.gl/jsgP2E>>. Acesso em: 27 set. 2017. p. 32.

escola manter uma padronização da linguagem, principalmente, a da língua escrita, baseando-se nos níveis mais altos de linguagem, tomando como exemplo os grandes escritores. Essa instituição também se fundamenta no ensino da norma culta, por meio da qual se estabelecem padrões linguísticos mais elevados, que, supõe-se, possam vir a influir sobre os hábitos individuais, à medida que os locutores elevem seu grau de instrução.

Já a Literatura acompanha os padrões estéticos da linguagem, vigentes nas várias épocas. De acordo com Preti (p. 31), “a sua tendência será aproximar-se ou afastar-se da *fala*, adquirindo feição ‘purista’ ou popular” e é isto que será mostrado mais adiante neste trabalho. Assim, realiza-se a Literatura por meio da língua escrita, na qual as liberdades e os abusos da língua falada podem impedir a compreensão do leitor.

Por fim, os meios de comunicação de massa constituiriam o mais importante fator determinante que atua sobre a norma, criando um verdadeiro condicionamento linguístico e até social (PRETI, 1977, p. 31). Neles predominam as formas de linguagem da cidade, que rapidamente são difundidas pelo País. Nesse sentido, as falas mais típicas uniformizam-se, as práticas linguísticas seculares modificam-se, o vocabulário regional altera-se, assim como o próprio ritmo da língua. Desse modo, percebe-se que os meios de comunicação têm exercido uma significativa influência no sentido de aproximar a língua falada da escrita.

Segundo Marcuschi (2007, p. 26), “existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é que a fala veio *antes* da escrita”. Dessa maneira, a partir da cronologia, a fala tem supremacia sobre a escrita, mas, a partir do prestígio social, a escrita tem predominância sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas. Nesse contexto, a superioridade que se atribui à escrita traz consequências estigmatizadoras para determinadas formas orais, em especial de indivíduos ou grupos com menor escolaridade. Assim, em dadas ocasiões, a fala pode levar à rotulação do sujeito, mas a escrita não produz esse efeito com tanta facilidade.

Nessa perspectiva, em comparação ao conceito de Saussure, Marcuschi (2007, p. 31) acrescenta que “a língua é muito mais um conjunto de práticas discursivas do que apenas uma série de regras ou um sistema de formas simbólicas”. Assim, Marcuschi (2007, p. 25, grifos meus) argumenta:

tanto a fala como a escrita acompanham em boa medida a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as formações e as representações sociais. Não se trata de um espelhamento, pois a língua não reflete a realidade, e sim ajuda a constituí-la como atividade. Trata-se, muito mais de uma funcionalidade que está muito presente na fala. **A formalidade ou a informalidade na escrita e na oralidade não são aleatórias, mas se adaptam às situações sociais.** Essa noção é de grande importância para perceber que **tanto a fala como a escrita têm realizações estilísticas bem variadas com graus de**

formalidade diversos. Não é certo, portanto, afirmar que a fala é informal e a escrita é formal.

Estabelece-se que não há uma forma linguística que marque com absoluta segurança a delimitação entre a fala e a escrita. Dessa maneira, “não existe uma preposição, um pronome, um artigo, uma forma verbal, etc., que seja exclusiva da oralidade ou da escrita” (MARCUSCHI, 2007, p. 18). Entretanto, existe uma entidade superior, que mantém a coesão e representa o ideal linguístico da comunidade, que pode ser chamada de norma culta. Em suma, é esta que é ensinada tradicionalmente pela escola, além de ser a que se adequa para a comunicação falada das pessoas urbanas cultas.⁴

2.1.2. *Variação linguística*

“A língua é uma estrutura maleável”⁵ que muda ao decorrer do tempo, pois novas situações históricas surgem e fazem com que os indivíduos se adaptem. Assim, a língua apresenta variações. De acordo com Ataliba de Castilho (2010, p. 147), variação e mudança são propriedades linguísticas que não impedem a intercompreensão, porque obedecem a uma sistematicidade e a uma regularidade, comprovadas por pesquisas de sociolinguistas e de linguistas históricos.

Nesse contexto, para que ocorra uma comunicação, locutor e interlocutor desenvolverão seu diálogo por meio de sua obrigatória integração em características sociais involuntárias (sua origem geográfica, nível sociocultural, idade, sexo) e por escolhas voluntárias (seleção de canal para comunicação e de um registro adequado à interação) (vd. CASTILHO, 2010, p. 147).

Comentou-se, ainda no capítulo da *Metodologia*, item (iii), que a variação linguística encontra-se organizada em três parâmetros maiores: região, sociedade e estilo, que convencionou chamar-se de variação regional ou geográfica; variação social; e variação de registro. Entretanto, alguns autores, como Ataliba de Castilho, acrescentam outras variações aos estudos; nesse caso, este autor adicionou as variações individual, de canal e a temática. Assim, cada variação é organizada por um conjunto de variantes (usos linguísticos considerados relevantes para a caracterização de uma variedade).

⁴ Para maiores detalhes sobre o assunto, leia com profundidade Preti. PRETI, D. Sociolinguística: os níveis de fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977. p. 33.

⁵ Para mais informações sobre o tema, leia Cezario e Votre. CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008. p. 146.

A variação geográfica é a mais perceptível em todas as variedades do Português brasileiro. Há nela uma correlação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que eles vão deixando em sua produção linguística (CASTILHO, 2008, p. 148). De acordo com Preti (1977, pp. 15-16), o conjunto das variações geográficas, ou seja, as variedades geográficas, é responsável pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos e de falares locais e, conseqüentemente, conduzem aos linguajares urbano (mais próximo da linguagem padrão da comunidade) e rural (mais conservadora e isolada).

A variação sociocultural considera que cada falante procede de um segmento diferente da sociedade, dessa forma é a associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis, como faixa etária, grau de escolaridade, procedência etc. (CEZARIO e VOTRE, 2008, p. 145). Para Castilho (2010, p. 204), essa variação leva em consideração as variáveis (i) falante não escolarizado; e (ii) falante escolarizado. Vale adiantar que estas variáveis são diferentes entre si, porém não chegam a dificultar a intercomunicação.

Nesse contexto, analfabetos usam o Português popular, ou a variedade não culta, e os letrados, o Português culto, ou a variedade padrão; entretanto, nota-se um uso maior do Português popular. Essa circunstância lembra bastante à que ocorria nos tempos clássicos, no qual o Latim culto era o imposto, porém o que vigorava era o Latim vulgar, aquele falado pelo povo. Retomando ao pensamento de Castilho (2010, p. 205), ressalta-se que nenhum indivíduo é falante exclusivamente do Português popular ou do Português culto, mas que há no Português brasileiro, e em outras línguas, uma variedade linguística de maior prestígio denominada língua padrão, norma culta.

Ademais, o que ainda compõe a variação sociocultural, segundo Preti (1977, pp. 17-23), são as variantes de idade, sexo, raça, profissão, posição social, local em que reside na comunidade, além das variantes relacionadas ao contexto, como ambiente, tema, estado emocional do falante e o grau de intimidade dos falantes. Todavia, as variantes de registro, idade e sexo fazem parte, para Castilho (2010, p. 211), da variação individual.

É importante ressaltar a variante de registro, pois ela corresponde a diferentes graus de intimidade que caracterizam o espaço social interindividual. Nessa perspectiva, a língua produzida segundo esse eixo é denominada registro, em que se reconhece o PB informal e o PB formal (CASTILHO, 2010, p. 211). Essa variante relaciona-se aos fatores situacionais de Preti (1997, p. 22), nos quais as circunstâncias são criadas pela própria ocasião, lugar e tempo em que as falas se realizam, e também se referem às relações que unem o falante e o ouvinte no momento do diálogo.

A variação de canal trata-se da língua fala, quando há presença de interlocutor, e da língua escrita, quando há ausência de interlocutor; assim, estuda-se a oralidade e a escrita. Nesse sentido, o estudo da oralidade é marcado por segmento conversacionais recolhidos de memória (CASTILHO, 2010, p. 212), em um momento mais remoto, e por uso de gravador de voz.⁶ É perceptível que a oralidade é rica em sua fonética, fonologia, morfologia, sintaxe.

O estudo da escrita da escrita também é bastante produtivo, a começar pela sua especificidade, sendo uma delas a de que a língua escrita, assim como a falada, são manifestações autônomas da linguagem. É nesse contexto de prosperidade que se expõe: a língua escrita tem duas grandes variedades que devem ser consideradas, a língua escrita corrente, mais conservadora, e a língua escrita literária, de finalidade artística, desenvolvida adiante.⁷

Por fim, a variação temática (CASTILHO, 2010, p. 223) tem a ver com o modo como se trata o assunto que está sendo desenvolvido. Nesse caso, o ambiente em que o diálogo ocorre (PRETI, 1977, p. 21) pode ocasionar um nível de linguagem técnica, mais formal (Português técnico, de acordo com Castilho), fora dos hábitos e assuntos do dia a dia (Português corrente). Essas duas variedades distinguem a linguagem do cidadão comum da dos juristas, por exemplo.

Em síntese, a variação linguística é comum e acontece de maneira natural em todas as línguas, pois todas as línguas variam. Nesse sentido, não se deve estranhar as diferenças existentes entre os falantes do Português nas diversas regiões do Brasil. Contudo, de acordo com Marcuschi (2010, p. 15) a grande variação presenciada na oralidade não se verifica com a mesma intensidade na escrita, dado que a escrita tem normas e padrões ditados pelas academias. Desse modo, a escrita possui normas ortográficas rígidas e algumas regras de textualização que diferem na relação com a fala.

Destaca-se a língua escrita literária, visto que esta seja o meio do objeto de estudo deste trabalho. De acordo com Castilho (2010, p. 221), ela tende a ser mais inovadora, pois os escritores buscam continuamente interpretar seu tempo, expressando-se de modo individualizado. Nesse sentido, é errado buscar nela a legitimação das estruturas gramaticais. Essa caracterização, bastante comum na Literatura, tem a deficiência de se situar a língua escrita e a língua falada em polos distintos.

⁶ Como citado anteriormente no capítulo da *Metodologia*, Tarallo (1994) e Cezario e Votre (2008) utilizam também o gravador de voz no método da entrevista sociolinguística.

⁷ Esse estudo da língua escrita pode ser encontrado em Castilho. CASTILHO, A. T. de. Diversidade do Português Brasileiro. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.). Nova Gramática do Português Brasileiro. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 197-224. p. 219-221.

2.1.3. Mudança linguística

De acordo com Labov, fundador da Sociolinguística variacionista, toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Assim também assegura Castilho (2010, p. 147): “todas as línguas são inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam, precisam adaptar-se às novas situações históricas”.

Nesse contexto, o processo de mudança da língua emerge na medida em que duas ou mais variedades passam a se confrontar dialeticamente no universo complexo das relações sociointeracionais (vd. FARACO, 2005, p. 20). Conseqüentemente, de acordo com Castilho (2010, p. 87), “Sapir afirmava (1921/1954) afirmava que o fenômeno da variação linguística acarreta a mudança: se há duas ou mais formas em competição, uma delas acabará por vencer a outra, e a língua mudará”.

Todavia, os falantes não percebem a mudança, visto que ela ocorre de maneira lenta e gradual, ocorrendo somente em algumas partes, não no todo da língua. Assim, esses indivíduos percebem a mudança apenas quando ela é exposta em um fluxo histórico, por exemplo, quando eles são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua; ou convivem mais de perto com falantes bem mais jovens ou bem mais velhos; ou interagem com falantes de classes sociais que têm estado excluídas da experiência escolar e da cultura escrita; etc. (FARACO, 2005, p. 10).

Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação, para em seguida ocorrer a mudança. Dessa maneira, como a mudança e a variação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem estudar a outra. (CHAGAS, 2005, p. 149) Ademais, a mudança linguística é “envolvida por um complexo jogo de valores sociais que podem bloquear, retardar ou acelerar sua expansão de uma para outra variedade da língua (FARACO, 2005, p. 17)”, como será visto mais adiante.

Para Chagas (2005, p. 141), um dos motivos para as línguas passarem por mudanças no tempo é o contato com pessoas de outras faixas etárias. Quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de serem encontradas diferenças – de vocabulário; construções diferentes; pronúncia diferente de certas palavras ou de certos sons – na forma de falar de duas pessoas. Assim, quando ocorre a mudança, de acordo com Faraco (2005, p. 23), os elementos linguísticos inovadores ocorrem com maior frequência na fala das gerações mais novas e dos grupos socioeconômicos intermediários – em suma, quando se trata de populações urbanas em sociedades industrializadas, a classe média baixa e o topo da classe

operária – do que na fala das gerações mais velhas e dos grupos socioeconômicos mais privilegiados.

Dessa forma, é perceptível que se notem as mudanças linguísticas não apenas por textos escritos há um determinado espaço de tempo, posto que é possível percebê-las no cenário atual entre as gerações e os grupos socioeconômicos, como citado anteriormente. Entretanto, “Labov demonstrou que a mudança linguística é impossível de ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, pois pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua (CEZARIO e VOTRE, 2008, p. 147)”.

Adverte-se, agora, que não é qualquer diferença de fala entre as gerações ou entre os grupos socioeconômicos que pode estar indicando uma mudança. Segundo Faraco (2005, p. 13), “muitas dessas diferenças são apenas variantes características da fala de cada grupo e nada têm a ver, em princípio, com mudança”. Dessa forma, ainda de acordo com este autor, pode-se “dizer em lingüística histórica que nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação”.

Existem diversas mudanças que permanecem socialmente estigmatizadas, o que as deixa como marcas identificadoras de variedades sem prestígio social. Sobre esse tópico, estudiosos, de acordo com Stella Bortoni Ricardo, “propõem uma distinção básica entre sociedades tradicionais, rigidamente estratificadas e sociedades modernas, relativamente abertas (FISHMAN, 1972 *apud* BORTONI RICARDO, 1981, p. 34)”. Dessa forma, Bortoni Ricardo assegura (1981, p. 34):

Nas primeiras, há uma gama de papéis sociais bem definidos e não permeáveis. A essa estratificação social rígida corresponde uma estratificação linguística igualmente, rígida, que implica um repertório verbal amplo e diferenciado. As variedades que o compõem conservam-se discretas e tanto a mobilidade nos estratos sociais como o acesso às variedades de prestígio são severamente restritos. Em oposição, a sociedade moderna é caracterizada por maior permeabilidade de papéis sociais e, conseqüentemente, menor heterogeneidade no repertório verbal. A mudança constante de papéis sociais permite maior fluidez entre variedades linguísticas de natureza social e estilística.

Como abordou Faraco (2005, p. 16), nota-se que “a primeira reação dos falantes – em especial dos grupos socioeconômicos mais altos e que normalmente não são iniciadores de processos de mudança às formas inovadoras – é negativa. Eles as tacham de ‘erradas’/‘incorretas’, ‘impróprias’, ‘feia’”. Isso é considerado juízos de valores, posto que nenhuma forma linguística é melhor que a outra, além disso é pelo fato de as mudanças serem implementadas, geralmente, pelos grupos que têm baixo prestígio social; dessa maneira, sua fala, inclusive aquilo que nela é inovação, costuma ser marcada negativamente pelos grupos mais privilegiados econômica, social e culturalmente.

A distinção entre a língua escrita e língua falada é outra fonte possível de detecção de eventuais mudanças em evolução, visto que a escrita é normalmente mais conservadora que a falada; assim, “a diferença entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores em expansão na fala e que não entraram na escrita. (FARACO, 2005, p. 14)”. Nesse sentido, entende-se que qualquer parte da língua pode mudar. Dessa maneira, essas mudanças podem ser fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e lexicais. No caso do presente estudo, será observado que as mudanças ocorridas são as morfossintáticas e as pragmáticas.

2.1.4. Norma linguística

De acordo com Faraco (2008, p. 37), conceitua-se tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma, nesse sentido, se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente ("normal") numa certa comunidade de fala.

Assim, “cada comunidade linguística tem várias normas (e não apenas uma)” (FARACO, 2008, p. 39); dessa forma, uma comunidade linguística possui um determinado conjunto de normas. Esse é o caso do Português brasileiro, cujas normas linguísticas são inúmeras devido à diversidade e à estratificação da sociedade. Dessa maneira, encontram-se, no Português brasileiro, normas características de comunidades rurais tradicionais, aquelas de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, normas características de grupos juvenis urbanos, normas características de populações das periferias urbanas, e assim por diante (vd. FARACO, 2008, p. 42).

Entretanto, Faraco dá ênfase à norma culta, variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas, e à linguagem comum urbana. Segundo este autor, esta variação traz mais para perto de si as variedades urbanas e rurais faladas pelas populações que, por fora do intenso êxodo rural das últimas décadas, se tornaram urbanas mais recentemente. O conjunto dessas variedades constitui o que alguns estudiosos costumam chamar de *Português popular brasileiro* em contraste com um Português dito culto (FARACO, 2008, p. 47).

Nesse contexto de normas, encontra-se a possibilidade de um mesmo indivíduo dominar mais de uma norma, mudando sua forma de falar variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa (FARACO, 2008, p. 43). Ademais,

mesmo com a possibilidade de escolha por meio da variação estilística, os indivíduos podem sofrer preconceito linguístico pelo seu modo de falar. Isso acontece principalmente por quem faz uso da norma culta, que julga e discrimina o outro falante – da linguagem comum urbana. Dessa forma, afirmamos que não há uma maneira *certa* ou *errada* de falar, mas há, entre a população, uma estigmatização de certos usos linguísticos que não deveriam ocorrer, além de existir inúmeras normas linguísticas faladas de maneiras distintas.

Para Preti (1977, pp. 25-26), a norma serve como contenção da diversidade, em todos os grupos sociais, nos atos da fala, prejudicial do ponto de vista da comunicação. Nesse sentido, os hábitos linguísticos presentes na comunidade, “em constante mas lenta renovação, ganham gradativamente forças tácitas, leis, admitidas pela maioria e conservadas através das gerações com características prescritivas”. Assim, “a norma é o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua” (PRETI, 1977, p. 28).

Preti aborda e concorda com o pensamento de Vendryś,⁸ em que a norma não é uma arbitrariedade, mas sim uma determinação imposta pelo interesse da comunidade, que é a ânsia em ser compreendido. Quando ocorre o uso irregular da norma por um determinado falante, isso é corrigido de imediato: “o ridículo castiga suficientemente o culpado, para tirar-lhe todo o desejo de repeti-la” (VENDRYŚ, 1968, p. 268 *apud* PRETI, 1977, p. 27). Desse modo, percebe-se que a própria comunidade elege as formas de comportamento que serão mantidos, visto que essa mesma comunidade escolhe a linguagem para determinadas situações, como as sociais e as casuais, ou seja, a linguagem formal, informal, coloquial, culta, etc.

2.1.5. Preconceito linguístico

Durante os estudos sociolinguísticos de uma língua, podem ser encontrados diversos preconceitos, principalmente em relação aos falantes. Assim, além das possíveis consequências discriminatórias que a mudança linguística pode trazer, são encontradas discriminações quanto ao (não) emprego da norma culta por determinados indivíduos. De acordo com Marta Scherre (2017), em uma publicação *on-line* para a Revista Galileu,⁹ o preconceito linguístico “é o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala”.

⁸ VENDRYŚ, J.. Le langage. Paris, Albin Michel, 1968. p. 268.

⁹ SCHERRE, Marta. O preconceito linguístico deveria ser crime. Galileu, [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/od7zn>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Como muitos autores já mostraram, o preconceito social em relação aos usos linguísticos é frequente. Marcos Bagno é um dos linguistas no País que mais condena esse tipo de prática. Assim, defende que não se trata de ‘*preconceito lingüístico*’, mas de ‘*preconceito social*’, porque isso equivale a uma discriminação como as outras discriminações em relação a minorias raciais, sexuais ou religiosas (vd. BAGNO, 1999, pp. 15-21).

É o que também assinala Sírio Possenti (2011): “o preconceito linguístico é um preconceito social. É uma discriminação sem fundamento que atinge falantes inferiorizados por alguma razão e por algum fato histórico”. Para esse autor (POSSENTI, 2011), se “falar bem” for comparado às regras de etiqueta, implementadas socialmente, os indivíduos que falam “errado” apenas seguem outras regras e, além disso, não possuem poder de ditar quais são as regras elegantes. Isso não significa dizer que a norma culta não é importante ou que não precisa ser ensinada, apenas significa que as normas não cultas, ou seja, o português popular brasileiro, não devem ser objeto de preconceito.

Faraco (2008) acusa uma estigmatização por parte de uma parcela da comunidade – como visto anteriormente no item anterior, *2.1.4 Norma linguística* – a qual faz uso da norma culta e que julga e discrimina o outro falante, o da linguagem comum urbana. Isso também havia sido abordado por Faraco (2005, p. 16), exposto no item *2.1.3 Mudança linguística*, quando ele afirma que os grupos provocadores das mudanças linguísticas, aqueles que têm geralmente baixo prestígio social, costumam ser tachados de forma negativa pelos grupos mais privilegiados econômica, social e culturalmente.

Nesse contexto, Scherre (2017) concorda igualmente que o surgimento do preconceito linguístico ocorre por que as “variedades mais sujeitas a esse tipo de preconceito são, normalmente, as com características associadas a grupos de menos prestígio na escala social ou a comunidades da área rural ou do interior”. Desse modo, conforme a evolução da História, tal situação acontece devido ao sentimento e ao “comportamento de superioridade dos grupos vistos como mais privilegiados, econômica e socialmente”.

Os preconceitos linguísticos mais comuns são ainda citados por Scherre (2017):

Então, há críticas negativas em relação, por exemplo, à falta de concordância verbal ou nominal (As coisa tá muito cara); ao “r” no lugar do “l” (Framengo); à presença do gerúndio no lugar do infinitivo (Eu vô tá verificano); ao “r” chamado de caipira, característico da fala de amplas áreas mineiras, paulistas, goianas, mato-grossenses e paranaenses - em franca expansão, embora sua extinção tenha sido prevista por linguistas. Depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo.

De acordo com Possenti (2011), essa expressão *preconceito linguístico* é mais difundida entre leitores e estudiosos da Sociolinguística. Para a sociedade em geral, basta um

pouco mais de informação para combater este preconceito. Dessa forma, seria interessante “a leitura de um ou dois capítulos de qualquer manual de linguística” para “fazer com que todos se convencessem de que estivemos equivocados durante séculos em relação a conceitos como ‘falar errado’” (cf. POSSENTI, 2011).

2.2. Elementos da Literatura

Serão vistos neste subtítulo alguns levantamentos importantes, feitos por críticos literários, para a futura análise das obras literárias, desenvolvida em conjunto ao estudo sociolinguístico. A exposição será feita de maneira breve, apenas para situar o leitor quanto ao movimento modernista brasileiro.

“O modernismo no Brasil, convém lembrá-lo, foi uma ruptura, um abandono de princípios, foi uma reviravolta contra o que era a Inteligência nacional”, assim definiu Mário de Andrade (ANDRADE, 1978, p. 235), a figura central do movimento Modernista no Brasil. Foi nesse contexto de ruptura que, de fato, “os modernistas sentiam o Brasil e queriam renová-lo, repondo-o no verdadeiro caminho, livre das importações de gosto duvidoso e que não se ajustavam à sua realidade” (ÁVILA, 1975, p. 15).

Encontrava-se como questão presente, em todos os primeiros textos produzidos pelo Modernismo, segundo Ávila (1975, p. 56), “a demanda por uma nova linguagem, que fosse taticamente a ruptura com a linguagem interna simbolista-parnasiana e a reversão das experiências vanguardistas europeias em termos de uma linguagem autônoma e nacional”. Desse modo, vale lembrar que não foi o movimento modernista que consagrou este ideal de linguagem; isso pode ser percebido desde o Romantismo brasileiro.

De acordo com Ávila (1975, p. 32):

[...] ao Romantismo a legitimidade de sua contribuição própria, de seu desempenho fásico no andamento de nosso projeto literário, da função que, bem ou mal, exerceu como movimento catalisador de influências ou movimento de expansão de forças liberadoras de uma expressão nacional.

Como já dito anteriormente, José de Alencar abordava em suas obras o instinto de nacionalidade. Entretanto, há de reafirmar que Alencar inovou apenas na teoria, pois, na prática, “o que ele preconizava era somente uma elasticidade maior da expressão, a legitimação dos termos tipicamente brasileiros, uma sintaxe mais livre, ou, melhor dizendo, menos sujeita às normas severas do português europeu” (CUNHA, 1986, p. 24).

Para Ávila (1975, p. 33), a obra romântica amesquinha-se enquanto proposição de linguagem, pois os recursos de construção sobre que esta se sustenta estão minados pela

ausência do ímpeto criativo. Assim, além da precariedade da linguagem criativa, Alencar criou romances brasileiros que eram réplicas de seu tempo, “uma fantasia autônoma, capaz de plasmar a imagem singularizadora da nascente nacionalidade” (p. 33).

Na verdade, Alencar não conseguiu concretizar a imagem brasileira que tanto almejava, mas sim a imagem de uma concepção romântica de mundo. Além disso, tentou romper “o vínculo da linguagem brasileira com as regras normativas da língua escrita portuguesa, entretanto pouco conseguiu enriquecer a linguagem literária em si”. Dessa forma, designa-se aos modernistas o prêmio de inovadores do português brasileiro.

Mário de Andrade foi um dos grandes incentivadores da linguagem brasileira. De acordo com Gomes (1979, p. 126), “reagiu freneticamente, não contra Portugal, mas contra a imposição de uma gramática portuguesa que pouco traduzia a realidade brasileira”. Nessa perspectiva, idealizou *A gramatiquinha da fala brasileira*, ainda que nunca a tivesse consumado. Ele defendia “a todo custo a autonomia, não de uma língua, mas de uma linguagem brasileira e nem por isso se manifestou anti-gramatical” (GOMES, 1979, p. 19).¹⁰

Segundo Castello (2004, p. 72), “o traço preponderante do Modernismo é o nacionalismo decorrente das transformações históricas sob posições e teorias que provêm do Romantismo, por sua vez de raízes coloniais”. Esse nacionalismo, exaltado mais ainda do Modernismo, teve como predominante a perspectiva sociológica. Dessa forma, “nossa luta em termos linguísticos foi contra a convenção da norma culta da língua, identificada como padrão oficial. Defendiam os modernistas a *fala* brasileira, que deveria concretizar-se como língua” (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 75).

De acordo com Abdala Júnior (1989), o Modernismo no Brasil teve dominância sociolinguística, diferentemente do caráter psico-linguístico que dominou no Modernismo português. Ocorria, então, no Brasil um prestígio da fala da identificação nacional. Assim, “os registros múltiplos desses níveis apontavam para situações socioculturais diversas, tanto no plano de cada cidade (com as divisões sociais internas) como no plano das várias regiões de cada país [ex-colônias portuguesas]” (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 73).

Ainda consoante a Abdala Júnior (1989, p. 75, grifos meus):

a pesquisa dessa língua brasileira tornou-se um projeto político-cultural dos modernistas. Teve caráter de libertação na luta pelo domínio da linguagem, que não pode ser alienada do povo brasileiro. Mas ainda: marcou-se igualmente como uma apropriação feita numa perspectiva popular, pela **identificação com as articulações**

¹⁰ Fica evidente em Gomes que, para este autor, Mário de Andrade não elaborou gramática alguma, pois as gramáticas normativas “pressupõem a existência de elementos constantes, isto é, regular, ou pelo menos, relativa uniformidade de comportamento linguístico. E pelo que sabemos, a produção de Mário de Andrade [...] seria o último lugar onde se deveria buscar uniformidade”. GOMES, J. M. B. Mário de Andrade e a revolução da linguagem: *A gramatiquinha da fala brasileira*. João Pessoa: UFPB, 1979. p. 24.

próprias dos registros sociolinguísticos do povo brasileiro. Não se tratava, sabemos hoje, de caracterizar artisticamente uma “língua brasileira”, que não existe. Nossa *fala* é uma variante do sistema. **Os modernistas procuravam apropriar-se da língua portuguesa** (sistema comum a todos os falantes do idioma) **para torná-la brasileira também na arte literária.**

João Guimarães Rosa, importante autor da terceira geração do Modernismo, por exemplo, observava que era preciso renovar a língua como única maneira de renovar o mundo (Castello, 2004, p. 342). Percebe-se, então, que os escritores de ênfase social do período que se iniciou, nos anos 30, procuravam uma linguagem literária que se materializasse em novos padrões linguísticos. Para isso, de acordo com Abdala Júnior (1989, p. 76), esses escritores “afastaram-se do registro culto da linguagem em duas direções, que se entrecruzavam: a representação da fala popular e a adoção de uma “norma” jornalística”.

Dessa maneira, a linguagem seguia os padrões gramaticais mais usuais, para que a veiculação da linguagem artística atingisse o leitor médio do Brasil. Quando ocorriam rompimentos desses padrões, estes seguiam o ritmo da oralidade. O objetivo principal, para o escritor modernista, “era um contato comunicativo mais eficaz e uma linguagem literária essencialmente nacional” (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 76), como pode ser observada na literatura brasileira. Do ponto de vista temático, era almejada uma identificação do povo brasileiro, em sua diversidade, e com a mudança social sempre em perspectiva.

Esse trecho, a seguir, de Dacanal (1982, p. 14, grifo meu) é muito importante para o que virá a seguir neste trabalho. Segundo este autor:

o romance de 30 é escrito numa linguagem filtrada pelo chamado “código culto” urbano. Em outras palavras, tanto o narrador quanto as personagens falam segundo as normas gramaticais próprias dos grupos urbanos da costa atlântica, mesmo quando utilizam – é o caso das personagens, exclusivamente – termos ou expressões não pertencentes àqueles grupos urbanos. Por outro lado, esta filtragem é o que garante a possibilidade do uso da linguagem coloquial e, conseqüentemente, sua aceitação pelo leitor – urbano, evidentemente! – da obra.

Por fim, é válido ressaltar que “a apreensão não alienada da gramática envolve consciência reflexiva sobre a linguagem, por parte do escritor” (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 102). Portanto, como aborda Preti (1977, p. 46), as pesquisas sociolinguísticas baseadas em obras literárias enfrentam uma relevante dificuldade, no levantamento de amostragem expressiva: “o de determinar até que ponto pode o artista interferir, com seu estilo, seus hábitos linguísticos próprios, sua linguagem artística, no nível da fala das personagens que criou e a quem deu vida e relativa independência”.

2.3. Leituras (re)visitadas sobre o fenômeno em pauta

Serão vistas neste subtítulo algumas análises do fenômeno *nós* e *a gente* importantes para o estudo sociolinguístico que, ora, se desenvolve. Tais elementos selecionados subdividem-se em: 2.3.1 *Nós e a gente – percurso diacrônico*; 2.3.2 *Nós e a gente – gramática (a questão do paradigma flexional)*; e 2.3.3 *Nós e a gente – obras sociolinguísticas*. A exposição será feita de maneira sucinta, apenas para expor o percurso, uso e análise de tais ocorrências pronominais.

2.3.1. *Nós e a gente – percurso diacrônico*

“Os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças”, é o que afirma Ataliba de Castilho (2010, p. 477). Este autor ressalta que os resultados de estudos recentes apontam para uma reorganização desses pronomes – aqui debatidos – no Português brasileiro, promovendo consequências e mudanças na estrutura sintática da língua: na morfologia e concordância verbal e na estrutura funcional da sentença. Dito isto, o autor em pauta (CASTILHO, 2010) ainda apresenta o quadro dos pronomes pessoais do Português brasileiro atual, no qual se pode encontrar inclusive a forma *a gente* como primeira pessoa do plural no Português brasileiro informal em contraste com *nós* como primeira pessoa do plural no Português brasileiro formal.

O pronome indefinido *a gente* é derivado do substantivo *gente* junto com o artigo definido *a*, e isso ocorreu porque o uso acentuado da língua e de suas formas, no decorrer dos anos, desencadeia a mudança linguística, como visto anteriormente. Assim, por ser um pronome, perde a possibilidade de concordância de gênero e de número, ou seja, não existirá a forma pronominal *as gentes*. Todavia, com o passar do tempo, o pronome indeterminador admite que o falante se inclua no grupo (eu + os outros) podendo ser interpretada como um novo *nós*, ou seja, como uma nova forma da primeira pessoa do plural.

Em sua pesquisa, Silva (2009) analisa o uso de *a gente* na revista *O Pato Donald* nos anos de 1950 a 2004.¹¹ Ela percebeu que os poucos usos, na década de 50, equivaliam tanto ao *a gente* indeterminado quanto ao equivalente ao *nós*. Já na década seguinte, houve um aumento notável no uso dessas duas formas. As diferenças mais acentuadas ocorrem na

¹¹ Os anos não são respectivamente em sequência. Há diferença de uma década para cada ano apresentado na tabela.

década de 1970, na qual o uso de *a gente* indeterminado apresenta menos casos do que a referência a primeira pessoa do plural.¹²

Silva faz uma importante lembrança de que o pronome *a gente* já aparecia em textos do século XIX, dessa maneira essa forma não é exclusiva da fala coloquial. Essa autora ressalta também que, em um projeto universitário que envolveu jovens – os de classe alta, pois era quase que exclusivamente estes frequentarem o ambiente acadêmico –, na década de 1970 já se escutava o uso de *a gente* tanto como indeterminador como primeira pessoa do plural. Silva (2009, p. 174) comenta:

se ele já aparecia em **corpus** desse tipo, era porque já estava na língua há muito tempo. Por conseguinte, se aparece no falante de classe alta, significa que esse não é um pronome característico de classe social baixa, como alguns professores de língua materna ensinam. A classe alta não imita o falar da baixa, é abaixo que tende a imitar o da alta.

Com o passar dos anos e a evolução da língua, pode-se escutar *a gente* como forma de se referenciar a primeira pessoa do singular. Essa função é relativamente nova e não será muito focada neste presente estudo. Vale ressaltar que, nesse ocorrido processo de gramaticalização, o significado original de *gente* não se perdeu e essa “palavra pode abarcar duas funções sintáticas” (SILVA, 2009, 174).

2.3.2. *Nós e a gente – a questão do paradigma flexional na gramática*

Para estudar este tema, foi necessário reconhecer, primeiramente, o que é ensinado pela Gramática Tradicional (GT) sobre o uso dos pronomes. Cunha e Cintra (2001) produziram a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, na qual, em seu prefácio, eles afirmam ser “uma tentativa de descrição do Português atual na sua forma culta” sem descuidarem “dos fatos da linguagem coloquial, especialmente se analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas”. Em meio a abordagens detalhadas sobre os pronomes, que vão da página 275 à 367, delimitam, na página 296, brevíssimas informações a respeito do uso, segundo eles, no colóquio normal, de *a gente* por *nós* e, também, por *eu*. Após citar três exemplos, os autores afirmam que o verbo deve ficar sempre na terceira pessoa do singular (cf. CUNHA e CINTRA, 2001, p. 296).

Na apresentação de *Gramática: fonética e fonologia*, de Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1997), os autores explicam o objetivo dessa obra em atenuar alguns problemas apontados mediante a experiência na sala de aula. São eles: exposição

¹² Esse estudo é encontrado em Silva. SILVA, R. C. P. A Sociolinguística e a língua materna. Curitiba: Ibpex, 2009. p. 171.

teórica complexa; exemplificação de textos apenas literários; e frases artificiais que não ilustram as estruturas abordadas. Porém, em comparação à gramática de Cunha e Cintra, a de Faraco e Moura, referente ao termo *a gente*, é ainda mais tímida. No final do subtítulo dos pronomes pessoais (p. 202), os autores elucidam que frequentemente o pronome *nós* é substituído por *a gente* e que isso ocorre na linguagem coloquial, trazendo, ainda, duas ocorrências de *a gente* na literatura.

O que a *Gramática de usos do Português* de Moura Neves propõe é, diferentemente das Gramáticas Tradicionais, partir da análise dos usos realmente ocorrentes no Brasil, oferecendo uma real organização a fim de sistematizar esses usos. Diante disso, em contraposição aos autores percorridos anteriormente, Moura Neves (2011, p. 469) destina parte do subtítulo que trata dos pronomes pessoais, em sua gramática, para abordar sobre o uso do sintagma nominal *a gente* empregado como pronome pessoal. Ela, a exemplo de Faraco e Moura, afirma que esse tipo de uso é encontrado na linguagem coloquial. Aqui, Moura Neves (2011, p. 469) alega que o uso de *a gente* como pronome pessoal se dá em referência a primeira pessoa do plural, *nós*, e também em referência genérica em que o falante inclui todas as pessoas do discurso.

Ao contrário do que está na gramática de Cunha e Cintra (2001), Moura Neves (2011, p. 469) traz um exemplo da concordância plural com *a gente*, explicando que esse tipo de ocorrência está presente na fala de algumas pessoas: “Vou montar uma casa para você e *a gente* vai ficar sempre *juntos*”. Nesse contexto, a autora ressalta que, especialmente na linguagem coloquial ou popular, outros sintagmas nominais podem fazer referência genérica; porém, não tem identificação com a classe dos pronomes pessoais como acontece com o sintagma *a gente* (p. 470).

O linguista Ataliba de Castilho (2010), em *Nova Gramática do Português Brasileiro*, obra que fugiu dos parâmetros convencionais das gramáticas e focalizou no que se esconde por trás de meras classificações, busca suscitar uma questão de identidade dos falantes e o uso real de sua língua. Nesse sentido, esse autor visa atenuar o distanciamento da língua em uso para com a gramática.

Importante ressaltar que Castilho (2010, p. 477) menciona que, de acordo com estudos e inquéritos do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), a expressão *a gente* comuta com a forma *nós* nos mesmos contextos, confirmando que os falantes as entendem como sinônimas. O autor (vd. CASTILHO, 2010, p. 478) ainda acrescenta que Omena (1978), após levantamento de estudo sobre este fenômeno, aponta que *nós* e *a gente* ocorrem com

frequência maior na posição de sujeito, mas que *nós* é mais vezes substituído na função de adjunto adverbial.

É possível dizer que a abordagem de Marcos Bagno (2011), em *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, é a mais completa quanto à abordagem de *a gente* e *nós*. Bagno (2011, p. 468) apresenta, em um pequeno quadro, a conjugação encontrada nas variedades urbanas, segundo ele, privilegiadas, faladas e escritas, em que *a gente* aparece sem nenhum fator informativo de que seja uma expressão formal/informal.

Bagno também faz menção dessa alternância no subtítulo: *Monitoramento estilístico*. Segundo esse autor (2011, p. 540), *a gente* ocorre em um ambiente com mínimo monitoramento estilístico, enquanto que *nós* ocorre com máximo monitoramento estilístico. Interessante ressaltar que, diferente das gramáticas normativas que destinam apenas um pequeno espaço para abordar os pronomes “informais”, Bagno tem um subtítulo específico para mostrar a conjugação “clássica” e faz críticas quanto a este tipo de abordagem.

Ademais, a parte que merece maior destaque é quando Bagno salienta sobre o índice da primeira pessoa (2011, p. 743). Nesse contexto, ele afirma que no Português contemporâneo há grande preferência pelo termo *a gente*, quando este concorre com o pronome *nós*. Ele ainda ressalta que, de acordo com pesquisas sociolinguísticas recentes, nas faixas etárias mais jovens, a forma *nós* é acentuadamente minoritária. Ainda sobre índices, Bagno (2011, p. 744) traz um quadro de ocorrências de *nós* e *a gente*, da pesquisadora Nelize Pires de Omena, em que, no quadro geral, *a gente* apresenta o número de 768 ocorrências (79%), enquanto *nós* ocorre apenas 200 vezes (20%).

2.3.3. *Nós e a gente – obras sociolinguísticas*

A Sociolinguística estuda a língua em seu uso real, levando em conta as relações entre a estrutura dessa língua, como também os aspectos sociais e culturais. Além disso, a língua é uma instituição social, não podendo ser estudada fora de seu contexto situacional, cultural e da história dos falantes (cf. CEZARIO e VOTRE, 2008, p. 141). Nesse sentido, um importante princípio dessa linha de raciocínio é quanto à afirmação de que a variação e a mudança são inerentes às línguas, devendo ser incluídas na análise linguística; desse modo, os linguistas têm como objetivo entender os fatores que motivam a variação linguística.

Maria Cecília de Magalhães Mollica e Rodrigo Alipio do Nascimento em *Monitoramento estilístico entre nós e a gente na escola* (2006) discutiram sobre uma importante questão: o papel da escola na variação *nós* e *a gente*. Eles criticam o fato de as

gramáticas tradicionais não legitimarem a forma *a gente* no quadro pronominal, sendo que algumas delas chegam a fazer limitações de que tal forma ora serve como pronome indefinido, ora como pronome de tratamento.

Os autores comentam a questão de a escola ser uma instituição de tradição, um “agente propagador da forma conservadora *nós*” (MOLLICA e NASCIMENTO, p. 228), embora a forma *a gente* seja cada vez mais recorrente no discurso interativo. Eles também levantam a questão de que, quando o falante é consciente de que há a variação, normalmente esse falante costuma “preferir *a gente* e evitar *nós*, para conseguir estabelecer contato informal com os interagentes, no caso, os colegas de escola”.¹³ Já na escrita “é de se supor a existência de monitoramento no sentido contrário” (*Idem*, p. 228).

Mollica e Nascimento obtiveram amostras do contexto escolar exclusivamente de fala e foi verificada, então, a predominância do uso da forma inovadora *a gente*, tanto em contexto mais formal quanto no contexto informal, quase substituindo a forma *nós*. Isso foi analisado basicamente pela variável *escolarização*, mesmo os autores sabendo que as outras variáveis sociais (gênero/sexo, faixa etária) e as de natureza linguísticas são muito importantes. A respeito da escrita, esses autores não sabem se o quadro é o mesmo da língua falada, mas eles acreditam que “a forma *nós* ainda é a mais encontrada em produções textuais, hipótese que carece de comprovação” (p. 231).

O trabalho de Ana Maria S. Zilles (2007), *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?*, abordou o conceito e as características de gramaticalização, inclusive a gramaticalização de *a gente*; apresentou alguns resultados quantitativos de pesquisas já realizadas, ressaltando a regularidade de tal processo no País; discutiu as restrições do uso do *a gente*; e apresentou observações preliminares quanto ao uso de *a gente* na escrita.

Quanto à gramaticalização de *a gente*, a autora ressaltou alguns processos do uso de tal variante, como no início, quando era usado como pronome indefinido, e o mais utilizado, como pronome pessoal de primeira pessoa do plural. Para os resultados de estudos quantitativos, Zilles fez uso das variáveis sociais como gênero, idade e nível de escolarização. Os resultados indicaram a predominância do uso de *a gente* nos informantes do sexo

¹³ Este foi o ambiente da pesquisa de Maria Cecília de Magalhães Mollica e Rodrigo Alípio do Nascimento em *Monitoramento estilístico entre nós e a gente na escola* (2006). Eles discutiram “o papel da escola com relação ao processo de variação em tela, partindo do pressuposto de que o monitoramento estilístico possa ser um vetor normativizador em direção à variante *nós*”. MOLLICA, M. C. de M.; NASCIMENTO, R. A. do. Monitoramento estilístico entre nós e a gente na escola. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Orgs). Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: EDUSP, 2006. p. 227.

feminino, como também nos informantes mais jovens.¹⁴ Ademais, as análises comprovam o crescimento da forma inovadora na fala de todo o país, porém ainda há estigmas em seu uso.

Por fim, Zilles aponta que o uso de *a gente* na escrita ainda é pouco explorado, diferentemente dos vários estudos que se têm sobre o seu uso na língua falada. Assim, “são valiosos os registros que caracterizam quem usa a forma inovadora” (p. 38). A autora ainda cita John Schmitz (2006, p. 44 *apud* ZILLES, 2007, p. 39), que declarou:

o uso de ‘a gente’ ainda não tem prestígio oficial, sendo considerado pouco apropriado em textos escritos formais, como requerimentos, teses e dissertações, textos jurídicos, procurações, editais, alvarás, atestados, declarações, escrituras, leis e boletins de ocorrência. Num exame de textos jornalísticos, podemos observar que ‘a gente’ como pronome [pessoal] não ocorre em editoriais.

Em *Formas linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa*, de Marizete Bortolanza Spessatto (2010), foi pesquisado como esse fenômeno acontece com os habitantes de uma comunidade isolada em Santa Catarina. Por meio de variáveis extralinguísticas, como a faixa etária e a escolarização, e linguísticas, como o paralelismo formal e a concordância verbal, chegou-se a um resultado muito interessante, diferente das conclusões de muitas análises sociolinguísticas anteriores a esta. Dessa forma, notou-se que o uso de *a gente* entre os falantes mais velhos é maior que entre os de faixa etária mais baixa, entretanto com uma diferença pouco significativa. Nesse contexto, são os jovens que mais utilizam a forma *nós*.

Além disso, percebeu-se que *a gente* está de maneira mais intensa entre os falantes escolarizados do que os que têm um nível de escolarização mais baixo (cf. SPESSATTO, 2010, p. 89). Foi visto, conforme a autora, que, no caso do paralelismo formal, “tanto o pronome *a gente* como o pronome *nós* levam sistematicamente a novas produções com a mesma forma, explícita ou apagada” (p. 91), e, no caso da concordância verbal, “há o uso categórico de concordância verbal canônica com o sujeito *a gente*”.

Conclui-se, em *Formas linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa*, que atualmente se vive uma mudança no sistema pronominal do Português brasileiro. De acordo com o texto, isso também ocorre em lugares onde a tradição e os costumes são mantidos e que são isolados dos grandes centros urbanos.

No texto de Ana Kelly Borba da Silva Brustolin, *Uso e variação de nós e a gente na fala e escrita de alunos do ensino fundamental* (2010), há uma preocupação de como esse

¹⁴ Este processo se acelerou na segunda metade do século XX justamente por causa dos jovens. Além disso, a maioria dos falantes das amostras são pessoas com instrução universitária, assim depreende-se dessa análise que o uso de *a gente*, na fala, não é estigmatizado. Entretanto, isso não corresponde completamente aos fatos. Ver mais em Zilles. ZILLES, A. M. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007. p. 34-37.

fenômeno, na fala e na escrita, está (ou não) sendo tratado nas escolas da rede pública de Florianópolis-SC. Para isso, a autora levantou dados em quatro escolas de ensino fundamental dessa cidade por meio de variáveis extralinguísticas (sexo e série foram as mais relevantes) e linguísticas, como a marca morfêmica o preenchimento do sujeito, o paralelismo formal e a saliência fônica. As análises focam mais as produções de texto referentes à escrita.

Brustolin chegou ao resultado da predominância da utilização de *a gente* na fala e de *nós* na escrita. Assim, isso garante que a introdução de *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, como uma variante do pronome de primeira pessoa no plural, está se efetivando na língua na modalidade falada dos alunos de ensino fundamental; além disso, é perceptível que o uso dessa forma inovadora também está se efetivando na modalidade escrita. Por fim, essa autora concluiu que a variação dos pronomes *nós* e *a gente* é social e linguisticamente motivada, e cabe aos educadores reconhecerem a “realidade sociolinguística presente na sala de aula e na comunidade em que está atuando” (BRUSTOLIN, 2010, p. 13).

Na obra de Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (2015), *Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar*, foi analisada a posição das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió-AL. Sabe-se que *a gente* é a forma pronominal preferida para representar a primeira pessoa do plural na fala, mas, sabe-se também, que na escrita, devido ao conservadorismo linguístico, a forma pronominal *nós* é selecionada.

Por meio de variáveis extralinguísticas (escolaridade, sexo e tema de produção textual) e variáveis linguísticas (paralelismo formal, marca morfêmica e preenchimento do sujeito), verificou-se que, na escrita escolar, o pronome *nós* apresenta um percentual consideravelmente maior de uso do que o pronome *a gente*. Pode-se dizer “que as normas convencionais da escrita reprimem as inovações da fala, com a escolarização exercendo um papel preponderante na frequência de uso de *nós*” (VITÓRIO, 2015, p. 129).

Juliana Barbosa de Segadas Vianna (2006), em sua tese de mestrado, afirma que o fenômeno *nós* e *a gente* tem sido bastante estudado por muitos autores, como Omena (1986) e Lopes (1993), que indicam uma variação estável entre as formas; diferentemente ocorre na escrita, pois ainda são poucos os trabalhos que abordam a variação entre o fenômeno *nós* e *a gente*. Vianna também lembra que as gramáticas ditas tradicionais “incluem apenas o *nós* no quadro dos pronomes retos, reservando à forma *a gente* um *status* indefinido: ora classificam-na como pronome pessoal, ora como forma de tratamento” (VIANNA, 2006, p. 1). Ademais, a forma *a gente* é apontada apenas na linguagem coloquial, não sendo mencionada para escrita.

A gente escreve o que ouve - nunca o que houve.
(Oswald de Andrade, 1924)

3 ANÁLISE DOS DADOS

Neste item, estão compreendidos todos os elementos anteriores, citados e coletados, que contribuem na resolução deste trabalho. Nesse contexto, serão analisados os dados coletados das quatro obras modernistas selecionadas: duas da segunda fase do Modernismo, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, e *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado; e duas da terceira fase do Modernismo, *A hora e a vez de Augusto Matraga* (1946), de Guimarães Rosa, e *Perto do coração selvagem* (1944), de Clarice Lispector.

Como em todo trabalho sociolinguístico, aqui estarão as três dimensões que são abordadas nesse tipo de pesquisa: as questões sociais; a perspectiva da língua; e, por fim, a avaliação dos usos estudados. Assim, essas dimensões estarão nomeadas, respectivamente, como: 3.1 Condicionamentos Sociais; 3.2 Condicionamentos Linguísticos; e 3.3 Cruzamento dos condicionamentos e avaliação do fenômeno em sociedade.

3.1. Condicionamentos Sociais

Sabe-se, em Sociolinguística, que os elementos presentes na sociedade vão condicionar os acontecimentos contínuos da língua – as mudanças linguísticas não param! –, por isso trabalhos desta natureza sempre serão desenvolvidos, havendo, sempre, algo para ser investigado na natureza variacionista das línguas. Assim, sabe-se, também, que as variáveis sociais influenciam na escolha das variantes utilizadas pelos falantes, dentre elas as estudadas aqui, *nós* e *a gente*.

Para compor esta análise, das variáveis sociais vistas no capítulo 2, *Revisão da Literatura*, tópico 2.1.2 *Variação linguística*, foram escolhidas três variáveis. Elas estarão divididas nos seguintes tópicos: 3.1.1 *Variável tempo (período literário)*; 3.1.2 *Variável localidade/zona*; e 3.1.3 *Variável sexo*.

3.1.1. Variável tempo (período literário)

Como visto anteriormente, a língua não pode ser estudada como uma estrutura de forma autônoma. Fatores como a cultura, a história das pessoas e determinados contextos situacionais interferem em seu estudo. Nesse sentido, Labov (1972) define que a variação

linguística é como um fenômeno sistemático, e não aleatório, através da correlação entre fatores linguísticos e fatores sociais. Dentre esses fatores sociais, observam-se as mudanças ocorridas na língua considerando a variável *tempo*.

De acordo com Lucchesi e Araújo (2017), “postula-se que a variação observada sincronicamente em um determinado ponto da estrutura da gramática de uma comunidade de fala pode refletir um processo de mudança em curso na língua, no plano diacrônico”. Ou seja, estuda-se a variação linguística de um determinado momento da fala, podendo esse estudo refletir as mudanças que a língua sofreu conforme a evolução da história e o passar do tempo. Essa prática – fazer inferências acerca do desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas – ganhou força nas pesquisas linguísticas justamente devido aos estudos desenvolvidos por Labov, sendo o primeiro deles em 1963.

Neste trabalho, a variável tempo foi considerada importante, pois são observados dois períodos temporais distintos do Modernismo brasileiro. Ressalta-se, primeiramente, que a divisão em **períodos, fases, gerações**, como às vezes se aborda aqui, é apenas de forma **didática**, da maneira como se ensina o Modernismo, principalmente, no ensino médio da educação básica. Essa classificação é bastante arraigada no conhecimento popular, entretanto é válido, agora, abordar que, cronologicamente, muitos autores e muitas obras foram contemporâneos e, por isso, não deixaram de existir quando um período sucedia ao outro.

Feita essa explicação, considera-se, então, o contexto histórico de cada período dessa corrente literária. De acordo com Antonio Candido (1999, p. 78), o momento que se inicia em 1930 e dura até o término da Segunda Guerra Mundial é o

começo da grande mudança social, econômica e cultural do Brasil, com o declínio das velhas oligarquias de base agrária e o ascenso da burguesia industrial, que passa lentamente aos controles do mando, ao mesmo tempo que as classes médias crescem em volume e participação social, e o operariado entra na vida política em larga escala.

Dessa forma, uma das maiores inovações da geração de 1930 foi o considerado “romance regionalista”¹⁵, principalmente o nordestino, de caráter psicológico e realista, baseado em aspectos naturais, que tentavam trazer à escrita o falar popular, o falar regional.¹⁶

¹⁵ Antonio Candido explica este termo: “É preciso observar que a etiqueta ‘regionalismo’ se deve em parte ao fato de as avaliações literárias terem como base o Rio de Janeiro, ainda então o grande centro intelectual do país. Por isso, as narrativas que tinham por quadro as províncias podiam ser vistas como exóticas, na medida em que descreviam um mundo diferente do da capital. Regionalismo significa às vezes, para a perspectiva desta, simples distanciamento geográfico”. CANDIDO, A. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 83-84.

¹⁶ De acordo com Antonio Candido, “Graciliano Ramos abominava o Modernismo e a vanguarda em geral; tendo-se formado pela leitura dos grandes autores do passado, era inflexível quanto à correção gramatical e à *normalidade* da escrita. Pode-se dizer que nele a modernidade está no refinamento da tradição e na capacidade de reduzir o real às suas linhas essenciais, contrariando o “culto da forma” e as elegâncias acadêmicas”.

Conforme Candido (1999, p. 83), “o homem pobre do campo e da cidade apareciam, não como *objeto*, mas, finalmente, como sujeito, na plenitude da sua humanidade”, graças a uma consciência crítica que envolveu a maioria desses autores por meio da literatura. É nesse contexto que estão as obras de Rachel de Queiroz e de Jorge Amado. Em *O Quinze* e em *Capitães da Areia*, observa-se uma reprodução da fala popular que representa o segundo período do Modernismo.

A terceira geração modernista brasileira coincide com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, embora Clarice Lispector tenha publicado *Perto do coração selvagem* em 1944. Essa geração representa um momento de amadurecimento na literatura brasileira, assim Clarice Lispector, por exemplo, eleva “a descrição das coisas e dos estados de espírito a um nível radioso de expressividade, como se dos fatos mais simples brotasse a cada instante o indefinível” (CANDIDO, 1999, p. 91). Dessa forma, também segue Guimarães Rosa, entretanto faz isso por meio do regionalismo universal, pois o regionalismo torna-se secundário visto que a elaboração da linguagem é o seu diferencial; além disso, Rosa faz o “leitor pensar menos no pitoresco do que nas situações narrativas que abrem perspectivas inesperadas sobre o ser” (CANDIDO, 1999, p. 93).

Contextualizado o período histórico, seguem adiante a tabela 1A – referente à segunda fase do Modernismo – e tabela 1B – referente à terceira fase do Modernismo –, variável *tempo*, onde estão expostos os exemplos das variantes *nós* (V1) e *a gente* (V2). Na variante V1, foram inseridas três variantes: v1 é a variante padrão (elitizante); v2 é a variante com sujeito não-preenchido; e v3 é a variante não padrão (estigmatizante). Nesta tabela, serão colocados alguns exemplos – em torno de quatro ou cinco exemplos –, mas o total será o de todas as ocorrências (*vide* apêndices) presentes nas obras verificadas.

Salienta-se que Graciliano Ramos está classificado como autor da segunda geração do Modernismo brasileiro. *Ibidem*. p. 84.

TABELA 1A – NÓS: Variável *tempo* – 2ª fase do Modernismo

VARIANTE		OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE
		OBRAS		
		O Quinze	Capitães da Areia	
V1 – Nós	v1	<p>“ – Nós já achamos ela doente” (p. 39).</p> <p>“ – Nós ficamos na estrada, eu assim, variando, muito fraco... e ele vindo até aqui” (p. 82).</p> <p>“ – Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer como o outro” (p. 101).</p> <p>“ – Mas, Cente, nós nunca supusemos isso!” (p. 136).</p>	<p>“– À noite nós vamos ao cinema. Você gosta de cinema?” (p. 122)</p> <p>“– Porque nós estamos em falta de um irmão”. (p. 226)</p> <p>“– Nós queremos fazer coisas com muita ordem, porque assim venceremos e os operários conseguirão o aumento. Nós não queremos armar barulho, queremos mostrar que os operários são capazes de disciplina”. (p. 253)</p>	4+4 = 8
	v2	<p>“ - Mas vamos ao curral para você ver os animais que eu tenho”. (p. 25)</p> <p>“ – Papai, vamos comer mais aquele povo, debaixo desse pé de pau?” (p. 39)</p> <p>“ – Mas vamos falar noutra coisa?” (p. 75)</p>	<p>“– És uma santa. Vamos fazer dele um homem.”.. (p. 122)</p> <p>“– Sente-se, padre. Temos que conversar”. (p. 148)</p> <p>Pedimos então para tirar um retrato do grupo. (p. 192)</p> <p>“– Vamos embora antes que alarmem”. (p. 212)</p>	11+36 = 47
	v3	X	<p>“– Deixa de conversa fiada, meu tio. Nós quer comer”. (p. 53)</p> <p>“– Hoje nós vai fazer gasto”. (p. 53)</p> <p>“– Nós sabe guardar um segredo tão bem como um cofre”. (p. 54)</p> <p>“– [...] Nós vai fazer um filho lindo.”.. (p. 89)</p> <p>“– Posso garantir – falou Pedro Bala. – Nós mora junto, eu sei. (p. 136)”</p>	0+5 = 5
TOTAL				60

TABELA 1A – A GENTE: Variável *tempo* – 2ª fase do Modernismo

VARIANTE	OCORRÊNCIAS		TOTAL
	OBRAS		
	O Quinze	Capitães da Areia	
V2 – A gente	<p>“– A gente esperando por ela, deixa de vir”. (p. 16)</p> <p>“ – A gente vai sentir tanta saudade de você!” (p. 32)</p> <p>“ – Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe.”.. (p. 124)</p> <p>“– A gente precisa criar seu ambiente, para evitar o excessivo desamparo..”. (p. 125)</p>	<p>“– A gente não devia perguntar nada..”. (p. 158)</p> <p>“– A culpa não é da gente... – esclareceu Dora. – A gente não tem ninguém”. (p. 181)</p> <p>“– A gente livra eles. (p. 194)”</p> <p>“– Pois companheiro Pedro, a gente precisa de você e do seu grupo”. (p. 252)</p> <p>“– Não entra ninguém. A gente sabe fazer. Tu vai ver..”. (p. 254)</p>	<p>12+54 = 66</p>

TABELA 1B – NÓS: Variável *tempo* – 3ª fase do Modernismo

VARIANTE		OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE
		OBRAS		
		A hora e a vez de Augusto Matraga	Perto do coração selvagem	
V1 – Nós	v1	<p>“– E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa do outro [...]” (p. 333)</p> <p>“– Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!..”. (p. 362)</p> <p>“ – Nós estamos de saída, mas ainda falta ajustar um devido [...]” (p. 363)</p>	<p>“Você sabe, nós nunca teríamos internado Armanda, mesmo que ela roubasse a livraria inteira”. (p. 51)</p> <p>“– Nós nada dissemos ainda..”. (p. 142)</p> <p>“Nós duas formaríamos uma união e forneceríamos à humanidade, sairíamos de manhã cedo de porta em porta, tocaríamos a campainha: qual é que a senhora prefere: meu ou dela? e entregaríamos um filhinho”. (p. 144)</p>	3+5 = 8
	v2	<p>“– Vamos embora, Tomázia, aproveitando a confusão” (p. 326)</p> <p>“– Pois então, vamos, que Deus lhe pagará!” (p. 349)</p> <p>“– Vamos chegando!” (p. 350)</p> <p>“ – Vamos logo cumprir a nossa obrigação..”. (p. 366)</p>	<p>“Durmamos de mãos dadas”. (p. 22)</p> <p>Mas vivíamos juntos”. (p. 28)</p> <p>“Ambos respirávamos palpitantes e novos”. (p. 71)</p> <p>“Sonhei que famos os dois por um campo cheio de flores, que eu colhia lírios para você, que você estava toda de branco”. (p. 89)</p>	5+17 = 22
	v3	x	x	0
TOTAL				30

TABELA 1B – A GENTE: Variável *tempo* – 3ª fase do Modernismo

VARIANTE	OCORRÊNCIAS		TOTAL
	OBRAS		
	A hora e a vez de Augusto Matraga	Perto do coração selvagem	
V2 – A gente	<p>“– Por onde é que a gente passa, p’ra poder ir ver se êle morreu?” (p. 336)</p> <p>“– A gente não ia passar, porque eu nem sabia que aqui tinha êste comercinho..”. (p. 351)</p> <p>“– A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinhas..”. (p. 353)</p> <p>“– Oh coisa boa a gente andar sôlto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!” (p. 362)</p>	<p>“Quando a gente rouba e tem medo. Eu não estou nem contente nem triste”. (p. 50)</p> <p>No começo dói um pouco, mas depois a gente se acostuma”. (p. 120)</p> <p>“– A gente se sente bem, dissera Lídia arrastada, os olhos abertos”. (p. 155)</p> <p>“Então ergueu-se um homem tênue e rápido como a brisa que sopra quando a gente está triste e disse de longe: eu”. (p. 165)</p>	8+8 = 16

3.1.2. Variável zona/localidade

Visto no tópico 2.1.2 *Variação linguística*, a variação geográfica está relacionada às diferenças espalhadas em um espaço físico,¹⁷ sendo esta a variação mais perceptível no Português brasileiro. Nessa perspectiva, o conjunto das variações geográficas é responsável pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos e de falares locais e, conseqüentemente, conduzem aos linguajares urbano (mais próximo da linguagem padrão da comunidade) e rural (mais conservadora e isolada).¹⁸ Assim, faz-se necessário utilizar esse condicionamento social porque cada região tem seu modo de falar e isso pode representar um *status* social.

As obras escolhidas não serão analisadas, especificamente, conforme a *variável região*, mas sim, necessariamente, de acordo com a variável designada, aqui, de *zona/localidade* pelo fato de as obras contemplarem diferentes regiões. Isso dificultaria a pesquisa sociolinguística, devido à falta de material expressivo para contraste. Por exemplo, *O Quinze e Capitães da Areia* pertencem à região Nordeste, entretanto *A hora e a vez de Augusto Matraga* pertence à região Sudeste – a obra se passa em algum lugar do sertão mineiro – e *Perto do coração selvagem* a região é desconhecida.

Nesse contexto, a variável zona, que se refere à zona urbana ou à rural, foi a selecionada para tabelar as obras. Dessa maneira, *O Quinze* se passa na zona rural e rurbana,¹⁹ pois a história se inicia no interior do Ceará, passa pelo sertão cearense até que, em determinado momento da narrativa, chega-se a Fortaleza. *Capitães da Areia* é um romance urbano, pois a narrativa se passa principalmente no subúrbio de Salvador. *A hora e a vez de Augusto Matraga*, como citado anteriormente, acontece na zona rural e, por fim, *Perto do coração selvagem* não tem uma zona exatamente definida, mas, pelos acontecimentos recorrentes na narrativa, entende-se que não se passa no meio rural; dessa forma, esta obra constará na tabela como *zona/localidade* urbana.

¹⁷ ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v. 1, 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 34.

¹⁸ PRETI, D. Sociolinguística: os níveis de fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977. p. 15-16.

¹⁹ Termo usado para o local entre o meio rural e o meio urbano. Bortoni-Ricardo o define: “Em um dos pólos do contínuo, estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam a maior influência dos processos de padronização da língua, como vimos. No espaço entre eles fica uma zona rurbana. Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório lingüístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária”. BORTONI-RICARDO, S. M. Diversidade linguística: uma nova abordagem do processo educacional. Rev. Bras. Tecnol., Brasília, v. 12, n. 4, out./dez., 1981. p. 52.

Portanto, as tabelas 2A e 2B são relacionadas à variável *zona/localidade*, sendo que a tabela 2A classifica as obras literárias de linguajar urbano e a tabela 2B, as obras literárias de linguajar rural e/ou rurbano. Assim como as duas tabelas anteriores, da variável *tempo*, estarão apresentados alguns exemplos das variantes *nós* (V1) e *a gente* (V2), e o total será o de todas as ocorrências presentes nas obras verificadas. Na variante V1, foram inseridas três variantes: v1 é a variante padrão, considerada elitizante; v2 é a variante na qual o sujeito não aparece, mas está implícito; e v3 é a variante não padrão, a que é estigmatizante.

TABELA 2A – NÓS: Variável *zona/localidade* – urbana

VARIANTE		OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE
		OBRAS		
		Capitães da Areia	Perto do coração selvagem	
V1 – Nós	v1	<p>“– À noite nós vamos ao cinema. Você gosta de cinema?” (p. 122)</p> <p>“– Porque nós estamos em falta de um irmão”. (p. 226)</p> <p>“– Nós queremos fazer coisas com muita ordem, porque assim venceremos e os operários conseguirão o aumento. Nós não queremos armar barulho, queremos mostrar que os operários são capazes de disciplina”. (p. 253)</p>	<p>“Você sabe, nós nunca teríamos internado Armanda, mesmo que ela roubasse a livraria inteira”. (p. 51)</p> <p>“– Nós nada dissemos ainda..”. (p. 142)</p> <p>“Nós duas formaríamos uma união e forneceríamos à humanidade, sairíamos de manhã cedo de porta em porta, tocaríamos a campainha: qual é que a senhora prefere: meu ou dela? e entregaríamos um filhinho”. (p. 144)</p>	4+5 = 9
	v2	<p>“– És uma santa. Vamos fazer dele um homem..”. (p. 122)</p> <p>“– Sente-se, padre. Temos que conversar”. (p. 148)</p> <p>Pedimos então para tirar um retrato do grupo. (p. 192)</p> <p>“– Vamos embora antes que alarmem”. (p. 212)</p> <p>“Companheiros, vamos pra luta..”. (p. 260)</p>	<p>“Durmamos de mãos dadas”. (p. 22)</p> <p>Mas vivíamos juntos”. (p. 28)</p> <p>“Ambos respirávamos palpitantes e novos”. (p. 71)</p> <p>“Sonhei que íamos os dois por um campo cheio de flores, que eu colhia lírios para você, que você estava toda de branco”. (p. 89)</p>	36+17 = 53
	v3	<p>“– Deixa de conversa fiada, meu tio. Nós quer comer”. (p. 53)</p> <p>“– Nós sabe guardar um segredo tão bem como um cofre”. (p. 54)</p> <p>“– [...] Nós vai fazer um filho lindo..”. (p. 89)</p> <p>“– Posso garantir – falou Pedro Bala. – Nós mora junto, eu sei. (p. 136)”</p>	X	5+0 = 5
TOTAL				67

TABELA 2A – A GENTE: Variável *zona/localidade* – urbana

VARIANTE	OCORRÊNCIAS		TOTAL
	OBRAS		
	Capitães da Areia	Perto do coração selvagem	
V2 – A gente	<p>“– A gente não devia perguntar nada..”. (p. 158)</p> <p>“– A culpa não é da gente... – esclareceu Dora. – A gente não tem ninguém”. (p. 181)</p> <p>“– A gente livra eles. (p. 194)”</p> <p>“– Pois companheiro Pedro, a gente precisa de você e do seu grupo”. (p. 252)</p> <p>“– Não entra ninguém. A gente sabe fazer. Tu vai ver..”. (p. 254)</p>	<p>“Quando a gente rouba e tem medo. Eu não estou nem contente nem triste”. (p. 50)</p> <p>No começo dói um pouco, mas depois a gente se acostuma”. (p. 120)</p> <p>“– A gente se sente bem, dissera Lídia arrastada, os olhos abertos”. (p. 155)</p> <p>“Então ergueu-se um homem tênue e rápido como a brisa que sopra quando a gente está triste e disse de longe: eu”. (p. 165)</p>	54+8 = 62

TABELA 2B – NÓS: Variável *zona/localidade* – rural e/ou rurbano

FASES	OBRAS	ZONA	OCORRÊNCIAS		
			VARIANTES		
			v1	v2	v3
2ª	O Quinze	Urbano	" – Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer como o outro..". (p. 101)	" – Mas vamos falar noutra coisa?" (p. 75) "- Vamos , dona, depressa! Olhe quando o bote encosta, para pular!" (p. 113)	X
		Rurbano	" – Nós ficamos na estrada, eu assim, variando, muito fraco... e ele vindo até aqui". (p. 82)	"- Vamos andando... No caminho Cente conta. O bonde já está enchendo..". (p. 92)	X
		Rural	" – Nós já achamos ela doente". (p. 39) " – Mas, Cente, nós nunca supusemos isso!" (p. 136)	" - Pois vamos ver os burros. Você não há de querer fazer o negócio no escuro..". (p. 25) " – Papai, vamos comer mais aquele povo, debaixo desse pé de pau?" (p. 39)	X
QUANTIDADE			4	11	0
3º	A hora e a vez de Augusto Matraga	Rural	"– E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa do outro [...]" (p. 333) "– Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!..". (p. 362)	"– Vamos embora, Tomázia, aproveitando a confusão" (p. 326). "– Pois então, vamos , que Deus lhe pagará!" (p. 349) " – Vamos logo cumprir a nossa obrigação..". (p. 366)	X
QUANTIDADE			3	5	0
TOTAL			23		

TABELA 2B – A GENTE: Variável *zona/localidade* – rural e/ou rurbano

FASES	OBRAS	ZONA	OCORRÊNCIAS	QUANTIDADE
			V2 – A GENTE	
2ª	O Quinze	Urbano	<p>" - A gente viúva... Sem homem que me sustentasse..". (p. 56)</p> <p>"- A gente é morrendo e aprendendo!" (p. 61)</p> <p>" – E no fim, tudo isso é natural e de esperar, e a gente se acostuma à força..". (p. 61)</p> <p>" – Sempre dão mais, a gente indo com um menino..". (p. 129)</p>	7
		Rurbano	X	0
		Rural	<p>"- A gente esperando por ela, deixa de vir". (p. 16)</p> <p>"- Onde é que a gente vai viver, por esse mundão de meu Deus?" (p. 27)</p> <p>" – Em todo pé de pau há um galho mode a gente armar a tipóia..". (p. 27)</p> <p>" – A gente vai sentir tanta saudade de você!" (p. 32)</p>	5
3º	A hora e a vez de Augusto Matraga	Rural	<p>"– Por onde é que a gente passa, p'ra poder ir ver se êle morreu?" (p. 336)</p> <p>"– A gente não ia passar, porque eu nem sabia que aqui tinha êste comercinho..". (p. 351)</p> <p>"– A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinas..". (p. 353)</p> <p>"– Oh coisa boa a gente andar sôlto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!" (p. 362)</p>	8
TOTAL				20

3.1.3. Variável sexo

Esta variável é importante pois sabe-se que o comportamento das mulheres e dos homens são distintos. Isso também ocorre com a forma de falar, visto que muitos estudos sociolinguísticos apontam para a diferença no ritmo, no tom da voz e inclusive para a preferência de certas estruturas sintáticas, certos vocábulos etc.²⁰

Labov, de acordo com Monteiro (2008), propõe que, no discurso cuidado, as mulheres empregam as variantes menos estigmatizadas do que os homens e, dessa forma, parecem mais sensíveis aos condicionamentos sociais que influenciam no uso da língua.²¹ Essa situação ocorre pelo fato das mulheres terem uma linguagem mais conservadora e assim valorizarem as formas de prestígio, segundo Trudgill (1979).²² Nesse contexto, duas das obras selecionadas para este estudo são de autoria feminina.²³

Na segunda fase do Modernismo, encontra-se Rachel de Queiroz.²⁴ Cearense de natureza, filha de advogado, Rachel diplomou-se professora apenas aos 15 anos de idade, em 1925. Antes disso, ainda na infância, muda-se do Ceará, com a família, para o Rio de Janeiro com o objetivo de fugir da grande seca de 1915 que assolava o estado. Em 1930, já de volta a Fortaleza, publicou seu primeiro romance *O Quinze*, cuja temática era regional, retratando os estragos da seca de 1915. Além de professora e escritora, foi jornalista e tradutora.

Na terceira fase de tal movimento literário, está Clarice Lispector, ucraniana de nascimento, mas autoconsiderada brasileira. Desde criança, embora tenha vivido em condições precárias desde que chegou ao Brasil,²⁵ Clarice estudava línguas e, devido a isso, trabalhou quando jovem como tradutora antes mesmo da publicação de *Perto do coração selvagem*, em 1944, quando tinha apenas 20 anos. Ainda na infância, a situação financeira de sua família melhora e, então, mudam-se para o Rio de Janeiro. Lá, forma-se em Direito, torna-se jornalista e casa-se com um diplomata, cujo ofício fez com que Clarice o acompanhasse pelas viagens, principalmente, internacionais a trabalho.

²⁰ MONTEIRO, J. L. Para compreender Labov. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 71.

²¹ Ibidem. p. 72.

²² Ibidem. p. 75.

²³ Não foi difícil selecionar essas escritoras para a realização deste trabalho, pois, no cenário literário da referente época, encontravam-se mais escritores, ou seja, mais homens do que mulheres.

²⁴ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Rachel de Queiroz. Disponível em: <<https://goo.gl/Q8RdzU>>. Acesso em: 2 set. 2017.

²⁵ Filha de judeus russos, seu nascimento se deu em meio aos preparativos da família para a fuga da Ucrânia, em razão do antissemitismo resultante da Guerra Civil Russa (1918-1922). MOSER, B. Clarice, : uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 560 p. Disponível em: <<https://goo.gl/MGDXXP>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

As outras duas obras escolhidas aqui são de autoria masculina. Assim, na segunda fase do Modernismo, encontra-se Jorge Amado.²⁶ Nascido na Bahia, local de muitos dos seus romances, ainda na adolescência tem interesse pela literatura e pela vida popular. Forma-se em Direito no Rio de Janeiro, em 1935, aos 23 anos, sem jamais ter exercido a profissão. Torna-se, também, jornalista, romancista político e memorialista. Em *Capitães da Areia*, de 1937, são perceptíveis os traços comunistas e a denúncia social. Embora tenha sido este o romance escolhido para análise, o primeiro de suas dezenas de sucessos, *No País do Carnaval*, foi publicado quando Jorge Amado tinha 19 anos, no ano de 1931.

Na terceira fase do Modernismo, está João Guimarães Rosa.²⁷ Mineiro de nascimento, ainda criança estudou diversos idiomas, tendo se tornado mais tarde diplomata. Em 1930, em Belo Horizonte, formou-se médico aos 23 anos; além disso, foi contista, novelista e romancista. Trabalhou como médico em Minas Gerais e, anos depois, em 1934, passou no concurso do Itamaraty; por causa disso, morou na Europa e na América Latina. É em 1946 que publica seu primeiro livro de contos, *Sagarana*, que retrata a paisagem mineira, a vida das fazendas, dos vaqueiros e criadores de gado. Um desses contos mais famosos é *A hora e a vez de Augusto Matraga*. Este livro garantiu-lhe um privilegiado lugar de destaque na literatura brasileira.

Depois de um breve resumo biográfico das autoras e dos autores, visando identificar os homens e as mulheres por detrás dos nomes famosos e sua posição/papel em sociedade, apresentam-se, agora, as tabelas 3A e 3B que são relacionadas à variável *sexo*. A tabela 3A traz as ocorrências do uso de nós e *a gente* nas obras das autoras Rachel de Queiroz e Clarice Lispector; a tabela 3B, as ocorrências do uso de nós e *a gente* nas obras dos autores Jorge Amado e Guimarães Rosa. Assim como as tabelas anteriores, da variável *tempo* e da variável de *zona/localidade*, estarão apresentados alguns exemplos das variantes *nós* (V1) e *a gente* (V2), e o total será o de todas as ocorrências presentes nas obras verificadas. Na variante V1, foram inseridas três variantes: v1 é a variante considerada elitizante, a padrão; v2 é a variante sem sujeito preenchido, mas está implícito; e v3 é a variante considerada estigmatizante, aquela denominada de não padrão.

²⁶ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Jorge Amado. Disponível em: <<https://goo.gl/x7UEUd>>. Acesso em: 2 set. 2017.

²⁷ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Guimarães Rosa. Disponível em: <<https://goo.gl/j9kiu2>>. Acesso em: 2 set. 2017.

TABELA 3A – NÓS: Variável – sexo autoras

VARIANTES		OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE
		Rachel de Queiroz	Clarice Lispector	
V1 – Nós	v1	<p>“ – Nós já achamos ela doente”. (p. 39)</p> <p>“ – Nós ficamos na estrada, eu assim, variando, muito fraco... e ele vindo até aqui”. (p. 82)</p> <p>“ – Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer como o outro..”. (p. 101)</p> <p>“ – Mas, Cente, nós nunca supusemos isso!” (p. 136)</p>	<p>“Você sabe, nós nunca teríamos internado Armanda, mesmo que ela roubasse a livraria inteira”. (p. 51)</p> <p>“– Nós nada dissemos ainda..”. (p. 142)</p> <p>“Nós duas formaríamos uma união e forneceríamos à humanidade, sairíamos de manhã cedo de porta em porta, tocaríamos a campainha: qual é que a senhora prefere: meu ou dela? e entregaríamos um filhinho”. (p. 144)</p>	4+5 = 9
	v2	<p>“ - Mas vamos ao curral para você ver os animais que eu tenho”. (p. 25)</p> <p>“ – Papai, vamos comer mais aquele povo, debaixo desse pé de pau?” (p. 39)</p> <p>“ – Mas vamos falar noutra coisa?” (p. 75)</p> <p>“ – Vamos indo. Parece até que daqui eu estou ouvindo os gritos da menina..”. (p. 147)</p>	<p>“Durmamos de mãos dadas”. (p. 22)</p> <p>Mas vivíamos juntos”. (p. 28)</p> <p>“Ambos respirávamos palpitantes e novos”. (p. 71)</p> <p>“Sonhei que íamos os dois por um campo cheio de flores, que eu colhia lírios para você, que você estava toda de branco”. (p. 89)</p>	11+17 = 28
	v3	X	X	0+0 = 0
TOTAL				37

TABELA 3A – A GENTE: Variável *sexo* – autoras

VARIANTE	OCORRÊNCIAS		TOTAL
	Rachel de Queiroz	Clarice Lispector	
V2 – A gente	<p>“– A gente esperando por ela, deixa de vir”. (p. 16)</p> <p>“ – A gente vai sentir tanta saudade de você!” (p. 32)</p> <p>“ – Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe..”. (p. 124)</p> <p>“– A gente precisa criar seu ambiente, para evitar o excessivo desamparo..”. (p. 125)</p>	<p>“Quando a gente rouba e tem medo. Eu não estou nem contente nem triste”. (p. 50)</p> <p>No começo dói um pouco, mas depois a gente se acostuma”. (p. 120)</p> <p>“– A gente se sente bem, dissera Lídia arrastada, os olhos abertos”. (p. 155)</p> <p>“Então ergueu-se um homem tênue e rápido como a brisa que sopra quando a gente está triste e disse de longe: eu”. (p. 165)</p>	12+8 = 20

TABELA 3B – NÓS: Variável *sexo* – autores

VARIANTE		OCORRÊNCIAS		QUANTIDADE
		Jorge Amado	Guimarães Rosa	
V1 – Nós	v1	<p>“– À noite nós vamos ao cinema. Você gosta de cinema?” (p. 122)</p> <p>“– Porque nós estamos em falta de um irmão”. (p. 226)</p> <p>“– Nós queremos fazer coisas com muita ordem, porque assim venceremos e os operários conseguirão o aumento. Nós não queremos armar barulho, queremos mostrar que os operários são capazes de disciplina”. (p. 253)</p>	<p>“– E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa do outro [...]” (p. 333)</p> <p>“– Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!..”. (p. 362)</p> <p>“ – Nós estamos de saída, mas ainda falta ajustar um devido [...]” (p. 363)</p>	4+3 = 7
	v2	<p>“– És uma santa. Vamos fazer dele um homem..”. (p. 122)</p> <p>“– Sente-se, padre. Temos que conversar”. (p. 148)</p> <p>Pedimos então para tirar um retrato do grupo. (p. 192)</p> <p>“Companheiros, vamos pra luta..”. (p. 260)</p>	<p>“– Vamos embora, Tomázia, aproveitando a confusão” (p. 326).</p> <p>“– Pois então, vamos, que Deus lhe pagará!” (p. 349)</p> <p>“ – Vamos logo cumprir a nossa obrigação..”. (p. 366)</p>	36+5 = 41
	v3	<p>“– Deixa de conversa fiada, meu tio. Nós quer comer”. (p. 53)</p> <p>“– Hoje nós vai fazer gasto”. (p. 53)</p> <p>“– Nós sabe guardar um segredo tão bem como um cofre”. (p. 54)</p> <p>“– [...] Nós vai fazer um filho lindo..”. (p. 89)</p> <p>“– Posso garantir. – falou Pedro Bala. – Nós mora junto, eu sei. (p. 136)”</p>	X	5+0 = 5
TOTAL				53

TABELA 3B – A GENTE: Variável *sexo* – autores

VARIANTE	OCORRÊNCIAS		TOTAL
	Jorge Amado	Guimarães Rosa	
V2 – A gente	<p>“– A gente não devia perguntar nada..”. (p. 158)</p> <p>“– A culpa não é da gente... – esclareceu Dora. – A gente não tem ninguém”. (p. 181)</p> <p>“– A gente livra eles. (p. 194)”</p> <p>“– Pois companheiro Pedro, a gente precisa de você e do seu grupo”. (p. 252)</p> <p>“– Não entra ninguém. A gente sabe fazer. Tu vai ver..”. (p. 254)</p>	<p>“– Por onde é que a gente passa, p’ra poder ir ver se ele morreu?” (p. 336)</p> <p>“– A gente não ia passar, porque eu nem sabia que aqui tinha êste comercinho..”. (p. 351)</p> <p>“– A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinhas..”. (p. 353)</p> <p>“– Oh coisa boa a gente andar sôlto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!” (p. 362)</p>	54+8 = 62

3.2 Condicionamentos Linguísticos

A língua é estudada por uma perspectiva sociolinguística, por isso é importante observar o que está incentivando os fenômenos de mudança. Diferentemente do que pensavam os estruturalistas, nem sempre um fenômeno ocorre apenas dentro do sistema linguístico, posto que o fenômeno acontece em sociedade, como visto no capítulo anterior, 2 *Revisão da literatura*.

Neste item, serão apresentadas as tabelas dos condicionamentos linguísticos, as variáveis que linguisticamente podem estar motivando o fenômeno do uso variável de *nós* e *a gente*. Desse modo, este item estará dividido em 3.2.1. *Paralelismo formal*; 3.2.2 *Preenchimento do sujeito*; e 3.2.3 *Marca morfêmica*.

3.2.1. Paralelismo formal

A variável paralelismo formal é entendida como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma sequência discursiva (VITÓRIO, 2015, p. 133). Nesse sentido, Brustolin (2010, p. 7) valeu-se de três tipos de paralelismo

- (i) paralelismo formal: **paralelismo 1 (sujeito-sujeito)**: a gente/nós... 0; a gente/nós... a gente; a gente/nós... – mos; a gente/nós... nós); (ii) **paralelismo 2 (com clíticos: sujeito-objeto)**: a gente... nos/se; a gente/nós... (d) a gente (com a gente); a gente/nós... nós (de nós, com nós, para nós, conosco); e, (iii) **paralelismo 3 (com possessivos: sujeito-adjunto adnominal)**: a gente/nós... nosso (s); a gente/nós... (d) a gente.

Considerou-se, aqui, o paralelismo sujeito-sujeito,²⁸ ou seja, partiu-se da hipótese de que a primeira ocorrência de um pronome condicione as demais ocorrências, desencadeando várias repetições da mesma forma pronominal. Assim, os critérios estabelecidos para considerar uma série de repetições do paralelismo sujeito-sujeito foram os usos de *nós* e *a gente*, explícitos ou implícitos, durante as falas das personagens nas obras analisadas.

Na tabela 4, a seguir, assim como as anteriores dos 3.1 *Condicionamentos Sociais*, estarão apresentados os – poucos – exemplos das variantes *nós* (V1) e *a gente* (V2) de tal variável linguística, e o total será o de todas as ocorrências presentes nas obras verificadas. Na variante V1, foram inseridas três variantes: v1 é a variante padrão, considerada elitizante; v2 é a variante na qual o sujeito não aparece, mas está implícito; e v3 é a variante não padrão, a que é estigmatizante.

²⁸ No trabalho de Brustolin, o paralelismo formal 1 (sujeito-sujeito) foi o que se mostrou significativo no resultado das pesquisas. BRUSTOLIN, A. K. B. S. Uso e variação de *nós* e *a gente* na fala e escrita de alunos do ensino fundamental. In: Encontro do CELSUL, 9, (Anais...). Palhoça, SC, out., 2010. p. 7.

TABELA 4 – NÓS: Variável *paralelismo formal*

FASES	AUTORES/ AUTORAS	VARIANTE			QUANTIDADE
		V1 – Nós			
		v1	v2	v3	
2º	Rachel de Queiroz	“– Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus”. (p. 39)	X	X	1
	Jorge Amado	“– Nós queremos fazer coisas com muita ordem, porque assim venceremos e os operários conseguirão o aumento. Nós não queremos armar barulho, queremos mostrar que os operários são capazes de disciplina”. (p. 253)	“- Vamos rezar todo mundo, que isto é um castigo de Deus pros pecados da gente. A gente peca muito, Deus tá castigando. Vamos pedir perdão”. (p. 141)”.	X	1+1= 2
TOTAL					3
3º	Clarice Lispector	“ Nós duas formaríamos uma união e forneceríamos à humanidade, sairíamos de manhã cedo de porta em porta, tocaríamos a campainha: qual é que a senhora prefere: meu ou dela? e entregaríamos um filhinho”. (p. 144) “- Nós nada dissemos ainda... E precisamos falar..”. (p. 142)	X	X	2
	Guimarães Rosa	“- Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!..”. (p. 362)	X	X	1
TOTAL					3

TABELA 4 – A GENTE: Variável *paralelismo formal*

FASES	AUTORES/ AUTORAS	VARIANTE	QUANTIDADE
		V2 – A gente	
2º	Rachel de Queiroz	<p>“– Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe..”. (p. 124)</p> <p>“ – [...] Aí, a gente faz o que pode para não morrer de fome..”. (p. 129)</p>	4
	Jorge Amado	<p>- É a gente, sim. E dos que manda. (p. 54)</p> <p>“- Vamos rezar todo mundo, que isto é um castigo de Deus pros pecados da gente. A gente peca muito, Deus tá castigando. Vamos pedir perdão” (p. 141).</p> <p>- Deixa eu matutar. A gente tem que dar conta. A gente garantiu a Aninha. Agora tem que fazer. (p. 95)</p>	8
TOTAL			12
3º	Clarice Lispector	<p>“Quando a gente rouba e tem medo. Eu não estou nem contente nem triste”. (p. 50)</p>	1
	Guimarães Rosa	X	0
TOTAL			1

3.2.2. Preenchimento do sujeito

A variável preenchimento do sujeito diz respeito à expressão plena ou nula do sujeito pronominal, ou seja, quando *nós* e *a gente* são expressos foneticamente na indicação da primeira pessoa do plural significa a expressão plena; quando não é expresso foneticamente e tais pronomes são marcados por meio de desinências verbais (*-mos* ou \emptyset) trata-se da expressão nula.²⁹ Estudos realizados anteriormente sobre o preenchimento do sujeito apontam que o uso do sujeito preenchido é cada vez mais uma característica do português brasileiro.³⁰

Considerou-se esta variável na análise dos dados com a intenção de observar se o preenchimento ou não do sujeito condiciona os usos pronominais da primeira pessoa do plural na escrita modernista. Desse modo, a tabela 5 traz ocorrências do uso de *nós* e *a gente* nas obras analisadas. Estarão apresentados alguns exemplos das variantes *nós* (V1) e *a gente* (V2), e o total será o de todas as ocorrências presentes nas obras verificadas. Na variante V1, foram inseridas três variantes: a variante considerada elitizante é a v1, a padrão; a variante sem sujeito preenchido é a v2, mas está implícito; e v3 é a variante considerada estigmatizante, aquela denominada de não padrão.

Nas páginas seguintes, apresentam-se a tabela 5 – NÓS e a tabela 5 – A GENTE nas páginas 62 e 63. Logo abaixo, adianta-se o próximo subitem 3.2.3 *Marca morfêmica* por uma questão de espaço e de estética do trabalho

3.2.3. Marca morfêmica

A variável marca morfêmica resulta na concordância verbal; nesse sentido, as marcas morfêmicas (*-mos* ou \emptyset) tendem a acompanhar as formas pronominais *nós* e *a gente*. Em muitos estudos, como o de Brustolin (2010, p. 4), existe a possibilidade de quatro maneiras distintas de se realizar a concordância verbal referente a esses pronomes da primeira pessoa do plural. São eles: *nós* + *-mos*; *nós* + \emptyset ; *a gente* + \emptyset ; e *a gente* + *-mos*; entretanto, há uma predominância maior no cenário brasileiro da combinação de *nós* + *-mos* e *a gente* + \emptyset .

Foi observado neste trabalho que as marcas morfêmicas aqui analisadas seguiram os resultados de muitos trabalhos, nos quais há uma predominância maior do uso de *nós* + *-mos* e *a gente* + \emptyset . Todavia, apenas em *Capitães de Areia* notou-se o uso de *nós* + desinência de

²⁹ OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs). Mudança Linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2003. p. 63-80.

terceira pessoa do singular. Assim como em todas as tabelas anteriores, estarão apresentados alguns exemplos das variantes *nós* (V1) e *a gente* (V2), e o total será o de todas as ocorrências presentes nas obras verificadas. Na variante V1, foram inseridas três variantes: v1 é a variante considerada elitizante, a padrão; v2 é a variante sem sujeito preenchido, mas está implícito; e v3 é a variante considerada estigmatizante, aquela denominada de não padrão.

A tabela 6 – NÓS e a tabela 6 – A GENTE, relativas à marca morfêmica, encontram-se nas páginas 64 e 65.

³⁰ DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. *In*: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs). *Mudança Linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2003. p. 115-128. Disponível em: <<https://goo.gl/ktWU5R>>. Acesso em: 18 nov. 2017. p. 115.

TABELA 5 – NÓS: Variável preenchimento do sujeito

FASES	AUTORES/ AUTORAS	VARIANTES			QUANTIDADE
		V1 – Nós			
		v1	v2	v3	
2º	Rachel de Queiroz	<p>“ – Nós ficamos na estrada, eu assim, variando, muito fraco... e ele vindo até aqui”. (p. 82)</p> <p>“ – Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer como o outro..”. (p. 101)</p>	<p>“ – Papai, vamos comer mais aquele povo, debaixo desse pé de pau?” (p. 39)</p> <p>“- Vamos andando... No caminho Cente conta. O bonde já está enchendo..”. (p. 92)</p>	X	4+11+0= 15
	Jorge Amado	<p>– À noite nós vamos ao cinema. Você gosta de cinema? (p. 122)</p> <p>– Porque nós estamos em falta de um irmão. (p. 226)</p>	<p>Passemos agora a relatar o assalto de ontem [...] (p. 10)</p> <p>– [...] E depois que o comissário chegar vamos ver quanto tempo você vai dormir aqui... (p. 102)</p>	<p>– Hoje nós vai fazer gasto. (p. 53)</p> <p>– Tu é um pancadão, morena. Nós vai fazer um filho lindo... (p. 89)</p>	4+36+5= 45
TOTAL					60
3º	Clarice Lispector	<p>“- Nós nada dissemos ainda..”. (p. 142)</p> <p>“- Nós não saberíamos como fazê-lo viver..., veio a voz de Joana”. (p. 184)</p>	<p>“Se falássemos nele seria pelo menos agora sem interesse nem ardor..”. (p. 142)</p> <p>“Sim, compremos o artigo, compremos o artigo”. (p.142)</p>	X	5+17+0= 22
	Guimarães Rosa	<p>“- E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa do outro [...]” (p. 333)</p> <p>“ – Nós estamos de saída, mas ainda falta ajustar um devido [...]” (p. 363)</p>	<p>“Vamos andando”. (p. 327)</p> <p>“- Pois então, vamos, que Deus lhe pagará!” (p. 349)</p>	X	3+5+0= 8
TOTAL					30

TABELA 5 – A GENTE: Variável *preenchimento do sujeito*

FASES	AUTORES/ AUTORAS	VARIANTE	QUANTIDADE
		V2 – A gente	
2º	Rachel de Queiroz	<p>“- A gente é morrendo e aprendendo!” (p. 61)</p> <p>“ – E no fim, tudo isso é natural e de esperar, e a gente se acostuma à força..”. (p. 61)</p>	12
	Jorge Amado	<p>- Tu agora é minha noiva. Um dia a gente se casa. (p. 187)</p> <p>A gente nunca te esquece, mano... Tu lia história para gente, era o mais batuta da gente... O mais batuta... (p. 222)</p>	54
TOTAL			66
3º	Clarice Lispector	<p>“Mas tendo a coisa mais alta, disse ela devagar, a gente por assim dizer já não tem as que estão abaixo”? (p. 55)</p> <p>“No começo dói um pouco, mas depois a gente se acostuma”. (p. 120)</p>	8
	Guimarães Rosa	<p>“- Mas a gente nem pode mais ter o gosto de brigar, porque o pessoal não aparece [...] (p. 350)</p> <p>“- Por isso a gente deu tanta volta”. (p. 351)</p>	8
TOTAL			16

TABELA 6 – NÓS: Variável *marca morfológica*

FASES	AUTORES/ AUTORAS	VARIANTE			QUANTIDADE
		V1 – Nós			
		v1	v2	v3	
2º	Rachel de Queiroz	<p>" – Nós ficamos na estrada, eu assim, variando, muito fraco... e ele vindo até aqui". (p. 82)</p> <p>" – Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer como o outro..". (p. 101)</p>	<p>" – Papai, vamos comer mais aquele povo, debaixo desse pé de pau?" (p. 39)</p> <p>"- Vamos andando... No caminho Cente conta. O bonde já está enchendo..". (p. 92)</p>	X	4+11+0= 15
	Jorge Amado	<p>– À noite nós vamos ao cinema. Você gosta de cinema? (p. 122)</p> <p>– Porque nós estamos em falta de um irmão. (p. 226)</p>	<p>Passamos agora a relatar o assalto de ontem, do qual foi vítima um honrado comerciante da nossa praça [...] (p. 10)</p> <p>– [...] E depois que o comissário chegar vamos ver quanto tempo você vai dormir aqui... (p. 102)</p>	<p>– Deixa de conversa fiada, meu tio. Nós quer comer. (p. 53)</p> <p>– Posso garantir - falou Pedro Bala. – Nós mora junto, eu sei. (p. 136)</p>	4+36+5= 45
TOTAL					60
3º	Clarice Lispector	<p>"- Nós nada dissemos ainda..". (p. 142)</p> <p>"- Nós não saberíamos como fazê-lo viver..., veio a voz de Joana". (p. 184)</p>	<p>"Se falássemos nele seria pelo menos agora sem interesse nem ardor..". (p. 142)</p> <p>"Sim, compremos o artigo, compremos o artigo". (p.142)</p>	X	5+17+0= 22
	Guimarães Rosa	<p>"- E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa do outro [...]" (p. 333)</p> <p>" – Nós estamos de saída, mas ainda falta ajustar um devido [...]" (p. 363)</p>	<p>"Vamos andando". (p. 327)</p> <p>"- Pois então, vamos, que Deus lhe pagará!" (p. 349)</p>	X	3+5+0= 8
TOTAL					30

TABELA 6 – A GENTE: Variável *marca morfêmica*

FASES	AUTORES/ AUTORAS	VARIANTES	QUANTIDADE
		V2 – A gente	
2º	Rachel de Queiroz	<p>“- A gente é morrendo e aprendendo!” (p. 61)</p> <p>“ – E no fim, tudo isso é natural e de esperar, e a gente se acostuma à força...”. (p. 61)</p>	12
	Jorge Amado	<p>- Tu agora é minha noiva. Um dia a gente se casa. (p. 187)</p> <p>A gente nunca te esquece, mano... Tu lia história para gente, era o mais batuta da gente... O mais batuta... (p. 222)</p>	54
TOTAL			66
3º	Clarice Lispector	<p>“Mas tendo a coisa mais alta, disse ela devagar, a gente por assim dizer já não tem as que estão abaixo”? (p. 55)</p> <p>“No começo dói um pouco, mas depois a gente se acostuma”. (p. 120)</p>	8
	Guimarães Rosa	<p>“- Mas a gente nem pode mais ter o gosto de brigar, porque o pessoal não aparece [...] (p. 350)</p> <p>“- Por isso a gente deu tanta volta”. (p. 351)</p>	8
TOTAL			16

3.3. Interação e Avaliação – o que dizem os dados e a sociedade

A Sociolinguística, como visto anteriormente, tem como objeto de estudo a língua falada, observada e descrita no contexto social. Neste item, os dados coletados serão abordados em forma de gráficos e analisados, a fim de saber se o fenômeno da variação *nós* e *a gente* foi bem quisto ou não, ou seja, se sua avaliação foi positiva, neutra ou negativa por partes dos escritores e escritoras nas obras literárias aqui abordadas. Uma avaliação positiva é representada por um alto índice de escolhas e usos de uma determinada variante. Uma avaliação neutra é identificada quando há paridade nas escolhas e usos das variantes linguísticas. Em contraposição, uma avaliação negativa é representada por poucas escolhas e usos de determinada(s) variante(s).

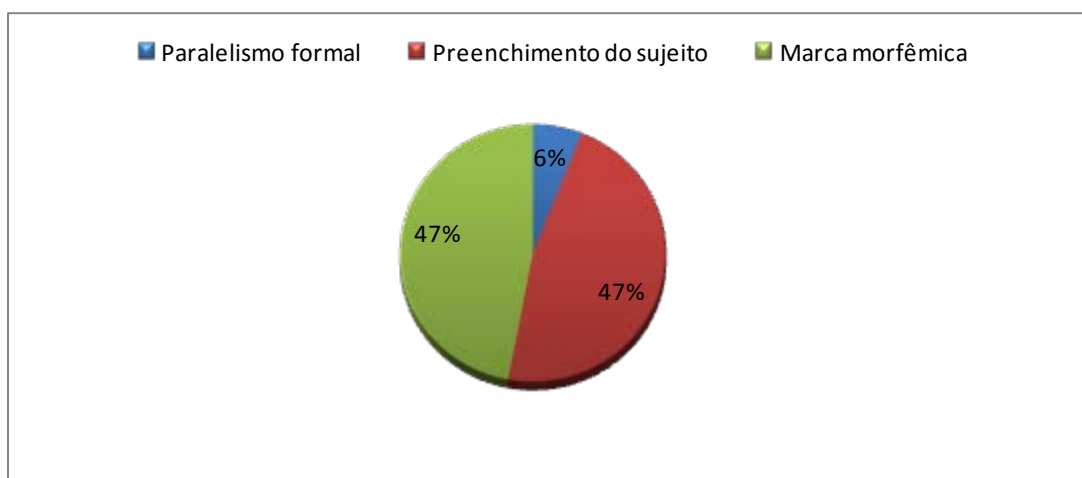
Como as variáveis sociais já se encontram enraizadas na sociedade, não é tão fácil percebê-las; assim também ocorre com as variáveis linguísticas que, de tão encobertas, não são perceptíveis a olho nu. Por isso, fazem-se necessários estudos sociolinguísticos como este, para que se observe, detalhadamente, como com o auxílio de uma “lupa teórica”, cada etapa de um fenômeno analisado. A validade desse aparato será apresentada e testada, agora, mediante a exposição de gráficos com os resultados dos dados obtidos do uso das variantes *nós* e *a gente*. Assim, gráficos com informações mais gerais serão apresentados primeiramente dentro do item *3.3.1 Interação das Variáveis Linguísticas e Sociais – visão geral* e, em seguida, nos itens *3.3.2 Interação das Variáveis Linguísticas e Sociais – visão específica* e *3.3.3 Os dados e a avaliação da Variável Dependente nós/a gente no contexto social do Modernismo brasileiro*, apresentando gráficos mais detalhados que serão expostos e comentados.

3.3.1. Interação das Variáveis Linguísticas e Sociais – visão geral

Neste subitem, serão apresentados os gráficos que possuem os dados totais das variáveis linguísticas – paralelismo formal, preenchimento do sujeito e marca morfêmica –, das zonas escolhidas – urbana, rurbana e rural – e dos sexos – feminino (mulher) e masculino (homem). Os gráficos 1 e 2 tratam das variáveis linguísticas dos dois períodos literários escolhidos; os gráficos 3 e 4 das zonas do 2º e 3º período do Modernismo brasileiro; e, para concluir este subitem, os gráficos 5 e 6 expõem os dados totais do uso das formas pronominais, reunidas nas duas fases modernistas, pelos autores e pelas autoras de cada período.

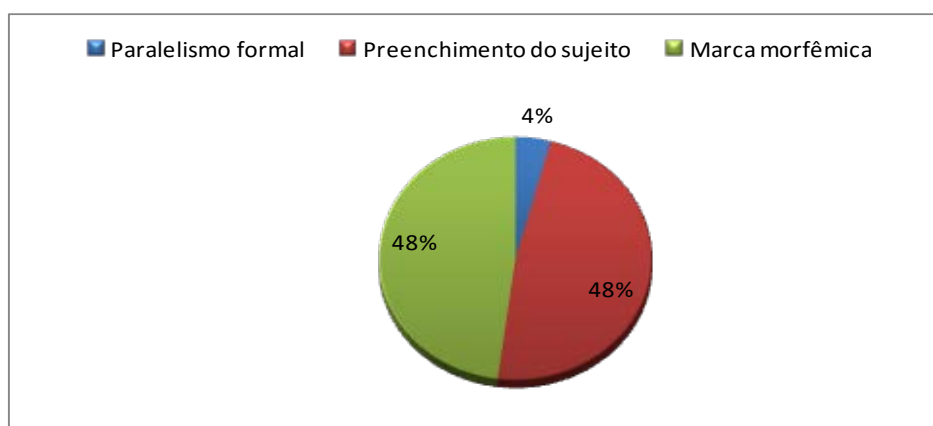
No gráfico 1, expõe-se o total de todos os condicionamentos linguísticos da 2ª fase do Modernismo brasileiro. O paralelismo formal, que se entende como sendo a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma sequência discursiva, não foi muito utilizado pelos autores e pelas autoras desse 2º momento da citada escola literária (apenas 5% do total). Por outro lado, percebe-se o uso idêntico entre as variáveis “preenchimento do sujeito” (47%) e “marca morfêmica” (47%), visto que a marca morfêmica (-*mos* ou \emptyset) se faz presente quando o sujeito está preenchido ou nulo.

GRÁFICO 1: 2ª fase do Modernismo brasileiro – Variáveis Linguísticas



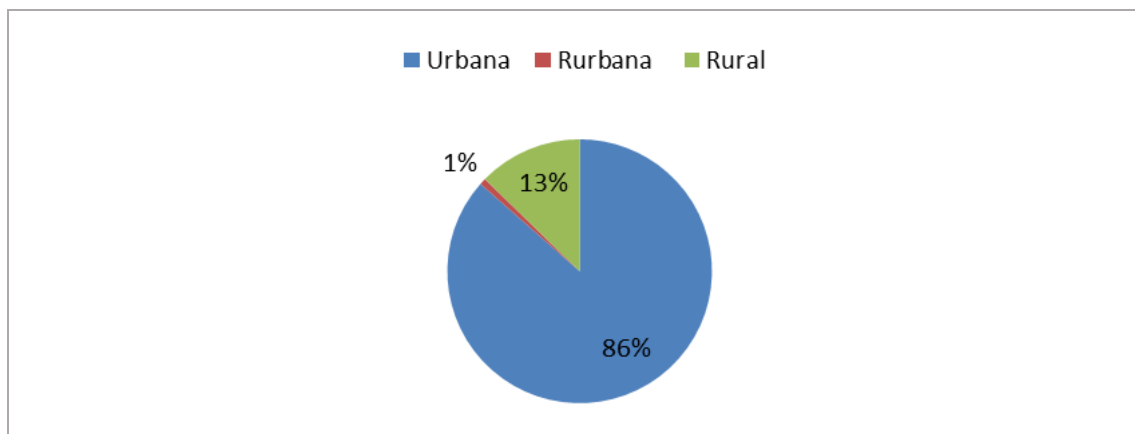
No gráfico 2, abaixo, é apresentada a quantidade total de todos os condicionamentos linguísticos da 3ª fase do Modernismo brasileiro. O paralelismo formal, assim como na 2ª fase do Modernismo, continua aparecendo discretamente no gráfico, apenas com 4% de uso pelos autores do 3º período. Ademais, o preenchimento do sujeito (47%) e a marca morfêmica estão com porcentagens iguais (48%), posto que a marca morfêmica (-*mos* ou \emptyset) se faz presente quando o sujeito está preenchido ou nulo.

GRÁFICO 2: 3ª fase do Modernismo brasileiro – Variáveis Linguísticas



Os gráficos 3 e 4, expostos na sequência, apontam as zonas de localização das obras em cotejo dentro dos espaços urbano, rurbano e rural. O gráfico 3 é referente ao 2º período e demonstra um maior uso das variantes *nós* e *a gente* no contexto urbano com 86% do total. A zona rural permaneceu com 13% do total e, com uma pequena porcentagem, a zona rurbana representou apenas 1% dos dados. Vale lembrar que a obra de Jorge Amado se passa inteiramente no cenário urbano, enquanto que a de Rachel de Queiroz há uma transição entre as três zonas: rural, rurbana e urbana.

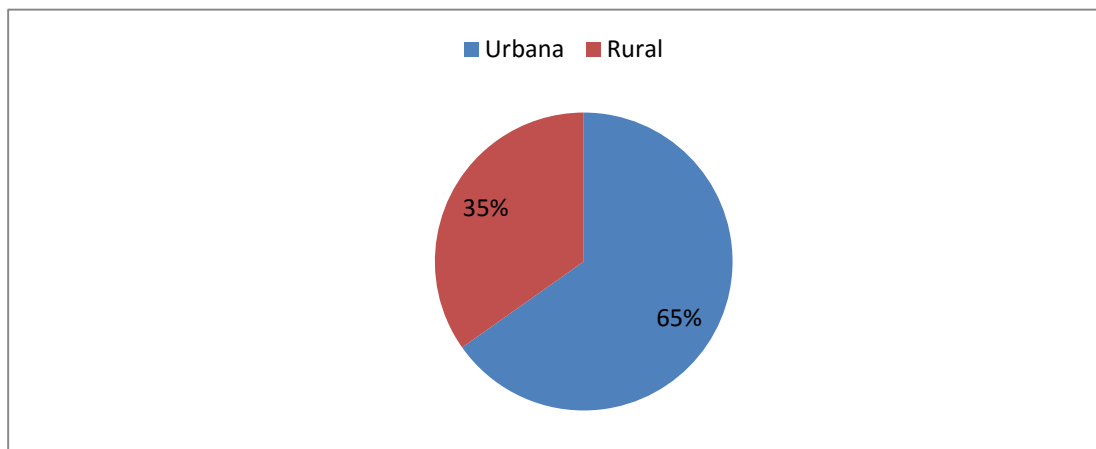
GRÁFICO 3: 2ª fase do Modernismo brasileiro – Variável Zona



O gráfico 4 aponta para o maior uso das formas pronominais em questão na zona urbana (65%) no 3º período do Modernismo brasileiro, devido ao fato de o romance de Clarice Lispector

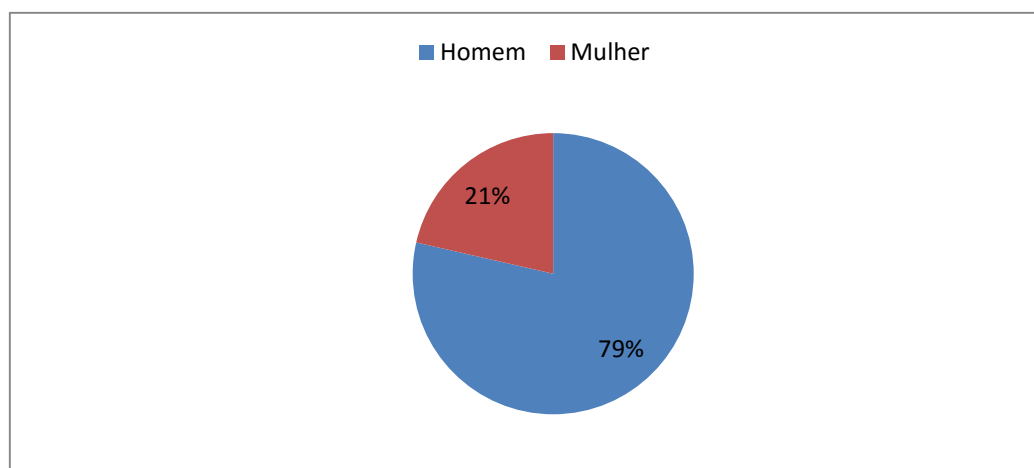
estar ambientado em área citadina. A zona urbana, representada pelo conto de Guimarães Rosa, tem como representatividade 35% dos dados.

GRÁFICO 4: 3ª fase do Modernismo brasileiro – Variável Zona



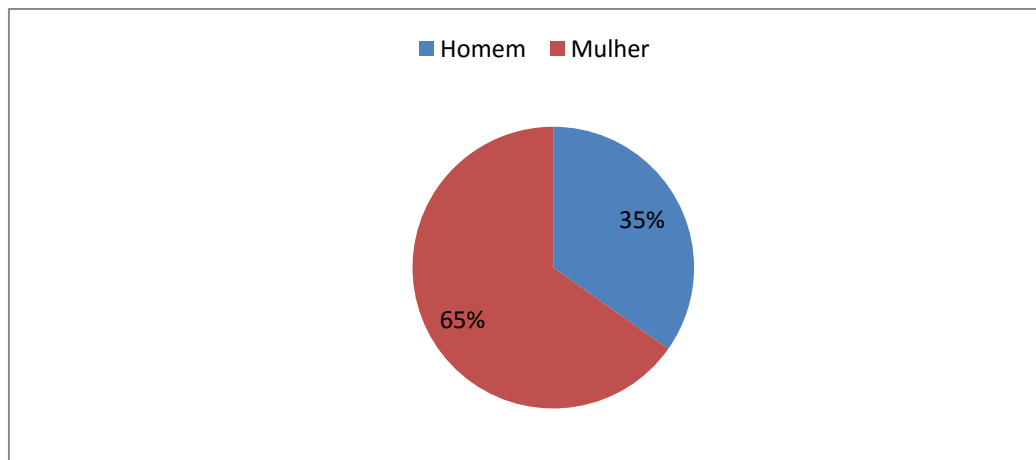
Nos gráficos 5 e 6, logo a seguir, aponta-se o uso das formas pronominais obtidas nas obras analisadas, de acordo com a variável sexo. O gráfico 5 é referente ao 2º período do Modernismo brasileiro e aponta para um maior uso entre as variantes *nós* e *a gente* na obra do escritor Jorge Amado, com 79% dos dados. O romance de Rachel de Queiroz ficou com apenas 21% do total de dados quanta a essa variação linguística.

GRÁFICO 5: 2ª fase do Modernismo brasileiro – Variável Sexo



O gráfico 6 indica um maior uso das variantes estudadas na obra de Clarice Lispector, com 65% do total dos dados. Por sua vez, Guimarães Rosa fica com 35% dos dados em relação ao uso de *nós* e *a gente*, quando comparado a Lispector.

GRÁFICO 6: 3ª fase do Modernismo brasileiro – Variável Sexo



3.3.2. Interação das Variáveis Linguísticas e Sociais – visão específica

Neste subitem, estarão alocados todos os cruzamentos ou as interações observadas e analisadas entre as variáveis linguísticas e sociais. Assim, serão estabelecidos contrastes entre o 2º período e o 3º período da escola literária focalizada relativamente a cada fator condicionador estrutural ou variável linguística – paralelismo formal, preenchimento do sujeito, marca morfológica – em todas as zonas focalizadas – urbana, rurbana, rural – de acordo com o sexo dos modernistas estudados nesta presente pesquisa.

Para começar, os gráficos 7, 8 e 9, comporão um mostruário de todos os dados que envolvem o 2º período do Modernismo brasileiro e o condicionamento linguístico “paralelismo formal”, divididos pelas zonas urbana, rurbana e rural, cada uma delas com um gráfico referente ao escritor Jorge Amado e à escritora Rachel de Queiroz.

GRÁFICO 7: 2º período x Paralelismo formal

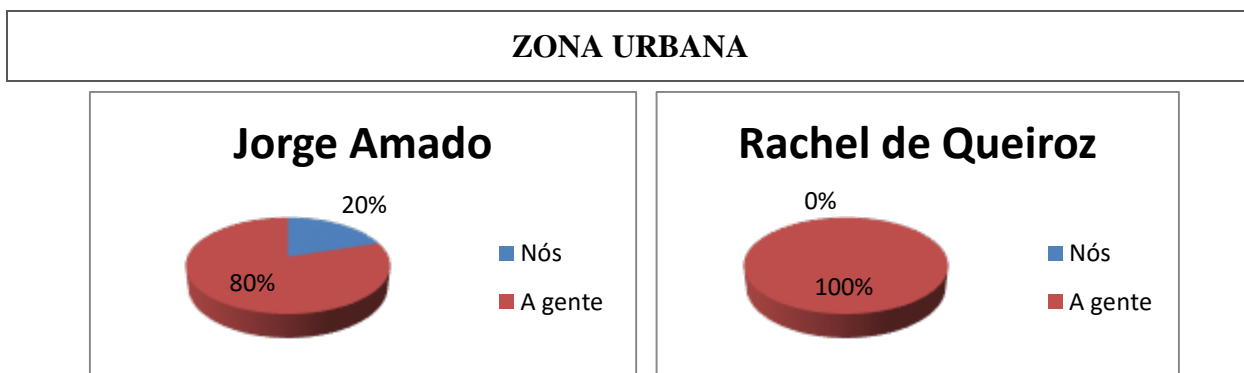


GRÁFICO 8: 2º período x Paralelismo formal

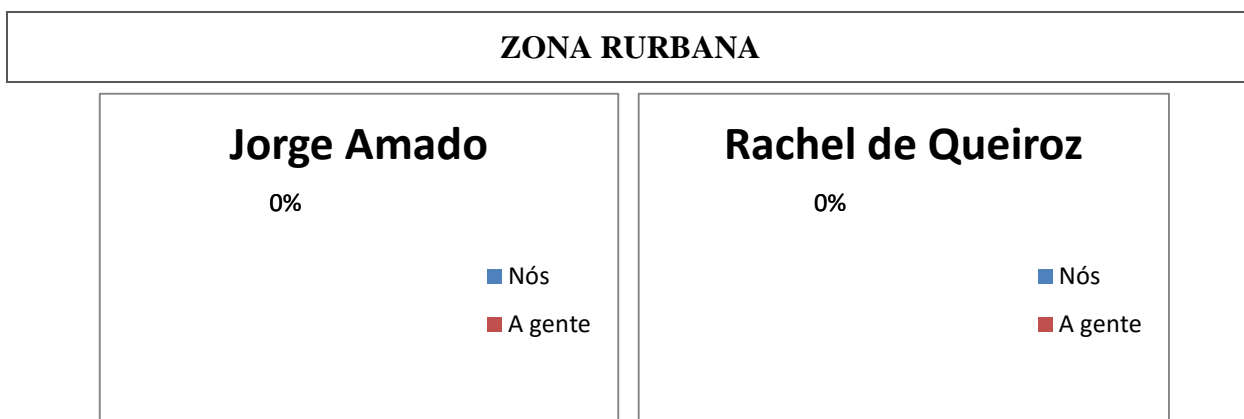
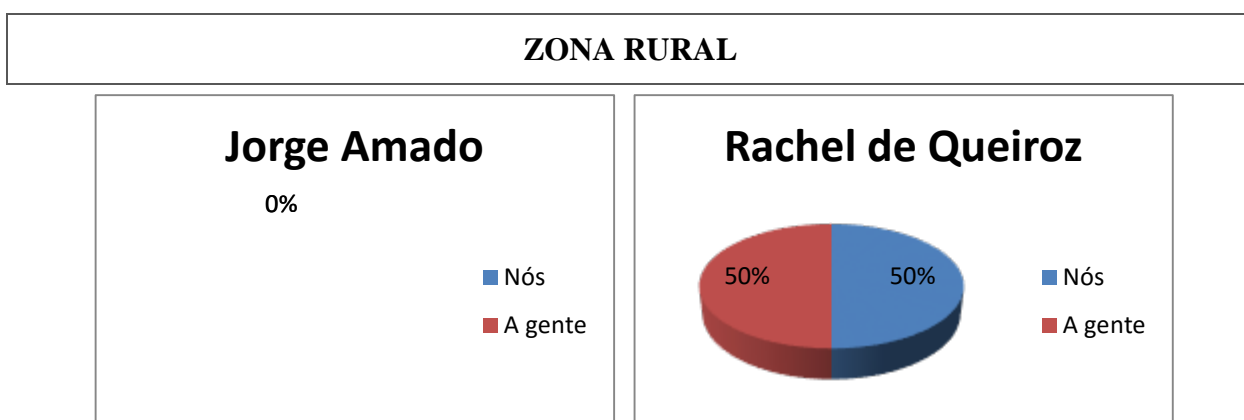


GRÁFICO 9: 2º período x Paralelismo formal



Nota-se, no gráfico 7, que o paralelismo formal em Rachel de Queiroz, em relação à variante *a gente*, na zona urbana, é de 100%, e, em Jorge Amado, também há uma predominância

de tal variante (80%). Relembrando que, das quatro obras escolhidas, apenas *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, desenrola-se na zona urbana, mas, mesmo assim, quando se tratando de paralelismo formal, o número de dados foi nulo para essa obra.

Como *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, se passa nas ruas da cidade de Salvador, não houve dados de zona rural para este condicionamento linguístico nem para quaisquer um dos outros selecionados – preenchimento do sujeito e marca morfêmica. É interessante notar que em *O Quinze*, houve empate no uso das variantes *nós* (50%) e *a gente* (50%).

Nos gráficos 10, 11 e 12, adiante, serão encontrados os dados que envolvem o 2º período do Modernismo brasileiro e o condicionamento linguístico “preenchimento do sujeito”, divididos também pelas zonas urbana, urbana e rural, cada uma delas com um gráfico referente ao escritor Jorge Amado e à escritora Rachel de Queiroz.

GRÁFICO 10: 2º período x Preenchimento do sujeito

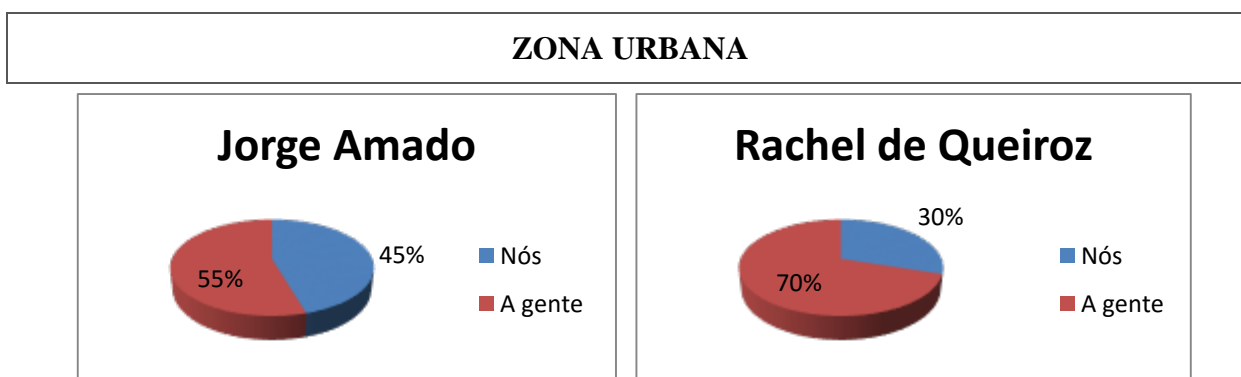


GRÁFICO 11: 2º período x Preenchimento do sujeito

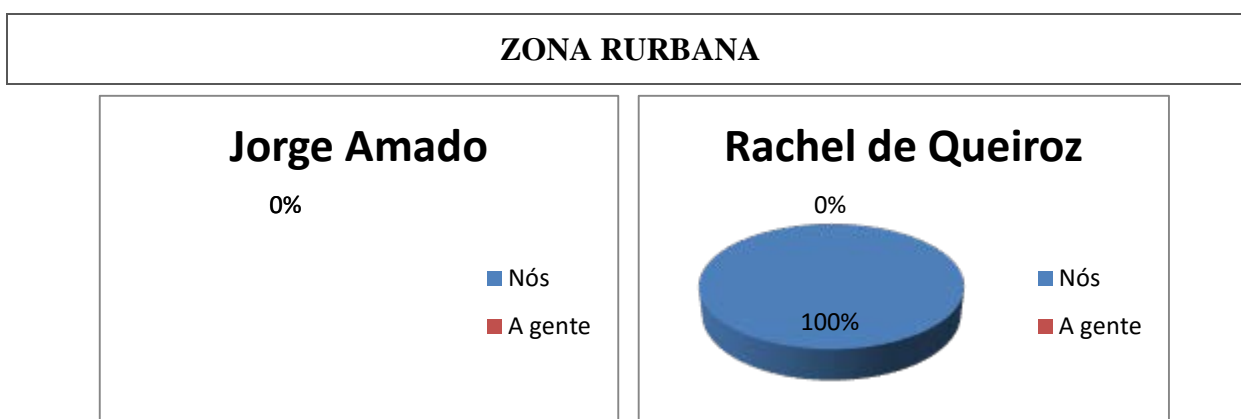
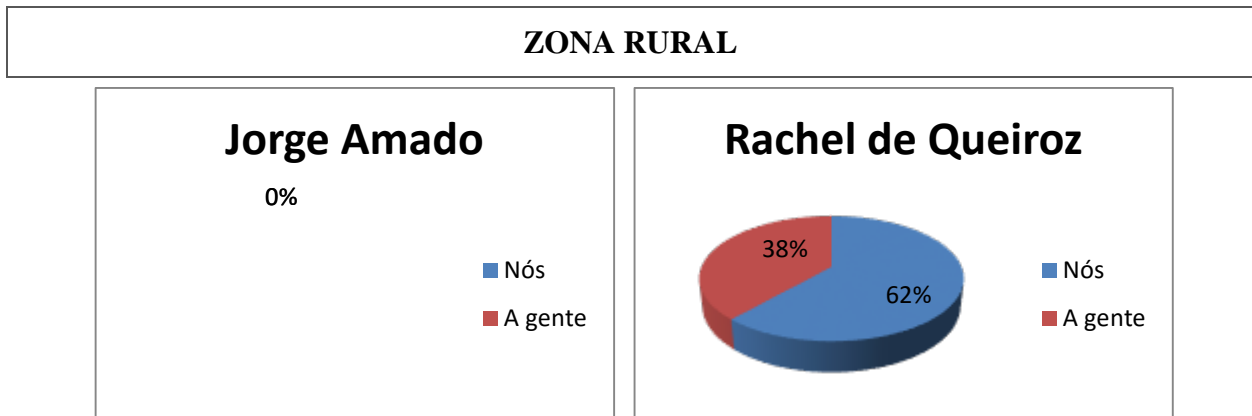


GRÁFICO 12: 2º período x Preenchimento do sujeito



A variável de preenchimento do sujeito, na zona urbana, como pode ser observado no gráfico 10, mostrou-se em número maior nas duas obras em referência à variante *a gente*, entretanto com uma diferença menor em Jorge Amado (55% para *a gente* e 45% para *nós*) do que em Rachel de Queiroz (70% para *a gente* e 30% para *nós*).

No gráfico 11, pode-se observar que, para a zona rurbana, *Capitães da Areia* permanece sem dados devido ao local especificamente urbano da obra. É curioso notar que, nas áreas rurbanas, em *O Quinze*, o preenchimento do sujeito foi de 100% a favor da variante *nós*.

O gráfico 12 compreende o preenchimento do sujeito no 2º período na zona rural, assim a obra de Rachel de Queiroz mostra os dados tendendo para a variante *nós* (62%) enquanto que o uso da variante *a gente* é menor (38%).

Os gráficos 13, 14 e 15 concentrarão os dados que envolvem a variável marca morfêmica e o 2º período do Modernismo brasileiro, divididos igualmente, como nos gráficos anteriores, em zonas urbana, rurbana e rural, cada uma delas com um gráfico referente ao escritor Jorge Amado e à escritora Rachel de Queiroz.

GRÁFICO 13: 2º período x Marca morfológica

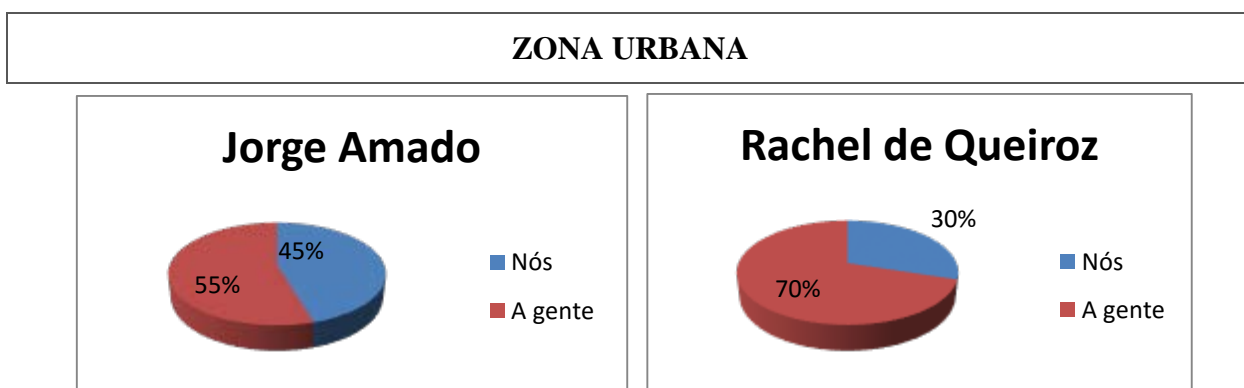


GRÁFICO 14: 2º período x Marca morfológica

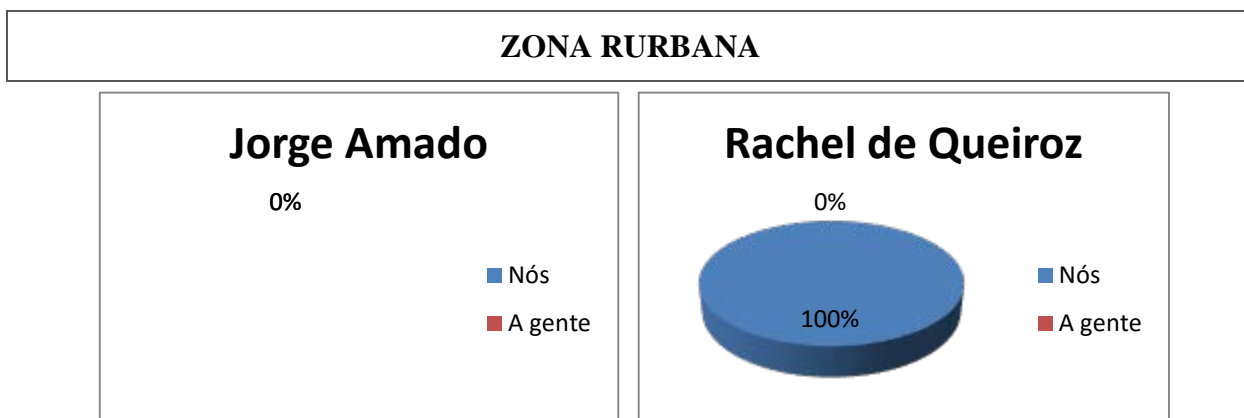
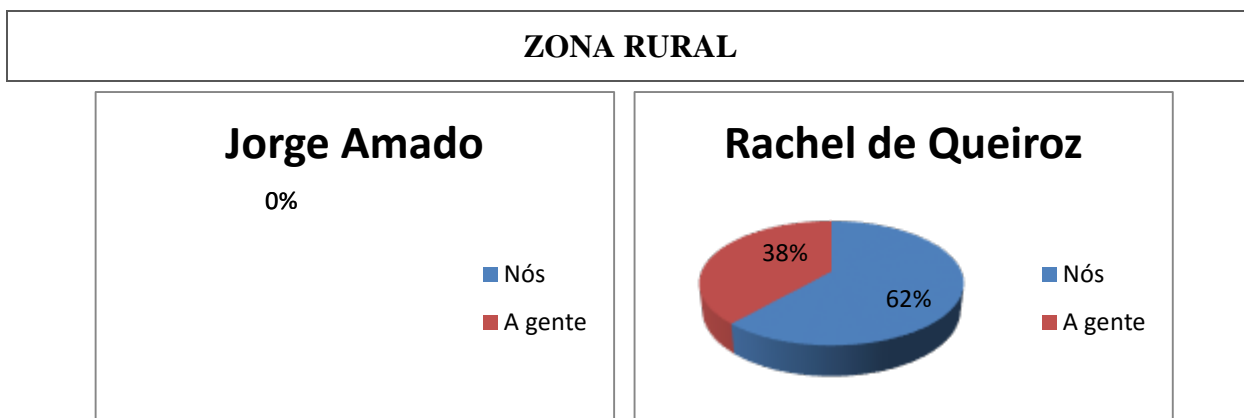


GRÁFICO 15: 2º período x Marca morfológica



Observa-se a marca morfêmica e o preenchimento dos sujeito trazendo os mesmos dados e, conseqüentemente, os mesmos gráficos, posto que a marca morfêmica (-*mos* ou \emptyset) faz parte do sujeito preenchido ou nulo da variável preenchimento do sujeito. Dessa forma, no gráfico 13, a obra de Rachel de Queiroz apresenta o maior uso de *a gente* (70%) do que de *nós* (30%) e a de Jorge Amado, mesmo que sem uma diferença muito grande, utiliza mais a variante *a gente* (55%) do que a variante *nós* (45%).

No gráfico 14, o preenchimento do sujeito em *O Quinze* foi de 100% a favor da variante *nós* na zona rurbanda. A obra de Jorge Amado, *Capitães da Areia*, permanece sem dados devido ao cenário urbano em que se passa o romance.

Por fim, para encerrar a combinação do 2º período com os condicionamentos linguísticos, no caso a marca morfêmica, apresenta-se, no gráfico 15, os números que mostram que os dados apontam para o maior uso de *nós* (62%) em relação a *a gente* (38%), quando na zona rural.

Nos gráficos 16 e 17, a seguir, apresentam-se todos os dados que compreendem o 3º período do Modernismo brasileiro e a variável paralelismo formal, divididos pelas zona urbana e zona rural, cada uma delas com um gráfico referente ao escritor Guimarães Rosa e à escritora Clarice Lispector. Vale lembrar que a obra de Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, está localizada no ambiente rural e a obra de Lispector, *Perto do coração selvagem*, no ambiente urbano. Assim, alguns gráficos ficarão sem registro de dados, inclusive os que se referem aos outros condicionamentos linguísticos – preenchimento do sujeito e marca morfêmica.

GRÁFICO 16: 3º período x Paralelismo formal

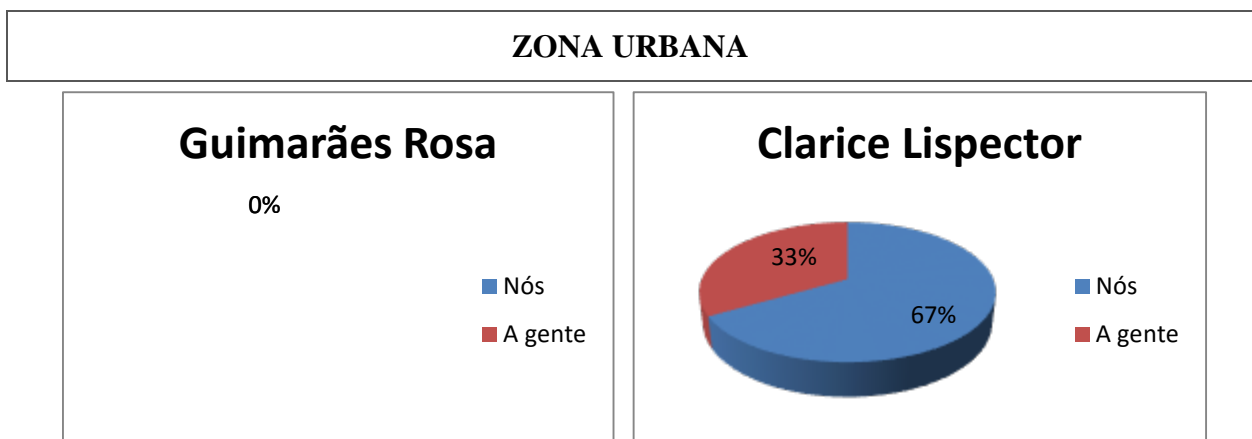
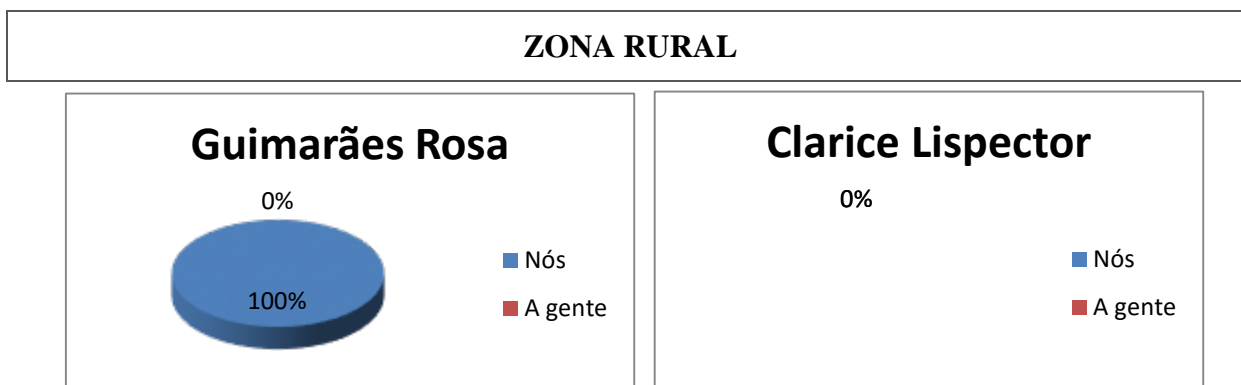


GRÁFICO 17: 3º período x Paralelismo formal



O gráfico 16 mostra o predomínio do uso da variável *nós* (67%) em relação ao paralelismo formal na obra de Clarice Lispector. A variante *a gente* é presente apenas em 33% dos casos. No gráfico 17, que se refere à zona rural em relação ao paralelismo formal, percebe-se o domínio da forma pronominal *nós*, que totaliza 100% em *A hora e a vez de Augusto Matraga*.

GRÁFICO 18: 3º período x Preenchimento do sujeito

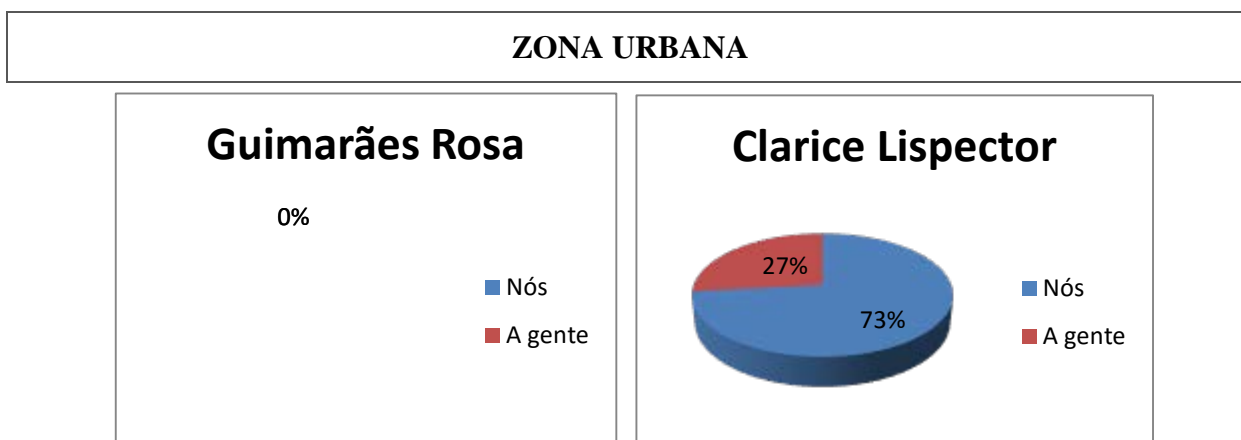
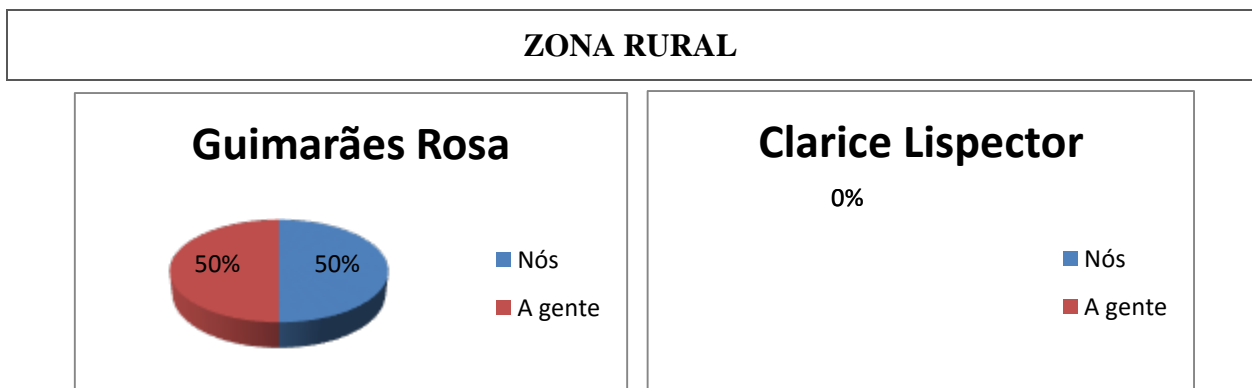


GRÁFICO 19: 3º período x Preenchimento do sujeito



O gráfico 18 refere-se ao preenchimento do sujeito e ao 3º período do Modernismo brasileiro tratando-se da zona urbana. Novamente, observa-se a predominância da forma pronominal *nós* (73%), na obra de Clarice Lispector, em comparação ao uso de *a gente* (27%).

No gráfico 19, 3º período do Modernismo brasileiro *versus* preenchimento do sujeito, de acordo com a zona rural, o uso das variantes permaneceu igual, sendo 50% para *nós* e 50% para *a gente* no romance de Guimarães Rosa.

Os gráficos 20 e 21 trazem a marca morfêmica nas obras escolhidas do 3º período do Modernismo brasileiro. Da mesma forma que ocorreu nos gráficos do 2º período *versus* marca morfêmica, os gráficos, a seguir, também trazem as mesmas porcentagens dos gráficos anteriores 18 e 19, pois a marcar morfêmica (*-mos* ou \emptyset) faz parte do sujeito preenchido ou nulo da variável preenchimento do sujeito.

GRÁFICO 20: 3º período x Marca morfológica

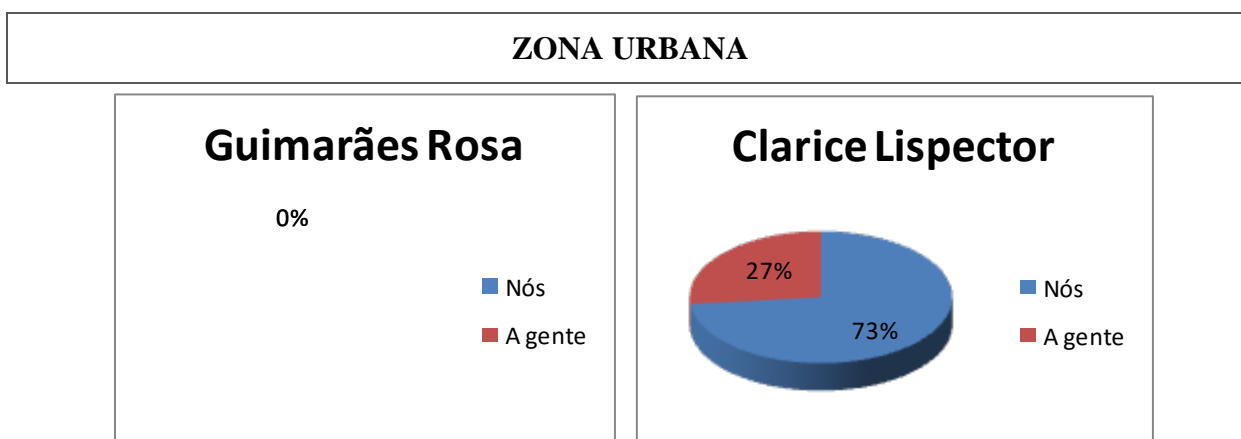
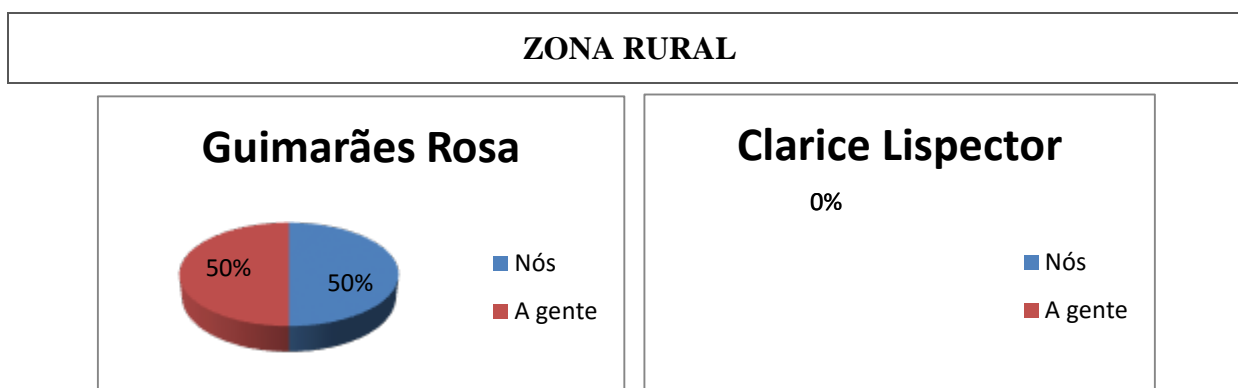


GRÁFICO 21: 3º período x Marca morfológica



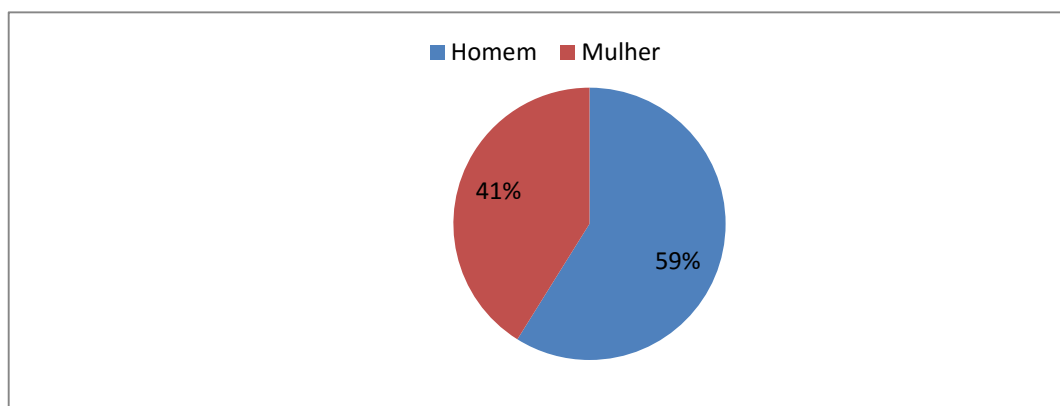
No gráfico 20, Clarice Lispector utiliza mais a variante *nós* (73%) – contra 27% da forma pronominal *a gente* – no cenário urbano de seu romance. Finalmente, encerrando a combinação do 3º período do Modernismo brasileiro com os condicionamentos linguísticos, neste momento com a marca morfológica, percebem-se, no gráfico 21, as porcentagens iguais nas duas formas pronominais em Guimarães Rosa: *nós*, com 50%, e *a gente* (50%).

3.3.3. Os dados e a avaliação da Variável Dependente *nós/a gente* no contexto social do Modernismo brasileiro

O item que começa agora é considerado o mais importante do trabalho, visto que tenta entender e explicar o uso dos dados selecionados no contexto social do Modernismo brasileiro.

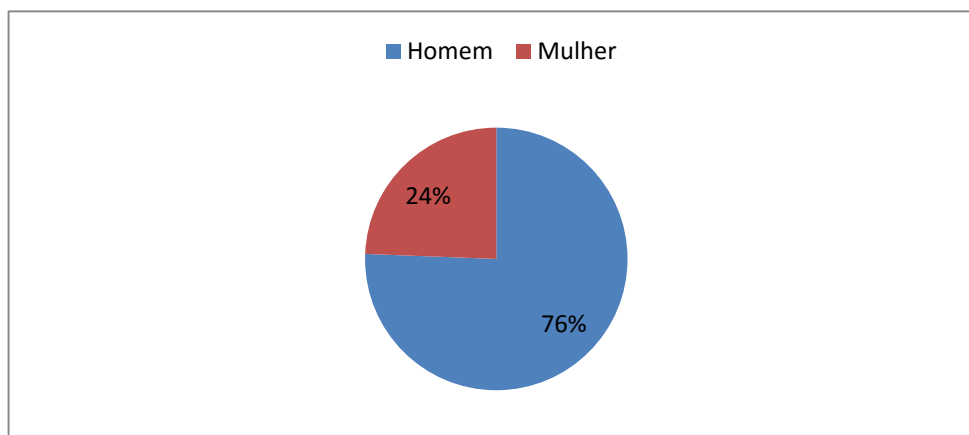
Nesse sentido, mais alguns gráficos serão expostos para, então, os comentários relevantes serem explanados. Nos gráficos 20 e 21, compõem-se de todos os dados recolhidos de *nós* e *a gente* nos segundo e terceiro períodos do movimento literário em questão, de acordo com a variável sexo. O gráfico 22 representa 59% do uso da variante *nós* pelos escritores homens e que 41% dos exemplos são usados pelas escritoras mulheres.

GRÁFICO 22: Nós – Variável Sexo



O gráfico 23 também aponta a maior quantidade de uso da variante *a gente* pelos escritores homens (76%), nos dois períodos do movimento literário, contra os 24% de dados de uso dessa mesma variante pelas escritoras mulheres.

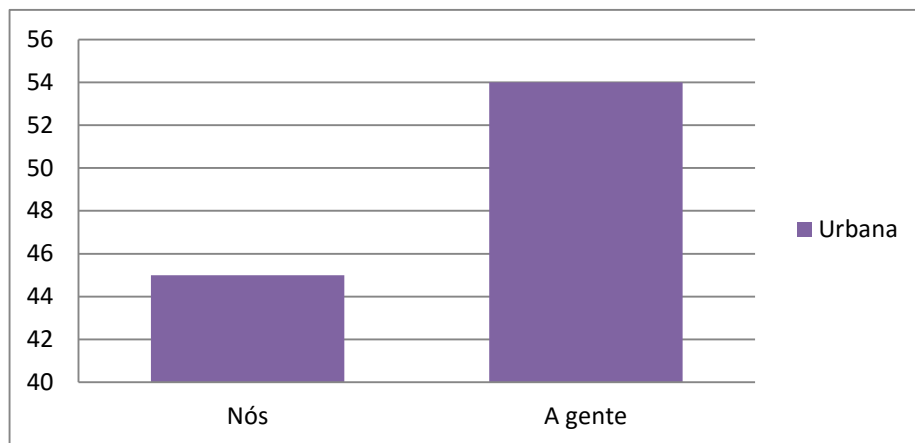
GRÁFICO 23: A gente – Variável Sexo



Os demais gráficos revelaram anteriormente que, no segundo período do Modernismo brasileiro, quando se tratando de área urbana, a variante *a gente* predominava, sem diferenciar o sexo do(a) escritor(a). Seguindo o pensamento de Preti, o linguajar urbano é o que mais se aproxima da linguagem padrão da comunidade, mas é interessante notar que, mesmo sendo a padrão, não significa dizer que ela é totalmente formal.

No romance de Jorge Amado, *Capitães da Areia*, por exemplo, são encontradas as duas variantes aqui estudadas. O gráfico 24 representa o total de *nós* – incluindo a v1, variante padrão, considerada elitizada; v2, variante que o sujeito não aparece; e v3, variante não padrão, considerada estigmatizada – e de *a gente* que aparecem na obra.

GRÁFICO 24: Total de *nós* e *a gente* em Jorge Amado



Foi interessante notar que, das quatro obras lidas, apenas *Capitães da Areia* apresentou exemplos de v2, considerada a variante estigmatizante, pois a primeira pessoa do plural (*nós*) não concorda com o verbo que aparece conjugado para a terceira pessoa do singular. Por exemplo:

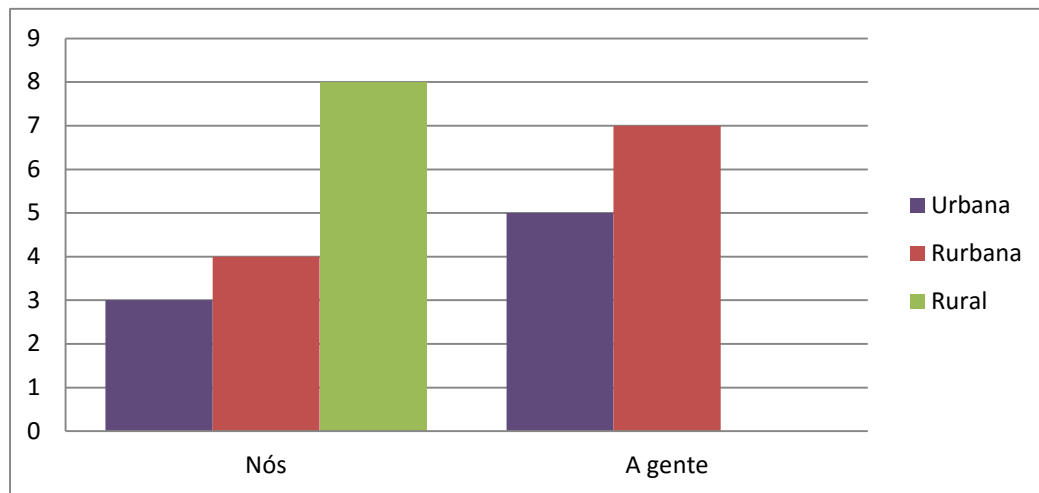
“– Posso garantir - falou Pedro Bala. – *Nós mora junto, eu sei*” (p. 136).

E essa variante apareceu em um contexto social muito pobre. Afinal, o enredo do romance é esse: retratar a vida de meninos de rua, suas amizades, suas conquistas, suas mazelas, seus prazeres; enfim, pouco se faz referência às classes mais privilegiadas, pois o foco são as “crianças ladronas”. Seria essa uma forma – o uso da v2 – do autor *estigmatizar* essas personagens que representam os menores abandonados, não escolarizados, nos centros urbanos?

Talvez a explicação seja pelo fato da variável social influenciar a escrita de Jorge Amado, o qual sempre apresentou interesse, ainda quando jovem e morador do interior da Baía, pela vida popular e também pela literatura. Desse modo, Jorge Amado apenas tentou ser mais realista quando reproduziu a variante coloquial *a gente* e, principalmente, a v2 que, querendo ou não, revelou o estigma que pairava sobre a fala daquela classe menos favorecida.

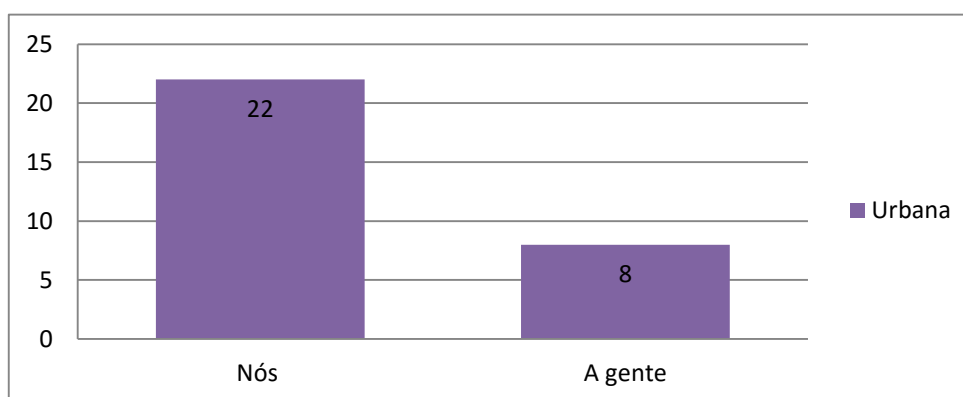
Em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, o uso de *a gente* na zona urbana também é maior em relação à variante *nós*, mas já na zona rurbana e na zona rural o uso da forma pronominal *nós* foi muito maior do que a variante *a gente*. Isso é confirmado no gráfico 25.

GRÁFICO 25: Total de *nós* e *a gente* em Rachel de Queiroz



Em uma passagem de Dino Preti, citada anteriormente, o autor afirma que, no meio rural, a linguagem é mais conservadora e isolada. Talvez seja isso que Rachel de Queiroz *tentou* mostrar pela escrita – visto que também faz uso de *a gente*; entretanto, acredito ser também que a variável social condicionou sua escrita. Rachel de Queiroz foi filha de advogado e trabalhou inicialmente como professora. Isso pode ser um fator condicionante para o indivíduo utilizar a norma padrão *nós*.

Em relação a Clarice Lispector, o gráfico 26 mostra como essa escritora, em seu romance *Perto do coração selvagem*, fez mais uso da variante *nós* do que a variante *a gente*.

GRÁFICO 26: Total de *nós* e *a gente* em Clarice Lispector

A linguagem do terceiro período do Modernismo é mais intimista e, diferentemente da proposta do segundo período de representar a linguagem popular, aborda temas de amadurecimento de ideias e, principalmente, os temas universais humanos, no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial.

O maior uso da forma pronominal *nós*, em Clarice Lispector, pode ser explicado pela variável social. Comentado anteriormente, Clarice era poliglota e trabalhou como tradutora. Sabe-se que muitas línguas como o Francês e o Inglês, por exemplo, necessitam do sujeito preenchido na frase. Como no Português isso é uma opção, o hábito de preenchimento do sujeito devia estar mais arraigado na maneira de escrever de Clarice Lispector, utilizando com maior frequência a forma padrão *nós*. Ademais, embora pouco tempo depois da publicação de *Perto do coração selvagem*, casou-se com um diplomata; por este motivo, morou em outros países que também fazem o uso do sujeito preenchido em suas línguas.

Os gráficos 19 e 21 mostraram dois condicionamentos linguísticos – preenchimento do sujeito e marca morfêmica – no conto de Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de ambiente rural, e o total do uso das variantes *nós* e *a gente*. O gráfico 27 mostra o total de todas essas formas pronominais encontradas na coleta dos dados e aponta para um empate do uso de *nós* e *a gente*.

GRÁFICO 27: Total de *nós* e *a gente* em Guimarães Rosa

Guimarães Rosa é conhecidíssimo por sua maneira de escrever. Criou muitos neologismos e aborda em muitas das suas obras o regionalismo. Contudo, trata-se de um regionalismo universal, diferentemente da proposta da geração de 1930, explorando o íntimo do sertanejo por meio de seu linguajar ímpar.

Existe, então, um significativo impasse: os primórdios do Modernismo brasileiro queria lutar contra a intervenção da norma culta, prezando retratar o linguajar popular e era isso que boa parte dos autores, principalmente daqueles que iniciaram esse movimento literário, tinha como objetivo.

Todavia, dois problemas existem para a manutenção desse ideal sociolinguístico proposto pelos primeiros modernistas: 1) a variável social dos autores e das autoras influenciavam no uso das variantes em questão; e 2) a linguagem tinha de ser aceita pelos indivíduos-leitores da época, ou seja, pessoas que moravam na cidade e que possuía um nível maior de escolaridade.

Assim, não se sabe determinar até que ponto o escritor ou a escritora pode interferir, devido às suas vivências e jeito de escrever, na representação da fala popular das personagens com a finalidade de agradar o público. O que se sabe é que a literatura tentou essa representação e algumas vezes, como no caso dos meninos de rua de *Capitães de Areia*, estigmatizou os falares do Português brasileiro. Entretanto, de acordo com Preti, (1977, p. 27):

a renovação estética de literatura moderna no campo formal abriu condições para novos padrões linguísticos. Essas vanguardas literárias se divulgam mais rapidamente e transcendem das elites intelectuais para um público cada vez maior, tornando-se, repentinamente, modelos para a escrita nas escolas, ao lado da tradicional.

Quanto ao fenômeno *nós* e *a gente*, retratado pelo principal idealizador da Semana de Arte Moderna de 1922, Mário de Andrade, em *A gramatiquinha da fala brasileira*, citada no item 2.2 *Elementos da Literatura*, comenta em trecho o que acontece com o fenômeno *nós* e *a gente*. A forma *a gente*, de linguagem popular, “vem tendo grande penetração” (GOMES, 1979, p. 110). De acordo com Mário de Andrade, “não se pode ignorar a polivalência que vem assumindo a forma **a gente** no que diz respeito à identidade da pessoa do discurso” (ibidem), assim há o uso dessa variante indefinida e definidamente na terceira pessoa; com valor de terceira pessoa do plural (*nós*); com referência ao interlocutor; e com referência a primeira pessoa do singular.

Mário de Andrade também comenta brevemente sobre o uso do *nós*, o qual “o falante brasileiro, para não incidir no grosseiro **nós vai**, tem optado pelas formas **o pessoal vai, o povo vai, a turma vai, a patota vai** e até mesmo ‘**a muniça**’ vai”. Cezario e Votre (2008, p 142, grifos meus) expõem, de uma maneira mais direta, que a variante *nós* com a primeira pessoa do plural é uma forma mais estigmatizada, além de também concordarem com o soar mais coloquial da variante *a gente*:

Tomemos, por exemplo, a variação nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural ilustrada com o verbo "falar". Temos as formas "nós falamos" e "a gente fala" como variantes do presente do indicativo. Ambas as expressões são aceitas pelas pessoas em geral, mas a estrutura "**nós falamos**" é considerada mais formal, enquanto "**a gente fala**" soa mais coloquial. Além das variantes citadas que combinam "a gente" com a terceira pessoa do singular e "nós" com primeira do plural, temos mais duas variantes, mais estigmatizadas, que são: "nós fala" e "a gente falamos".

Percebe-se que, até mesmo pelo idealizador da “língua brasileira”, há um policiamento (e incoerência com seus ideais) quanto ao uso da v2. Mário de Andrade ainda reconhece que o uso de *a gente*, de linguagem popular, estava crescendo. Cresceu. E seu uso natural já estava de maneira consolidada. Mesmo em alguns ambientes como a zona rural, onde a variante *nós* ganhou em relação à predominância, o *a gente* já aparece como forma pronominal do sertanejo ao morador da cidade.

As variantes que se referem à primeira pessoa do plural aparecem de diferentes maneiras e lugares nos dois períodos analisados do Modernismo brasileiro, o que as altera é a proporção utilizada, pois, desde o início do fenômeno do uso variável da primeira pessoa do plural, o que definia os seus usos eram os grupos sociais. Assim, com base no universo de dados investigados na presente pesquisa, defende-se que, longe de uma avaliação negativa ou positiva das variantes em apreço, há, nas duas fases focalizadas, uma avaliação neutra por parte dos autores e das

autoras no momento da escolha de uma ou de outra variante – *nós* ou *a gente* –, visto vez que há uma aproximação quantitativa entre os usos dessas formas pronominais em suas obras literárias.

Em tempos hodiernos, percebe-se a competição pelo uso das variantes *nós* e *a gente* inseridas em muitas situações orais informais e por falantes de qualquer classe social, existindo, então, pode-se dizer, uma variação linguística que pode ser considerada quase estabilizada, dado a especialização de cada variante para um determinado contexto da língua falada ou escrita. Na escrita, o que ocorre é o fato de o *nós* ter uma maior predominância, conforme mostrado os resultados dos trabalhos de Mollica e Nascimento (2006), Zilles (2007) e Brustolin (2010), enquanto, na fala, a variante *a gente* tem trilhado um caminho de vitória ou de empate com sua concorrente.

Por fim, vale recordar que o preconceito linguístico – depreciação, avaliação negativa e pejorativa –, em relação à fala e à escrita de outrem, ainda existe, gerando estigmatização e segregação de determinados grupos de falantes dentre da sociedade. Assim, observa-se que, desde o século passado, *tenta-se*, por meio da língua escrita, principalmente através dos autores modernistas, amenizá-lo, quando se representada a forma oral dos brasileiros; entretanto, ainda atualmente, há uma enorme rotulação por parte dos falantes que fazem uso das normas “cultas” para com os falantes das normas “coloquiais” e das produções escritas que apresentam variantes como a v2.

A gente morre é para provar que viveu.

(Guimarães Rosa, 1967)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi idealizado mediante a vontade de unir ou conjugar a Linguística – particularmente a Sociolinguística – e a Literatura, as duas áreas centrais de estudo do Curso de Letras Português. Escolheu-se o período literário do Modernismo brasileiro que, diferentemente do Modernismo português, cujo caráter era psico-linguístico, prezava a fala da identificação nacional. Ou seja, de acordo com um dos idealizadores desse movimento literário, Mário de Andrade, prestigiar-se-ia, então, a língua brasileira, liberta das normas gramaticais portuguesas que não condiziam com a realidade brasileira.

Nesse sentido, quatro romances dessa escola literária brasileira foram analisados para verificar o uso das formas pronominais da primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*. De acordo com a divisão didática feita para o ensino médio da educação básica, duas obras foram do segundo período do Modernismo e as outras duas obras, do terceiro período. Dessa forma, as variáveis sociais e as variáveis linguísticas que regem as pesquisas sociolinguísticas foram utilizadas para tal análise. Nesta investigação, foram observadas as variáveis sociais *tempo*, *zona* e *gênero*, e as variáveis linguísticas *parallelismo formal*, *preenchimento do sujeito* e *marca morfêmica*.

Por meio da interação ou cruzamento de tais variáveis, foram analisados trechos das falas das personagens das respectivas obras: *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; *Capitães da Areia*, de Jorge Amado; *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Guimarães Rosa; e *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector. Em termos linguísticos, foi identificado, em linhas gerais, que a posição do sujeito é a mais favorável para o aparecimento de inovações das variantes em questão. Em termos sociais, foi verificado, também em linhas gerais, que a vivência dos escritores e das escritoras influenciou na maneira de compor as suas obras.

Assim, respondendo às perguntas iniciais, que sustentaram este trabalho, como, por exemplo, os dois períodos analisados retrataram o uso do fenômeno *nós* e *a gente*?: o segundo e o terceiro período do Modernismo brasileiro vão retratar o uso do fenômeno *nós* e *a gente* de maneira neutra, ou seja, há uso semelhante de tais variantes nas obras literárias de modo geral. É

curioso notar que a utilização da forma pronominal denominada mais informal, *a gente*, estava ocorrendo nas obras “regionalistas” para retratar exatamente uma aproximação do falar popular; entretanto isso aparece sem o uso forçado, pelo contrário, de modo espontâneo visto a influência da variável social na vida e, conseqüentemente, no modo de produção literária de Jorge Amado e de Rachel de Queiroz.

A segunda e a terceira perguntas que nortearam este trabalho foram: depois das mudanças consideráveis na escrita do primeiro período do Modernismo brasileiro, no segundo momento, de temática mais regionalista, será que existia ainda uma competição entre esses dois pronomes? E como estava ocorrendo o uso deste fenômeno? Nessa perspectiva, a mesma influência da variável social do segundo período acontece com o autor e a autora da terceira geração modernista brasileira Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Em Guimarães Rosa, o uso das variantes é equilibrado. Em Clarice Lispector, embora haja maior uso da variante *nós*, percebe-se a utilização da variante *a gente* já inserida no contexto literário de modo desprezioso e informal.

Tais conclusões ajudaram-me, como estudante de Letras Português e pesquisadora sociolinguista, a entender que a natureza da linguagem é de mudar e variar conforme acontecem modificações nos contextos sociais. Esse trabalho conseguiu explicar como uma das propostas feitas pelos modernistas brasileiros, a de retratar o falar do brasileiro, foi realizada nas quatro obras literárias selecionadas para a análise, mas sem o caráter obrigatório e forçado – como que para cumprir a missão de revolução na linguagem brasileira – do uso da variante mais informal, visto que esta já pertencia ao vocabulário de tais escritores e escritoras, aqui, citados.

Em linhas finais, gostaria de ressaltar que o percurso trilhado no desenvolvimento deste trabalho aponta, ainda, para a possibilidade de futuros estudos advindos deste que, por seu ineditismo, configura-se como um estudo exploratório. Um aprofundamento dele, incluindo, aliás, mais autores e o primeiro período Modernista, poderia resultar numa obra que conseguisse indicar quando e como os autores modernistas brasileiros começaram a inserir as variantes *nós* e *a gente* em seus escritos e poderia identificar se esse uso, na escrita, começou a aparecer no Português brasileiro nesta ou numa escola anterior. Enfim, trechos para um novo caminho por mim definido ou servindo de inspiração para outro pesquisador. Este aqui, por ora, encontra-se concluído.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA JÚNIOR, B. **Literatura, história e política**: literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia de Guimarães Rosa**. Disponível em: <<https://goo.gl/j9kiu2>>. Acesso em: 2 set. 2017.

_____. **Biografia de Jorge Amado**. Disponível em: <<https://goo.gl/x7UEUd>>. Acesso em: 2 set. 2017.

_____. **Biografia de José de Alencar**. Disponível em: <<https://goo.gl/PyvXsF>>. Acesso em: 2 set. 2017.

_____. **Biografia de Rachel de Queiroz**. Disponível em: <<https://goo.gl/Q8RdzU>>. Acesso em: 2 set. 2017.

_____. **Discurso de posse de Guimarães Rosa**. Disponível em: <<https://goo.gl/fKhACg>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte I. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v. 1, 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

AMADO, J. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDRADE, M. O movimento modernista. *In*: ANDRADE, M. (Org.). **Aspectos da literatura brasileira**. 6. ed. São Paulo: Martins, 1978. 268 p.

ANDRADE, O. Arte do Centenário. *In*: **Jornal do Commercio**, 16 de maio de 1920.

_____. **Obras completas**. v. 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

ÁVILA, A. **O Modernismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em: <<https://goo.gl/6MWwBJ>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

_____. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.

BORTONI-RICARDO, S. M. Diversidade linguística: uma nova abordagem do processo educacional. **Rev. Bras. Tecnol.**, Brasília, v. 12, n. 4, out./dez., 1981.

_____. **Educação em língua materna:** a Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 112 p. (Col. Linguagem, n. 4).

_____. A variação linguística como processo identitário. *In:* BORTONI-RICARDO, S. M. (Org). **Nós chegemu na escola e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 175-180.

BRUSTOLIN, A. K. B. S. Uso e variação de nós e a gente na fala e escrita de alunos do ensino fundamental. *In:* Encontro do CELSUL, 9, (**Anais...**). Palhoça, SC, out., 2010.

CANDIDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira.** 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. 98 p.

CASTELLO, J. A. **A Literatura Brasileira:** origens e unidade. v. 2. 1. ed. São Paulo: USP, 2004.

CASTILHO, A. T. de. Diversidade do Português Brasileiro. *In:* CASTILHO, A. T. de. (Org.). **Nova Gramática do Português Brasileiro.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 197-224.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. *In:* MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

CHAGAS, P. A mudança linguística. *In:* FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CUNHA, C. Problema de língua, conflito de paixões. *In:* CUNHA, C. **Língua portuguesa e realidade brasileira.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DACANAL, J. H. **O romance de 30.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. 66 p.

DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. *In:* PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs). **Mudança Linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2003. p. 115-128. Disponível em: <<https://goo.gl/ktWU5R>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de. **Gramática:** fonética e fonologia. 17. ed. Editora Ática, 1997.

FARACO, C. A. A percepção da mudança. *In:* FARACO, C. A. (Org.). **Linguística histórica:** uma introdução ao estudo das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GOMES, J. M. B. **Mário de Andrade e a revolução da linguagem**: A gramatiquinha da fala brasileira. João Pessoa: UFPB, 1979.

ILARI, R.; BASSO, R. Linguística do Português e ensino. *In*: ILARI, R.; BASSO, R. (Orgs.). **O Português da gente**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 197-228.

LABOV, W. The study of language in its social context. *In*: LABOV, W. (Ed.). **Sociolinguistics patterns**. Oxford, Blackwell, 1972.

LESSA, L. C. **O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Grifo, 1976. p. 1-3.

LISPECTOR, C. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, C. R. S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1993.

LUCCHESI, D.; ARAÚJO, S. **A Teoria da Variação Linguística**. Projeto Vertentes, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/VAE9pz>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Fala e escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p. Disponível em: <<https://goo.gl/jsgP2E>>. Acesso em: 27 set. 2017.

MOLLICA, M. C. de M.; NASCIMENTO, R. A. do. Monitoramento estilístico entre nós e a gente na escola. *In*: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Orgs). **Sociolinguística e ensino**: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: EDUSP, 2006.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORAES, M. A. **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 146-147.

MOSER, B. **Clarice**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 560 p. Disponível em: <<https://goo.gl/MGDXXP>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São paulo: Editora Unesp, 2011.

OMENA, N. P. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. *In*: NARO, A. J. *et al.* (Orgs.). **Relatório Final de Pesquisa**: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação, n. 2, p. 286-319, Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

_____. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? *In*: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs). **Mudança Linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2003. p. 63-80.

POSSENTI, Sírio. **Preconceito linguístico**. Ciência Hoje, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/oipZmM>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

PRETI, D. **Sociolinguística: os níveis de fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

QUEIROZ, R. **O Quinze**. 63. ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

ROSA, J. G. **Sagarana**. 21. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978. p. 324-370.

SCHERRE, Marta. **O preconceito linguístico deveria ser crime**. Galileu, [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/od7zn>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SCHMITZ, J. Coisa da gente. **Revista Língua Portuguesa**, ano I, n. 11, p. 44-46, 2006.

SILVA, R. C. P. **A Sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: Ibplex, 2009.

SPESSATTO, M. B. **Formas linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: nós /a gente na fala da população da Costa da Lagoa**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2010.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

TRUDGILL, P. **Sociolinguists: an Introduction**. Great Britain: Penguin Books, 1979.

VENDRYS, J.. **Le langage**. Paris, Albin Michel, 1968.

VIANNA, J. B. S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. 2006. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, ago. 2006.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita escolar. **Revista Qualis B1**, v. 31, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/zwRKPi>>. Acesso em: 18 out. 2017.

ZILLES, A. M. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

ANEXOS

FIGURA A.1: As capas das duas obras referentes ao segundo período do Modernismo brasileiro

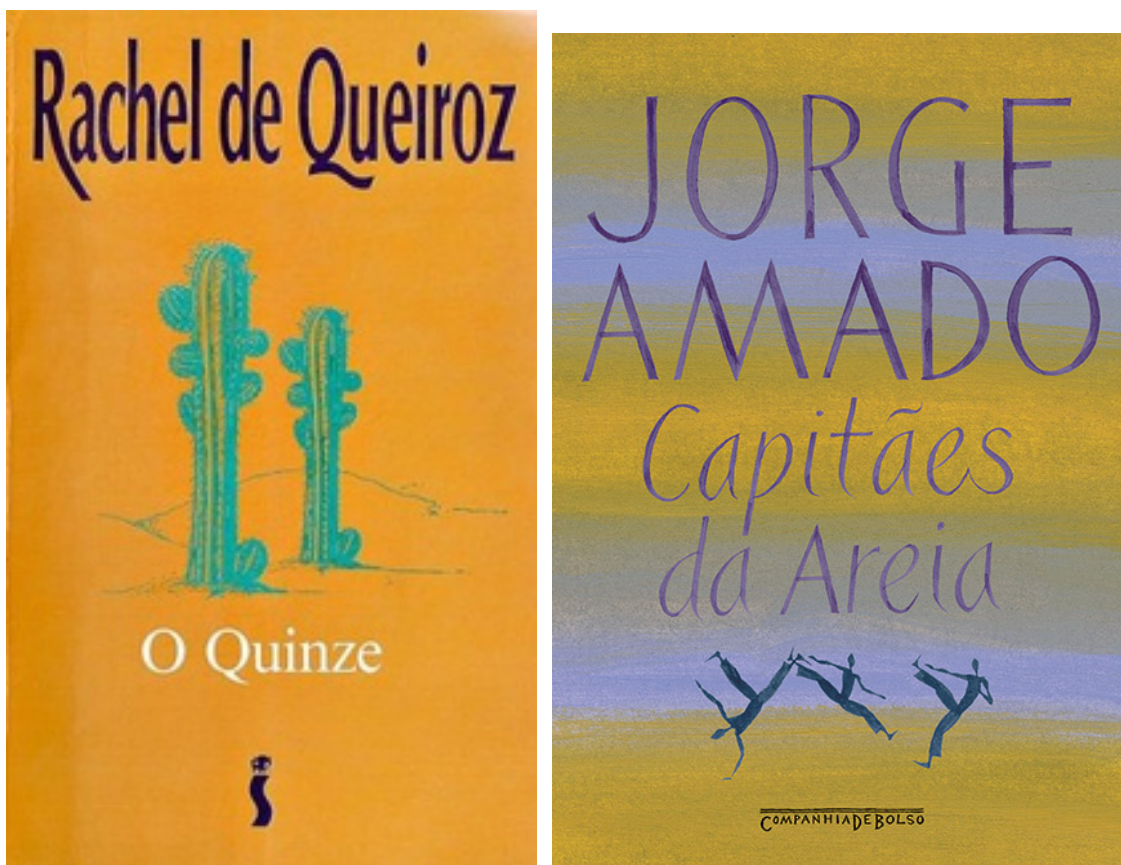


FIGURA A.2: As capas das duas obras referentes ao terceiro período do Modernismo brasileiro



APÊNDICES

TABELA A.1: O Quinze (1930)

LOCALIZAÇÃO	SUJEITO A - NÚCLEO		
	NÓS	Ø	A GENTE
CAPÍTULO 1 (p. 7-10)	x	x	x
CAPÍTULO 2 (p. 10-19)	x	x	"- A gente esperando por ela, deixa de vir." (p. 16)
CAPÍTULO 3 (p. 19-22)	x	x	x
CAPÍTULO 4 (p. 22-26)	x	" - Mas vamos ao curral para você ver os animais que eu tenho." (p. 25)	x
		" - Pois vamos ver os burros. Você não há de querer fazer o negócio no escuro..." (p. 25)	
CAPÍTULO 5 (p. 26-31)	x	x	"- Onde é que a gente vai viver, por esse mundão de meu Deus?" (p. 27)
			" - Em todo pé de pau há um galho mode a gente armar a tipóia..." (p. 27)
CAPÍTULO 6 (p. 32-35)	x	x	" - A gente vai sentir tanta saudade de você!" (p. 32)

CAPÍTULO 7 (p. 35-40)		" – Papai, vamos comer mais aquele povo, debaixo desse pé de pau?" (p. 39)	x
		" – E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus." (p. 39)	
CAPÍTULO 8 (p. 41-46)	x	" – Vamos ver! Pegue no rabo!" (p. 45)	x
CAPÍTULO 9 (p. 46-52)	x	x	x
CAPÍTULO 10 (p. 52-55)	x	x	x
CAPÍTULO 11 (p. 55-61)	x	x	" - A gente viúva... Sem homem que me sustentasse..." (p. 56)
			"- A gente é morrendo e aprendendo!" (p. 61)
			" – E no fim, tudo isso é natural e de esperar, e a gente se acostuma à força..." (p. 61)
CAPÍTULO 12 (p. 61-68)	x	" – Vamos , já pra fora!" (p. 68)	x
CAPÍTULO 13 (p. 69-70)	x	x	x
CAPÍTULO 14 (p. 71-80)	x	" – Mas vamos falar noutra coisa?" (p. 75)	x
CAPÍTULO 15 (p. 80-87)		" – Nós ficamos na estrada, eu assim, variando, muito fraco... e ele vindo até aqui." (p. 82)	-

CAPÍTULO 16 (p. 87-90)	x	x	x
CAPÍTULO 17 (p. 91-95)	x	"- Vamos andando... No caminho Cente conta. O bonde já está enchendo..." (p. 92)	x
CAPÍTULO 18 (p. 95-99)	x	x	x
CAPÍTULO 19 (p. 99-108)	" – Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer como o outro..." (p. 101)	x	x
CAPÍTULO 20 (p. 109-114)	x	"- Vamos , dona, depressa! Olhe quando o bote encosta, para pular!" (p. 113)	x
CAPÍTULO 21 (p. 114-122)	x	x	x
CAPÍTULO 22 (p. 122-126)	x	x	" – Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe..." (p. 124) " - A gente precisa criar seu ambiente, para evitar o excessivo desamparo..." (p. 125)
CAPÍTULO 23 (p. 127-131)	x	x	" – Sempre dão mais, a gente indo com um menino..." (p. 129) " – [...] Ai, a gente faz o que pode para não morrer de fome..." (p. 129)

CAPÍTULO 24 (p. 133-137)	" – Mas, Cente, nós nunca supusemos isso!" (p. 136)	x	"- É tão triste a gente 'tecer um sonho', para o ver depois embaraçado ou desfeito!" (p. 136)
CAPÍTULO 25 (p. 137-145)	x	x	x
CAPÍTULO 26 (p. 145-149)	x	" – Vamos , Clóvis?" (p. 146)	x
		" – Vamos indo. Parece até que daqui eu estou ouvindo os gritos da menina..." (p. 147)	
TOTAL	4	11	12

TABELA A.2: Capitães da Areia (1937)

LOCALIZAÇÃO		SUJEITO A - NÚCLEO		
		NÓS	Ø	A GENTE
CARTAS À REDAÇÃO (p. 9-21)	CRIANÇAS LADRONAS (p. 9-12)	x	<p>Passemos agora a relatar o assalto de ontem, do qual foi vítima um honrado comerciante da nossa praça [...] (p. 10)</p> <p>Esperamos que o ilustre chefe de polícia e o não menos ilustre dr. juiz de menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão jovens e já tão ousados. (p. 12)</p> <p>Ficamos então a pensar neste outro delicado problema para a infância que é o cinema, que tanta ideia errada infunde às crianças acerca da vida. (p. 12)</p> <p>A ele volveremos. (p. 12)</p>	x
	CARTA DO SECRETÁRIO DO CHEFE DE POLÍCIA À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE (p. 13)	x	x	x
	CARTA DO DR. JUIZ DE MENORES À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE (p. 14-15)	x	x	x
	CARTA DE UMA MÃE, COSTUREIRA, À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE (p. 16-17)	x	x	x

	CARTA DO PADRE JOSÉ PEDRO À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE (p. 18)	x	x	x
	CARTA DO DIRETOR DO REFORMATÓRIO À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE (p. 19-21)	x	x	x
SOB A LUA NUM VELHO TRAPICHE ABANDONADO (p. 25-159)	NOITE DOS CAPITÃES DA AREIA (p. 28-47)	x	– Olha, bichinha, ele tá grudado com outra, sabe? Também eu disse as boas aos dois. E depois pelei a bruaca – meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro. – Vamos rachar isso. (p. 43) – Eu tinha entrado na casa com ideia de abafar um paletó, quando ela veio e ficou perguntando o que eu queria. Aí topamos a conversar. (p. 46)	x
	PONTO DAS PITANGUEIRAS (p. 48-60)	– Deixa de conversa fiada, meu tio. Nós quer comer. (p. 53)	– Não. Vamos com esse mesmo. (p. 49)	- Senão a gente vira esse fregue-mosca de cabeça pra baixo. (p. 53)
		– Hoje nós vai fazer gasto. (p. 53)	– [...] Eu os esperarei. Acertaremos nossas contas então. Mas quero dizer outra coisa lealmente. (p. 56)	- É a gente , sim. E dos que manda. (p. 54)
		– Nós sabe guardar um segredo tão bem como um cofre. (p. 54)	– Vamos entrar de novo... (p. 59)	- Então a gente troca os embrulhos do mesmo jeito. Pode ficar descansado. (p. 56)
			- Não é que a gente desconfie do senhor. Mas a coisa pode sair pelo avesso e o senhor mesmo disse que não se importaria com o que acontecesse à gente. (p. 57)	
			- É justo, sim. Se depois a gente não pode lhe recorrer... (p. 57)	

				<p>- Pode ficar descansado. Daqui a uma hora a gente volta com o embrulho. (p. 57)</p> <p>- Se ele demorar, a gente entra. (p. 59)</p>
	AS LUZES DO CARROSSEL (p. 61-80)	x	x	<p>- Não era bom a gente de tarde dá um pulo na praça? Quem sabe se não vale a pena? (p. 68)</p> <p>- [...] Mas o que tem é que o Sem-Pernas e Volta Seca tão os dois trabalhando no carrossel. E a gente tá convidado - aí fez uma pequena pausa - pelo proprietário, que é amigo deles, pra andar à noite de graça. A gente não esquece do convite do senhor... (p. 76)</p> <p>- A gente pode botar no lugar onde estava... E coisa canja pra gente. Não fique triste... -- e soma. (p. 77)</p> <p>- A gente vai pro carrossel ver Volta Seca e Sem-Pernas agora de tarde. Quer ir com a gente, padre? (p. 77)</p>
	DOCAS (p. 81-92)	– Tu é um pancadão, morena. Nós vai fazer um filho lindo... (p. 89)	<p>– Querido-de-Deus vai chegar de tardinha. Vamos para as docas? (p. 81)</p> <p>– Deixa de orgulho, morena. Vamos bater um papozinho. (p. 88)</p> <p>– Vamos deixar de chove-não-molha – e tentava derrubá-la. (p. 89)</p>	<p>- [...] Depois a gente só veio saber de tu quando tu já era chefe dos Capitães da Areia. Mas a gente sabia que tu havia de te arranjar. Quantos anos tu tem agora? (p. 83)</p> <p>- No dia que tu quiser tu tem um lugar aqui nas docas. A gente tem um lugar guardado pra tu. (p. 83)</p> <p>- Teu pai, era. A gente chamava ele de Loiro. Quando foi da greve fazia discurso pra gente, nem parecia um estivador. (p. 83)</p> <p>- Agora a gente vai carregar aquele holandês. (p. 84)</p>
	AVENTURA DE OGUM (p. 93-105)	x	– Agora você pode dormir, filho-da-mãe. E depois que o comissário chegar vamos ver quanto tempo você vai dormir aqui... (p. 102)	- Deixa eu matutar. A gente tem que dar conta. A gente garantiu a Aninha. Agora tem que fazer. (p. 95)

			- Você, velhote. Vamos... (p. 102)	
				- A gente tira ele. (p. 98)
DEUS SORRI COMO UM NEGRINHO (p. 106-113)	x		x	x
FAMÍLIA (p. 114-130)		- À noite nós vamos ao cinema. Você gosta de cinema? (p. 122)	- És uma santa. Vamos fazer dele um homem... (p. 122)	- [...] Depois que ele souber onde fica os troço melhor a gente vem, uns cinco ou seis, tira o ourame... (p. 115)
MANHÃ COMO UM QUADRO (p.131-138)		- Posso garantir - falou Pedro Bala. - Nós mora junto, eu sei. (p. 136)	- Vamos depressa, que aquilo parece que é um anúncio do novo filme de Barrymore... (p. 135)	- Que é que tu sabe? Que é que eu sei? A gente nunca andou em escola... (p. 133)
				- A gente se reunia, pagava pra tu... (p. 133)
				- A gente mora na Cidade de Palha... (p. 137)
				- A gente sabe, sim senhor - respondeu Professor. (p. 137)
ALASTRIM (p. 139-158)	x		- Vamos rezar todo mundo, que isto é um castigo de Deus pros pecados da gente. [...] Vamos pedir perdão. (p. 141)	- [...] A gente não vai chamar os mata-cachorro aqui pra toda polícia saber onde a gente se acota. Tu vai por bem ou por mal e leva teus trapos. Vai pro inferno, que a gente não vai ficar com bexiga por você. (p. 141)
			- Vamos levar ele, gente, já que ele não quer ir por bem. (p. 142)	- Vamos rezar todo mundo, que isto é um castigo de Deus pros pecados da gente. A gente peca muito, Deus tá castigando. (p. 141)
			- É um do grupo, ele falou direito. Vamos esperar Pedro Bala chegar. Ele resolve. (p. 142)	- Gente, se ele não quiser sair, a gente bota ele pra fora debaixo de porrada. Senão, tudo vai morrer de bexiga, tudo... Vocês não vê, desgraçados? A gente bota ele pra fora até uma rua onde levem ele pro lazareto. (p. 142)
			- [...] Só tem mesmo que deixar ele numa rua onde passe gente.	

			<p>Vamos fazer, tu queira ou não... (p. 144)</p> <p>- Sente-se, padre. Temos que conversar. (p. 148)</p> <p>- Vá [...] penitencie-se dos seus pecados, dedique-se aos fiéis da igreja em que trabalha e esqueça essas ideias comunistas, senão, teremos que tomar medidas mais sérias. (p. 151)</p>	<p>- Tu sabe, padre, que ninguém volta do lazareto. Ninguém volta. E ele é um da gente. um do grupo. A gente não pode fazer isso... (p. 144)</p> <p>- Vai pegar em todo mundo. A gente não pode deixar. (p. 145)</p> <p>- Primeiro eu vou lá, falo com tua mãe. Depois a gente leva você. (p. 145)</p> <p>- A gente trata de tu... (p. 155)</p> <p>- Ninguém sabe dizer, não. É uma coisa por demais... Uma nojeira. A gente quando entra é igual um que entra no caixão... (p. 157)</p> <p>- A gente não devia perguntar nada... (p. 158)</p>
	DESTINO (p. 159)	x	x	- Um dia a gente muda... (p. 159)
NOITE DA GRANDE PAZ, DA GRANDE PAZ DOS TEUS OLHOS (p. 163-218)	FILHA DE BEXIGUENTO (p. 163-173)	- E nós com isso? A babaca é a mesma... (p. 171)	x	<p>- A gente leva ela pro trapiche... (p. 168)</p> <p>- Vem com a gente. A gente dorme num trapiche... (p. 168)</p> <p>- Estes frescos arranjaram uma comida e quer que seja para eles só. A gente também tem direito... (p. 171)</p> <p>- A gente te derruba e depois... (p. 172)</p>

				- O pai dela, a mãe dela morreu de bexiga. A gente encontrou ela, não tinha onde dormir, a gente trouxe ela. (p. 172)
	DORA, MÃE (p. 174-182)	x	x	- A culpa não é da gente... - esclareceu Dora. - A gente não tem ninguém. (p. 181)
	DORA, IRMÃ E NOIVA (p. 183-190)	x	x	- Mas a gente veste calça, não é saia (p. 183) - A gente acaba com eles desta vez. (p. 187) - Tu agora é minha noiva. Um dia a gente se casa. (p. 187)
	REFORMATÓRIO (p. 191-210)	x	<p>Por várias vezes também noticiamos os assaltos levados a efeito por este mesmo grupo. (p. 192)</p> <p>Há alguns meses tivemos ocasião de publicar cartas do dr. Chefe de Polícia, do dr. Juiz de Menores e do Diretor do Reformatório Baiano sobre este problema. (p. 192)</p> <p>Feitos estes comentários, narremos os fatos: (p. 192)</p> <p>Pedimos então para tirar um retrato do grupo. (p. 192)</p> <p>Na chefia de polícia quisemos ouvir Pedro Bala. Mas ele nada nos disse [...] (p. 193)</p> <p>- [...] Não pode ser tratado como um qualquer. Vamos lhe dar honras especiais... (p. 196)</p> <p>- O quê? Não. Para começar, meta-o na cafuá. Vamos ver se ele sai um pouco mais regenerado de lá...</p>	- A gente livra eles. (p. 194) - Tu não quer comer um sacana hoje? Tem uns aqui, a gente de noite... (p. 206)

			- Vamos ver se agora fica mais manso. (p. 205)	
	ORFANATO (p. 211-212)	x	- Vamos embora antes que alarmem. (p. 212)	x
	NOITE DE GRANDE PAZ (p. 213)	x	x	x
	DORA, ESPOSA (p. 214-217)	x	x	x
	COMO UMA ESTRELA DE LOIRA CABELEIRA (p. 218)	x	x	x
CANÇÃO DA BAHIA, CANÇÃO DA LIBERDAD E (p. 221-262)	VOCAÇÕES (p. 221-228)		x	- A gente nunca te esquece, mano... Tu lia história para gente, era o mais batuta da gente... O mais batuta... (p. 222) - O senhor foi bom pra gente, padre. Um homem bom. A gente não vai esquecer o senhor... (p. 226)
	CANÇÃO DE AMOR DA VITALINA (p. 229-233)	x	x	- Depois a gente invade. (p. 229)
	NA RABADA DE UM TREM (p. 234-241)	x	x	- Mano, vou para Ilhéus. A patroa vai cavar a vida. Eu vou com ela. Sou capaz de enricar. Quando tiver fazendeiro a gente vai fazer uma farra daquelas. (p. 235)
	COMO UM TRAPEZISTA DE CIRCO (p. 242-243)	x	x	x
	NOTÍCIAS DE JORNAL (p. 244-247)	x	x	x
	COMPANHEIROS (p. 248-256)	- Nós queremos fazer coisas com muita ordem, porque assim venceremos e os operários	- Vamos espiar? – propõe Pedro Bala. (p. 248)	- A gente é macho, sim. (p. 251)

		conseguirão o aumento. Nós não queremos armar barulho, queremos mostrar que os operários são capazes de disciplina. (p. 253)	– Vamos para dentro? – fala Pedro Bala. (p. 251)	- Capitão, a gente tem que conversar com tu. (p. 251)
			– Nós queremos fazer coisas com muita ordem, porque assim venceremos e os operários conseguirão o aumento. Nós não queremos armar barulho, queremos mostrar que os operários são capazes de disciplina. (p. 253)	- Pois companheiro Pedro, a gente precisa de você e do seu grupo. (p. 252)
				- Um dia a gente tira ele da cadeia... (p. 253)
				- Não entra ninguém. A gente sabe fazer. Tu vai ver... (p. 254)
	OS ATABAQUES RESSOAM COMO CLARINS DE GUERRA (p. 257-261)	x	– Vamos sair daqui. (p. 257)	x
			Companheiros, vamos pra luta... (p. 260)	
	UMA PÁTRIA E UMA FAMÍLIA (p. 262)	x	x	x
	TOTAL	9	36	54

TABELA A.3: A hora e a vez de Augusto Matraga (1946)

LOCALIZAÇÃO	SUJEITO A - NÚCLEO		
	NÓS	Ø	A GENTE
SEQUÊNCIA 1 (p. 324-328)	x	<p>"Vamos embora, Tomázia, aproveitando a confusão" (p. 326).</p> <p>"Vamos andando." (p. 327)</p>	Uma ladeira que a gente tinha de descer quase correndo. (p. 328)
SEQUÊNCIA 2 (p. 328-332)	x	x	x
SEQUÊNCIA 3 (p. 332-333)	"- E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa do outro [...]" (p. 333)	x	x
SEQUÊNCIA 4 (p. 333-337)	x	x	"- Por onde é que a gente passa, p'ra poder ir ver se êle morreu?" (p. 336)
SEQUÊNCIA 5 (p. 337-338)	x	x	x
SEQUÊNCIA 6 (p. 338-339)	x	x	x
SEQUÊNCIA 7 (p. 339-340)	x	x	x
SEQUÊNCIA 8 (p. 340-343)	x	x	x
SEQUÊNCIA 9 (p. 343-346)	x	x	x
SEQUÊNCIA 10 (p. 346-348)	x	x	x
SEQUÊNCIA 11 (p. 348-350)	x	<p>"- Pois então, vamos, que Deus lhe pagará!" (p. 349)</p> <p>"- Vamos chegando!" (p. 350)</p>	x

SEQUÊNCIA 12 (p. 350-354)	x	x	"-Diz'que o tal tomou reforço, com três topas de serranos, mas é só a gente chegar lá, para não se ver ninguém mais..." (p. 350)
			"- Mas a gente nem pode mais ter o gosto de brigar, porque o pessoal não aparece [...] (p. 350)
			"- A gente não ia passar, porque eu nem sabia que aqui tinha este comércinho..." (p. 351)
			"- Por isso a gente deu tanta volta." (p. 351)
			"- A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinas..." (p. 353)
SEQUÊNCIA 13 (p. 354-355)	x	x	x
SEQUÊNCIA 14 (p. 355-357)	x	x	x
SEQUÊNCIA 15 (p. 357-361)	x	x	x
SEQUÊNCIA 16 (p. 361-362)	x	x	x
SEQUÊNCIA 17 (p. 362-365)	"- Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!..." (p. 362)	x	"- Oh coisa boa a gente andar sôlto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!" (p. 362)
	" – Nós estamos de saída, mas ainda falta ajustar um devido [...]" (p. 363)		
SEQUÊNCIA 18 (p. 365-370)	x	" – Vamos logo cumprir a nossa obrigação..." (p. 366)	x
TOTAL	3	5	8

TABELA A.4: Perto do coração selvagem (1943)

LOCALIZAÇÃO		SUJEITO A - NÚCLEO		
		NÓS	Ø	A GENTE
PRIMEIRA PARTE (p. 13-101)	O PAI... (p. 13-17)	x	x	x
	O DIA DE JOANA (p. 18-24)	x	"Vamos chorar juntos, baixinho". (p. 22)	x
			"Durmamos de mãos dadas". (p. 22)	
			"Durmamos sobre Deus e o mistério, nave quieta e frágil flutuando sobre o mar, eis o sono". (p. 22)	
... A MÃE... (p. 25-30)	x	"Mas vivíamos juntos". (p. 28)	x	
O PASSEIO DE JOANA (p. 31-34)	x	x	x	

	... A TIA... (p. 35-42)	x	x	<p>“E a gente fica quieta esperando, como dentro de uma igreja”. (p. 41)</p> <p>“Quando a gente toca são frios”. (p. 41)</p>
	ALEGRIAS DE JOANA (p. 43-48)	x	x	x
	... O BANHO... (p. 49-72)	“Você sabe, nós nunca teríamos internado Armanda, mesmo que ela roubasse a livraria inteira”. (p. 51)	“Ambos respirávamos palpitantes e novos”. (p. 71)	<p>“Quando a gente rouba e tem medo. Eu não estou nem contente nem triste”. (p. 50)</p> <p>“Mas tendo a coisa mais alta, disse ela devagar, a gente por assim dizer já não tem as que estão abaixo”? (p. 55)</p>
	A MULHER DA VOZ E JOANA (p. 73-78)	x	x	x
	... OTÁVIO... (p. 79-101)	x	<p>“Sonhei que íamos os dois por um campo cheio de flores, que eu colhia lírios para você, que você estava toda de branco”. (p. 89)</p> <p>“Quando vamos casar”? (p. 89)</p>	x
SEGUNDA PARTE (p. 105-202)	O CASAMENTO (p. 105- 112)	x	x	x
	O ABRIGO NO PROFESSOR (p. 113-117)	x	“- Bem, de que estávamos falando?” (p. 115)	x

	A PEQUENA FAMÍLIA (p. 118-131)	x	"Por isso é que vemos multiplicarem-se os remédios destinados a unir o homem às ideias e instituições existentes — a educação, por exemplo, tão difícil — e vemo -lo continuar sempre fora do mundo que ele construiu". (p. 121)	"No começo dói um pouco, mas depois a gente se acostuma". (p. 120)
	O ENCONTRO DE OTÁVIO (p. 132-138)	x	x	x
	LÍDIA (p. 139-156)	"- Nós nada dissemos ainda..." (p. 142)	"E precisamos falar..." (p. 142)	"Porém um minuto mais e a gente não sabe se é de poder ou de absoluta impotência, assim como querer com o corpo e o cérebro movimentar um dedo e simplesmente não consegui-lo". (p. 154)
			"Se falássemos nele seria pelo menos agora sem interesse nem ardor..." (p. 142)	" - A gente se sente bem, dissera Lídia arrastada, os olhos abertos". (p. 155)
			" Deixemos tudo para outro dia". (p. 142)	x
		" Nós duas formaríamos uma união e forneceríamos à humanidade, sairíamos de manhã cedo de porta em porta, tocaríamos a campainha: qual é que a senhora prefere: meu ou dela? e entregaríamos um filhinho." (p. 144)	"- É absurdo perdermos essa ocasião..." (p. 142)	
		"- Nós duas temos a bacia larga". (p. 155)	"Sim, compremos o artigo, compremos o artigo". (p.142)	
	" Deixemos tudo para outro dia". (p. 142)			

			" - Não sei, não tocamos no seu nome". (p. 146)	
	O HOMEM (p. 157-162)	x	x	x
	O ABRIGO NO HOMEM (p. 163-173)	x	x	"Então ergueu-se um homem ténue e rápido como a brisa que sopra quando a gente está triste e disse de longe: eu". (p. 165)
	A VÍBORA (p. 174-185)	"- Nós não saberíamos como fazê-lo viver..., veio a voz de Joana". (p. 184)	x	x
	A PARTIDA DOS HOMENS (p. 186-193)	x	x	x
	A VIAGEM (p. 194-202)	x	x	x
	TOTAL	5	17	8